

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

**DA VOZ À LÍNGUA: A PROSÓDIA MATERNA E O
DESLOCAMENTO DO SUJEITO NA FALA DIRIGIDA AO BEBÊ**

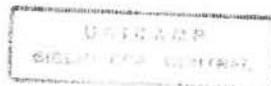
Tese apresentada ao Curso de Lingüística do
Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Profa. Dra. Ester Miriam Scarpa

Campinas

Instituto de Estudos da Linguagem

1999



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C314d Cavalcante, Marianne Carvalho Bezerra
Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito -
na fala dirigida ao bebê / Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante - -
Campinas, SP: [s.n.], 1999.

Orientador: Ester Miriam Scarpa
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto -
de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição da Linguagem. 2. Prosódia. 3. Interação Lingüística.
I. Scarpa, Ester Miriam. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Profa. Dra. Ester Miriam Scarpa - Presidente

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

Profa. Dra. Maria Fausta Pereira de Castro

Prof. Dr. Luís Antônio Marcuschi

Profa. Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	11111111
V.	38251
H.	229/99
P.	R\$ 11,00
DATA	30/08/99
N.º C.D.	

CM-00134305-B

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Marianne Carvalho
Bezerra Cavalcante
e aprovada pela Comissão Julgadora em
29 / 03 / 99.
Dra. ESTER MIRIAN SCARPA

*“...acho que minha mãe casou
com o computador...”*

à Marina e José Paulo

pelo amor e cumplicidade

Agradecimentos

À Profa. Dra. Ester Miriam Scarpa orientadora e cúmplice neste aprendizado não apenas acadêmico-científico, mas, sobretudo, uma experiência de vida, envolvendo uma grande amizade.

Não tenho palavras para agradecer às amigas Verônica e Maria Laura que permitiram invadir o seu cotidiano e “bisbilhotar” suas vidas. À Vitória e Vítor, cujo crescimento acompanhei em meio a muitas brincadeiras e sorrisos.

Às Profas. Dras. Maria Irma Hadler Coudry e Maria Fausta Pereira de Castro pelas importantes críticas e sugestões feitas a este trabalho no exame de qualificação.

Ao Programa de Linguística da UNICAMP e ao CNPq pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço à Luís Antônio Marcuschi pelo estímulo à pesquisa e otimismo desde os tempos do Mestrado.

À amiga Maria da Conceição Lyra (Maninha) por me inserir nos caminhos da Aquisição da Linguagem.

À Glória Carvalho pela amizade e incentivo desde sempre.

A todos os amigos que embarcaram comigo nesta aventura, em especial Carla Cunha - pelo “aconchego”, Aldir e Ana Maria, cujo apoio afetivo sempre foi/é fundamental.

A meus pais pelo apoio incondicional. À Carmen (Cacá), minha irmã, por fazer às vezes de mãe para Marina.

SUMÁRIO

Introdução	09
I. A fala materna como objeto de estudo	09
II. Recursos linguísticos, paralingüísticos e extralingüísticos	21
II.1 Os parâmetros prosódicos e paralingüísticos de Crystal	21
II.2 Laver e Crystal: diferentes perspectivas	25
II.3 Definindo termos	30
III. Metodologia	36
III.1 Seleção do corpus	37
III.2 Transcrição dos dados	38
1. A fala afetiva	41
1.1 A prosódia materna	47
1.2 Modulando contextos e emoção	50
1.3 Nos caminhos do adaptativo: a teoria de Fernald	53
1.4 Um estudo instrumental fonético-acústico da fala de mães brasileiras	60
2. A fala atribuída	84
2.1 O(s) conceito(s) de interação	87
2.2 O papel da interpretação: nos caminhos da interação mãe-bebê	88

2.3 O “ <i>como se</i> ” ao longo do tempo	94
3. A fala recortada/ritmada. O lugar da vocalização do infante	
no discurso materno	129
3.1 Os sons da infância	129
3.2 Percepção/produção: percorrendo caminhos prosódicos	138
3.3 Assumindo uma posição	140
4. O fim do falsetto e a fala enfática: Do infante ao falante	170
4.1 O interacionismo e o papel do falante	171
4.2 Do ritmo à ênfase - o desaparecimento do falsetto	172
4.3 Um outro interlocutor - o pai	175
4.4 O infante é o falante	188
5. Considerações finais	227
6. Referências bibliográficas	231
Anexo	239

ÍNDICE DE QUADROS, FIGURAS E ESPECTROGRAMAS

Quadro 1: Elementos não-segmentais de Crystal	22
Quadro 2: Exemplos de contornos de altura nas vocalizações de aprovação, proibição, atenção e conforto na fala de mães britânicas, americanas, alemães, francesas e italianas para crianças com idade de vinte meses. Extraído de Fernald (1993)	52
Quadro 3: Funções desenvolvimentais da prosódia na fala dirigida ao infante	54
Quadro 4: Caracterização dos tipos de fala atribuída	117
Quadro 5: Caracterização dos tipos de fala recortada/ritmada	165
Figura 1: Comparação entre o trato vocal do adulto e do bebê	138
Exemplo 1: espectrograma [a:ĩ:]	68
Exemplo 2: espectrograma [iʃima'ria]	69
Exemplo 3: espectrograma [ka'dewpaíasĩudi'vitu]	72
Exemplo 4: espectrograma [ki'pɛ fɛdo'rẽtu]	73
Exemplo 5: espectrograma ['nãw vitĩũ]	75
Exemplo 6: espectrograma ['prõtu]	77
Exemplo 7: espectrograma ['o: 'mã:ĩ]	78

RESUMO

Neste trabalho questionamos o conceito de “manhês” e sua mais recente perspectiva teórica, universalista e “neodarwinista” (Fernald, 1993), que destaca o caráter pré-adaptativo das modificações prosódico-afetivas da fala materna para a aquisição da linguagem. Ao replicarmos os experimentos de Fernald, constatamos que nossos resultados não se coadunam com os da autora. Propomos então uma perspectiva interacionista para o fenômeno, na qual a fala materna é compreendida enquanto movimento interpretativo, principal responsável pela inserção da criança na língua. A mãe, desde o nascimento, concebe o bebê como um parceiro dialógico, atribuindo-lhe “voz” - na *fala atribuída*, instância inicial de funcionamento da língua. Na modalização vocal materna, através do falsetto e da fala infantilizada, há uma marcação prosódica do lugar discursivo do infante. Este lugar desloca-se por volta dos nove meses, quando começam a surgir outras falas: *a recortada e a ritmada*. Diante de um infante mais ativo vocalmente (entre doze e quinze meses), a fala materna volta-se para um trabalho sobre a língua. O papel materno é agora mais ainda de organizador do contínuo da fala da criança, marcando a cadência da produção infantil, na *fala ritmada*, e recortando, em falsetto, as produções da criança em unidades lingüísticas, tornando-as salientes, na *fala recortada*. A criança que até então se encontrava a mercê da fala materna, começa (quinze meses) a se posicionar como um falante, assumindo o seu lugar de sujeito, que se desloca para outros lugares, como a mãe. A fala materna abandona o falsetto - que sempre configurou o lugar discursivo do infante - e se configura como *fala enfática*, destacando itens lexicais do contínuo sonoro infantil, através do alongamento na sílaba final. O desaparecimento do falsetto pontua a estruturação e o deslocamento de um outro sujeito: a criança.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem; Prosódia; Interação Lingüística

ABSTRACT

In this work we question the notion of "motherese" and its more recent theoretical, universalist and neo-darwinist, perspective (Fernald, 1993), which emphasizes the pre-adaptative character of prosodic-affective modifications of maternal speech for language acquisition. We replicated Fernald's experiments and verified that our results do not match Fernald's ones. Then we put forward an interactionist perspective to explain this phenomenon. According to it, the speech directed to the infant is seen as an interpretative movement, which is the main factor of the insertion of the infant into the language. The mother, since birth, conceives the baby as a dialogue partner, attributing "voice" to him/her - this is the attributed speech, initial instance of the functioning of the language. In the mother's vocal modalizations through the use of falsetto and infantilized speech, there is the prosodic mark of the infant's discursive place. This place moves towards 9 months, when other "speeches" start to appear: the spotted-out and the rhythmic speeches. Facing a vocally more active infant (around 12 and 15 months), the mother's speech engages itself in work on the language. The mother's role is now even more of an organiser of the speech continuum of the child, by working the cadence of the child's production (the rhythmic speech) and by cutting out units of the speech of the child with falsetto (spotted-out speech). The child that so far was at the mercy of the mother's speech, starts to (15 months) position him/herself as a speaker, thus assuming his/her place as a subject. As such he/she will move to other places, as his/her mother. The mother's speech abandons the falsetto - the marking of the discursive place of the infant - and her speech is configured as emphatic speech, by detaching lexical items from the child's sound continuum, through the lengthening of the final syllable. The disappearance of the falsetto punctuates the structuring and displacement of another subject: the child.

Introdução

I. A fala materna como objeto de estudo

Este trabalho centra-se no estudo das modificações de fala materna endereçadas ao infante. O nosso intuito é acompanhar as mudanças vocais prosódicas, paralingüísticas e extralingüísticas na voz materna, na relação dialógico-interativa entre mãe e bebê. Para tanto, o questionamento da natureza da categoria que a literatura chama de "manhês" (*motherese*) far-se-á necessário.

Para apresentar nossa proposta, partiremos primeiramente de estudos que enfatizam o caráter inatista-adaptativo das características prosódicas da fala materna (sobretudo Fernald, 1985; 1993), numa perspectiva francamente neodarwinista. Segundo o modelo de Fernald (op.cit.), as saliências prosódicas características do manhês funcionariam como moduladoras primeiro de atenção e afeto e, posteriormente, modulariam estruturas mais lingüísticas para a criança, como por exemplo, marcas prosódicas possibilitariam a identificação de unidades lingüísticas, pois a focalização de palavras e/ou constituintes gramaticais ajudariam o infante a identificar unidades lingüísticas nas elocuções; assim, as palavras e estruturas lingüísticas começariam a emergir da melodia da fala dirigida ao bebê.

As configurações prosódicas do manhês seriam consideradas universais, independentes de restrições culturais, porque o que está em jogo é o caráter pré-adaptativo deste tipo peculiar de fala; ou seja, o bebê já nasce pré-programado a perceber determinadas saliências prosódicas - como as curvas de altura elevadas - na fala materna. E a relação entre estas saliências prosódicas e os contextos de afetividade nos quais emergem funcionaria como via de acesso da criança ao lingüístico. Como corpo de evidência, a autora desenvolve estudos experimentais em diversas culturas, mostrando o

mesmo tipo de características vocais na fala endereçada ao infante. Maiores detalhes sobre a proposta de Fernald (op. cit.) serão vistas no capítulo 1.

Nossa proposta visa contrapor esta perspectiva inatista do manhês, assumindo uma análise interacionista (de Lemos, 1992; 1995; Lier-De Vitto, 1994, Guimarães de Lemos, 1994, Carvalho, 1995; Faria, 1996; Castro, 1997a e b; entre outros), na qual a interpretação materna funciona como via de inserção e sustentação da criança na língua. Para isso, partimos de um estudo instrumental para testar o modelo de Fernald e propomos, em seguida, uma análise não-experimental, naturalística e longitudinal da fala materna na dialogia com o seu bebê. Através da análise da língua em uso, isto é, no funcionamento lingüístico-discursivo, torna-se-á possível compreender o papel deste tipo peculiar de fala materna.

O "input"

Na década de setenta, muitos foram os estudos que se detiveram no manhês. Por sua peculiaridade, diversas foram as pesquisas (Snow & Ferguson, 1977) preocupadas em atribuir alguma função a esta fala. Centrados na natureza da fala materna, a principal conclusão a que chegaram é de que tal fala funcionaria como "input" para a criança pequena, e extraíndo dela categorias lingüísticas, o infante "aprenderia" a língua. Características morfológicas, sintáticas e fonológica-segmentais têm sido apontadas na fala dirigida ao infante, tais como: graus de repetitividade e simplificação, clareza, brevidade, modificações na frequência fundamental, uso de falsetto, etc.

A denominação deste tipo de fala tem mudado ao longo dos estudos que a tem como objeto de análise. A mudança de nomenclatura na referência a esta fala peculiar demonstra o lugar teórico desta, nos trabalhos e teorias em aquisição da linguagem. Para entendermos melhor o lugar desta fala, tentaremos delinear os termos utilizados para nomeá-la.

Essa linguagem é definida como aquela dirigida à criança pequena, apresentando modificações em relação à fala utilizada em circunstâncias normais. Tipicamente consiste de pequenas sentenças gramaticais, muitas repetições, simplicidade sintática, elevação de altura, entonação exagerada² e grande número de perguntas e imperativos. É caracterizada também pela inclusão de itens lexicais infantilizados e da modificação da articulação de certos segmentos. Essas simplificações são utilizadas devido à imagem que se faz das dificuldades lingüísticas das crianças pequenas. Garnica (1977) chamou atenção para a presença de curvas de altura elevadas e padrões de entonação exagerados; essa caracterização prosódica da fala dirigida à criança pequena tem sido confirmada por chineses (Griesel & Kulh, 1988), japoneses (Masakata, 1992) e em várias línguas européias (Fernald, Taeschner, Dunn, Papousek, Boysson-Bardies and Fukui, 1989). Estudos mostram a preferência por elevadas curvas de altura pelos bebês através das respostas a estas curvas de altura com vocalizações e sorrisos (Fernald, 1985; Masakata, 1992). Tais modificações prosódicas apresentam-se apenas diante de crianças muito pequenas, a fala endereçada a crianças mais velhas, com cinco anos, por exemplo, não tem mais os ajustes prosódicos descritos acima (Garnica, 1977).

Uma outra característica desta fala é o uso de itens lexicais infantilizados ou em diminutivo como "gatinho"- para gato, "dodói"- para ferimento, etc, bem como o uso de onomatopéias como au-au – para cachorro, piu-piu – para pintinho, miau – gato, utilizados devido à palavra original ser julgada como “ difícil de pronunciar ” ou para reproduzir processos fonológicos correntes na fala inicial da criança.

¹ Traduzimos 'baby talk', nesta tese, como fala infantilizada.

² Nunca esteve muito claro o que a literatura entende por “ padrões de entoação exagerados ”. Observando os exemplos constantes na literatura, e os nossos próprios exemplos, entendemos tratar-se de um cruzamento entre maior número de variações de altura num contorno, maior divisão do enunciado em unidades entonacionais e maior âmbito de altura dentro do contorno, isto é, variações no parâmetro de tessitura. O resultado são contornos entonacionais que abrangem níveis de altura mais alargados (com limiares mais baixos e mais altos) em comparação com os da fala do adulto dirigida a outro adulto, em situação mais formal de fala, ou em textos lidos.

A noção de que a fala dirigida à criança pequena é mal formada sintática ou semanticamente tem sido diluída segundo Garton (1992). Para a autora, a linguagem endereçada à criança é simplificada, bem formada e largamente significativa. Do ponto de vista temporal e espacial, é centrada no "aqui e agora", apresentando grande número de repetições e paráfrases. Este tipo de fala endereçada ao infante difere da fala endereçada aos adultos, mas ajusta-se ao tipo de linguagem das crianças pequenas. Como destaca Snow (1977), os ajustes de fala endereçada à criança variam de acordo com a idade do infante, sua idade reflete o estágio de desenvolvimento que pode ser identificado pelo adulto e que guia as concepções sobre o tipo de compreensão e habilidade lingüística da criança.

Os estudos citados e brevemente descritos centram-se nos ajustes da fala do adulto quando diante de um interlocutor muito jovem – o bebê. A ênfase aqui está no exame e descrições do tipo de fala endereçada a este bebê. Nesta perspectiva, incluem-se não só os ajustes de fala produzidos por pais e mães, mas por qualquer um que enderece sua fala ao infante (Garnica, op. cit.), inclusive crianças mais velhas. O papel atribuído a tais ajustes é o de facilitar o desenvolvimento da linguagem, fica em aberto a maneira que ocorre essa tal facilitação.

A hipótese do manhês

Quando os trabalhos voltaram-se para a fala materna dirigida à criança pequena - o manhês, a perspectiva mudou, pois partia da hipótese de que os adultos em geral e as mães em particular suprem suas crianças com "lições de linguagem". Mas para Snow (1986), a interpretação de que a fala da mãe é didática é uma simplificação grosseira e destaca que as modificações de fala são devido à necessidade de comunicação da mãe com seus filhos, do que um ensino explícito da fala.

A “ hipótese do manhês ” foi construída para testar o impacto da fala materna sobre o desenvolvimento das estruturas de linguagem das crianças. Foi apresentada num artigo de Gleitman, Newport & Gleitman (1984), no qual propunha que

“ propriedades especiais de trocas entre parceiros na fala desempenhariam um papel causal na aquisição ” (p. 45).

Existem estudos bem documentados sobre o papel de ensinar linguagem ao infante (Cazden, 1983), como o ensino de regras pragmáticas como saudações (alô) e convenções (obrigado). O uso da nomeação também tem sido amplamente destacado nos estudos aquisicionais (Ninio & Brunner, 1978, apud Garton, 1992). No entanto, apesar de todo o aparato de aprendizagem oferecido pelo manhês, alguns estudos não têm encontrado um relacionamento entre o "input" materno e o desenvolvimento da linguagem da criança. Cross (1977) e Newport, Gleitman & Gleitman (1977), por exemplo, falharam na procura de correlações entre a fala materna (incluindo avaliação de complexidade estrutural e inteligibilidade) e o desenvolvimento da gramática na criança (codificados via avaliação de complexidade sintática como MLU - “mean length of utterance” - e o uso de estruturas auxiliares). Outros estudos também não encontraram qualquer relacionamento entre o "input" materno e o desenvolvimento semântico infantil (Snow, 1977).

A fala dirigida à criança

Este termo tenta recuperar um pouco do papel da criança como um parceiro ativo no processo interativo. A natureza facilitativa desta fala para o desenvolvimento da linguagem é considerada elevadíssima, e os aspectos sociais da interação conversacional necessária são também tomados em consideração. Aqui, a idéia é de que a fala dirigida à criança facilita o desenvolvimento da linguagem infantil porque o adulto está atuando

como um parceiro conversacional e está ativamente envolvendo a criança numa troca interverbal (Snow, 1986, 1989, 1995).

Como coloca Snow (1995), a afirmação de que o “input” era mal formado, incoerente e complexo serviu de base para argumentos inatistas (Chomsky, 1965)

“ de que a pobreza do input tinha que ser compensada pela estrutura inata existente no indivíduo que estava aprendendo a linguagem ”

(Snow, op. cit.:153).

Mas esta concepção foi contestada em uma série de estudos que descreveram quantitativamente os tipos de fala dirigida a crianças pequenas (Snow, 1977, 1986). Tais estudos apóiam hoje a noção de que a fala dirigida à criança difere da fala entre os pares em uma série de aspectos (destacados nas diferentes nomeações desta fala enumeradas acima).

A autora destaca as principais questões que envolvem a fala dirigida à criança (FDC³) desde a sua demonstração como um “ registro ” distinto da conversa adulto-adulto, como: sintonia (ou ajustes, vistos no *baby talk*), universalidade, caráter facilitador, essencial ou irrelevante desta fala. No que concerne à universalidade, Snow (op. cit.) ressalta que aspectos específicos da fala dirigida à criança da classe média branca americana podem não existir, neste tipo de fala, em comunidades como dos samoanos, maias k'iché, kaluli ou qualquer outra comunidade lingüística ainda não estudada⁴. Mas destaca que não há alegações sérias de que esta fala (FDC) não possa ser distinta da fala direcionada ao adulto em qualquer outra cultura. Como também, não há argumentos de que os ajustes encontrados na fala de mães de classe média branca americana seriam os únicos elementos facilitadores do desenvolvimento da linguagem.

O efeito facilitador do “ input ” gira em torno das formas de exposição da criança à linguagem

³ Em inglês Child Addressed Speech.

⁴ Ver discussão detalhada no capítulo 1.

“ como um elemento desencadeador ou catapulta, lançando a criança no sistema da linguagem com um único arremesso, ou como uma fonte de oportunidades para a aprendizagem gradual ” (Snow, 1995 p. 158).

A fala interativa da criança

Esta frase enfatiza a importância da linguagem como comunicação e destaca a contribuição de ambos os participantes na interação para o desenvolvimento da linguagem.

Porém, conforme o termo vai mudando, o fenômeno vai se adaptando aos novos ventos trazidos pela teoria lingüística “ oficial ”. Assim, do “ input ”, que era nos anos 70 e parte dos anos 80, considerado comunicativo, adquirido e peculiar de cada língua e cultura, passa a ser interpretado como, pelo menos parcialmente, inato. Assim é que estudos recentes (Fernald & Kuhl, 1987; Hirsh-Pasek et al., 1987; Kemler-Nelson, Hirsh-Pasek, Jucksyk & Cassidy, 1989) apontam para uma provável habilidade inata do infante que orienta e distingue aspectos da fala do adulto que têm valor comunicativo, como as pausas nas palavras ou limites de frases. Tal habilidade facilitaria a fala posteriormente.

Os termos, como se pode observar, enfatizam cada qual uma perspectiva teórica, desde a noção de “input”, passando por uma perspectiva mais facilitativa, até uma noção “interacionista” e comunicativa. Se para as primeiras a criança é um mero receptor de certas características formais, tenta-se resgatar a criança, atribuindo-lhe um papel mais ativo (no interativo e/ou comunicativo), mas sua atividade mantém-se, pelo menos em parte, nos limites do inatismo.

A nomenclatura tem mudado desde a adoção do termo “baby talk” por pesquisadores da linguagem em 1970, mas, essencialmente, o conceito de que as modificações sistemáticas de fala acontecem quando estamos diante de um infante permanece. Resta saber que papel atribuir a elas no processo aquisicional. É justamente o que procuramos desenvolver ao longo desta tese.

A atribuição de um lugar para o chamado “manhês” nos estudos aquisicionais toca não só o estatuto deste tipo peculiar de fala, como também a própria constituição de uma teoria que dê conta do seu papel para a aquisição (ver a este respeito, Guimarães de Lemos, 1994). Como vimos no tópico anterior, mesmo a adoção de uma perspectiva interacionista (na fala interativa da criança), se alicerçada em noções comunicativas, não consegue desvincular-se do papel de “input ” atribuído a este tipo de fala. Mas por que a desvinculação do “input” não é possível se estamos no universo das trocas comunicativas, nas quais a criança tem um papel ativo?

Ao conceber a criança como um participante ativo nas trocas interativas, invocando o conceito de “comunicação”, esta alicerça-se numa concepção de intersubjetividade, isto é, de dois sujeitos constituídos apropriando-se de algo que lhes é externo - a linguagem. Ou melhor, de um sujeito “regulador” e/ou “mediador” - o adulto - estabelecendo a ponte entre a criança e a linguagem. A interação neste universo se define como estruturas de ação e atenção humanas nas quais a criança é introduzida pelo interlocutor adulto, através da atribuição intencional de significados e intenções ao comportamento infantil (Castro, 1995).

Questionando o caráter “facilitador” do papel do adulto nas teorias interacionistas de base comunicativa, de Lemos (1986; 1992) e também Castro (1995) chamam a atenção para a

“ existência de um conhecimento dado previamente sob a forma de representações mentais ” (de Lemos, 1992: 122),

nestas teorias. Tal conhecimento se apresenta no reconhecimento de intenção e significado na fala do adulto pela criança. A linguagem pois, nesta perspectiva, necessita **apenas** de esquemas interacionais comunicativos para se tornar presente (Bruner, 1975).

Ao destacar a falência na proposta dos trabalhos interacionistas, como os de Bruner (1975) e Halliday (1975), sobre a continuidade entre o comunicativo e o lingüístico, de Lemos (1986) mostra que a hipótese de uma continuidade estrutural entre a comunicação pré-lingüística e a linguagem, proposta por Bruner (op. cit.) - e também a hipótese funcionalista de Halliday (op. cit.),

“ contém em si mesma a negação de seu pressuposto. Isto é, de que a interação social é constitutiva do processo de aquisição da linguagem ”

(de Lemos, op. cit.: 241).

Pois, como ressalta a autora, linguagem e interação são representados, nestes trabalhos, em domínios separados de conhecimento para a criança. A construção do conhecimento lingüístico, então, se concebe como dependente da construção no outro domínio.

No entanto, como colocam as autoras, remeter a representações mentais postas em funcionamento através de esquemas comunicativos não é uma explicação suficiente para justificar a aquisição da língua pela criança.

Diante deste panorama e tentando desvincular-se dele, de Lemos (1986, 1992, 1995) desloca-se da noção de comunicação para a retomada da concepção saussureana de língua como sistema, reinterpretada por Lacan, - do outro funcionando como “instância de língua constituída” (de Lemos, 1992). Mas em que isto implica para a aquisição?

O deslocamento da noção de comunicação para a de língua (sistema) permite inserir “ a interpretação ” como lugar da fala do adulto nos estudos aquisicionais. Pois para de Lemos (1992) o adulto é uma instância do funcionamento da língua, lugar de processos lingüístico-discursivos, a que a criança é submetida pela interpretação e significada enquanto falante. Neste sentido, é através da interpretação que o adulto dá sustentação à fala da criança, inserindo-a na língua.

Segundo Castro (1997a), a interpretação envolve identificação e estranhamento⁵:

*“ A interpretação da mãe dá-se entre um movimento de **identificação** ou reconhecimento de uma língua, de um determinado universo discursivo, do que lhe soa como familiar, como seu; e um **estranhamento**, provocado pelos deslocamentos da língua na fala da criança. Não se trata aí de um julgamento de atribuição, implícito ou explícito, como “isto se diz”, “isto não se diz”, mas de um ser falante que, por esse fato, está sob os efeitos da fala da criança ” (p. 83, grifo nosso).*

Assim sendo, é na articulação entre mesmo (identidade - fusão) e outro (estranhamento - diferenciação), ou seja pela interpretação, que a criança se insere na língua, já que sua constituição enquanto fala, enquanto língua depende do outro. Como coloca Castro (1997b)

“ a interpretação no quadro dessas questões deve ser tomada como efeito: efeito da fala do outro na fala da criança, efeito da fala da criança na fala do adulto e efeito que a fala da criança promove no seu próprio processo de aquisição ” (p.126).

Estes efeitos produzidos pela interpretação podem ser compreendidos como lugares discursivos ocupados pela criança, ao longo de sua trajetória como falante. Desta forma, um primeiro lugar seria a sua total dependência à fala do outro; uma segunda posição seria a de submetimento ao próprio funcionamento da língua - processos metafóricos e metonímicos⁶, e um terceiro, seria estranhamento de sua própria fala, isto é, passar de interpretado a intérprete, quando surgem as auto-correções, hesitações, etc. (ver a este respeito, Carvalho, 1995 e de Lemos, 1997a). Em nossos dados, conforme

⁵ Estas noções estão na base dos processos de especularidade e complementaridade, apresentados por de Lemos (1982), retomados por Scarpa (1985) enquanto fusão e diferenciação.

veremos ao longo da tese, a observação deste deslocamento discursivo também se efetua do ponto de vista da fala materna dirigida ao bebê, uma vez que a fala materna também é afetada pelo outro-bebê. Especificamente, observamos o deslocamento subjetivo que se dá a ver nas caracterizações sobretudo prosódicas que a(s) fala(s) materna vai/vão assumindo ao longo do tempo na dialogia com o seu bebê.

Com este quadro de referência, contesta-se o que a literatura em aquisição da linguagem chama de “input” e comunicação, pois, ao invés de comunicação, tem-se a inserção do sujeito na língua (de Lemos, 1992 entre outros; Guimarães de Lemos, 1994) através da interação dialógica. Esta inserção, compreendida pelo viés da fala materna, traz à tona a passagem de gesto e voz, de corpóreos, para simbólicos através da significação e interpretação maternas que dão sentido às manifestações gestuais e vocais do bebê. Desta forma, ao invés de desenvolvimento, tem-se o deslocamento do sujeito com relação à língua. A criança é significada pela mãe e se subjetiva nas interações com o outro. A noção de desenvolvimento vai ser vista como o processo de deslocamento da posição/relação do sujeito com a língua.

Os capítulos

Esta obra se inicia (Capítulo 1) com a apresentação e discussão do modelo teórico desenvolvido por Fernald (1985, 1993), cuja perspectiva universalista, neodarwinista, toma as modificações da fala materna como um mecanismo pré-adaptativo. Contestando essa proposta, desenvolvemos ao longo do capítulo um estudo instrumental com díades brasileiras (D1 e D2) seguindo os parâmetros prosódicos analisados pela autora em seus trabalhos. Os resultados demonstram diferenças, tanto com relação à estruturação dos contextos afetivos, como em relação ao seus contextos de uso.

⁶ Discutidos no Capítulo 2.

A partir desses resultados, propomos uma abordagem alternativa de base interacionista, que compreende a fala materna enquanto discurso e só podendo ser explicada se tomarmos em consideração o processo dialógico de ocorrência ao longo do tempo e não amostras pontuais e unilaterais da produção de fala materna. Assim, os próximos capítulos abordarão as modificações da fala materna enquanto deslocamentos do sujeito e deslocamentos do papel discursivo atribuído ao bebê.

O Capítulo 2 acompanha o desenrolar da atividade interativa mãe-bebê ao longo dos nove primeiros meses, caracterizando a estruturação da fala materna neste momento, a *fala atribuída*, e o seu papel no processo interativo: marcar o papel locutório do bebê na dialogia.

O Capítulo 3 descreve o período compreendido entre os nove e os catorze/quinze meses de interação com o infante; período em que a fala atribuída deixa de existir, já que o bebê passa a assumir os seus turnos, recortando principalmente o acento frasal dos enunciados maternos e produzindo jargões, e que as modificações mais salientes da fala materna, como o falsetto, estruturam-se como um outro tipo de fala, a *fala recortada*, caracterizada pela incorporação de fragmentos vocais do infante. Além desta, uma outra fala torna-se saliente, a fala ritmada, que marca o início da nomeação no discurso materno.

O Capítulo 4, que considera a faixa que vai dos quinze aos dezoito meses de vida do infante, centra-se no final do uso da qualidade de voz falsetto, que acompanhou as interações com o infante desde o seu nascimento. A partir deste momento, a fala materna começa a perder as características do chamado “manhês”. O infante também passa a se constituir como um interlocutor bem mais ativo vocalmente, produzindo recortes de blocos prosódicos maiores da fala materna.

As considerações finais destacam a possibilidade de compreender o papel desta fala peculiar, o chamado “manhês”, como exercendo um funcionamento lingüístico-discursivo, através de recursos suprasegmentais como a voz, nos processos dialógicos entre mãe e bebê ao longo do tempo. Destaca-se, aqui, o papel da interpretação materna como via de sustentação e inserção do infante na língua.

II. Recursos Lingüísticos, Paralingüísticos e Extralingüísticos.

Interessados no estatuto lingüístico do chamado “manhês” - sobretudo na qualidade de voz materna, detemo-nos agora nos estudos que venham dar conta deste objeto de pesquisa, inseridos no campo da fonética, mais especificamente nos estudos da prosódia.

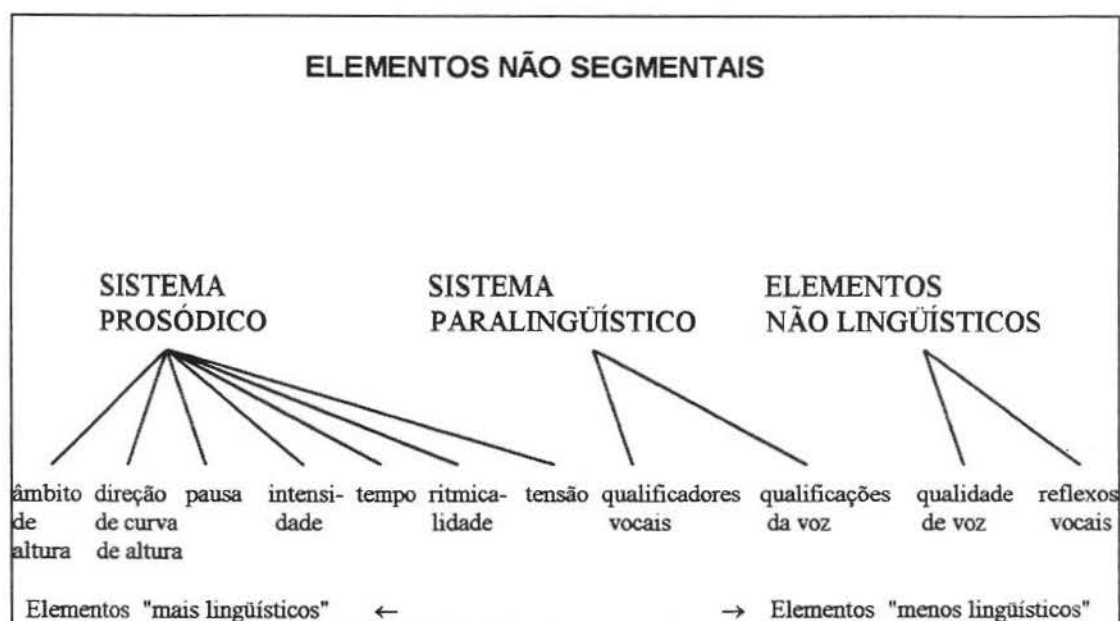
II.1. Os “parâmetros” prosódicos e paralingüísticos de Crystal.

Segundo Crystal (1969), estudos fonéticos suprasegmentais envolvem sistemas prosódicos, paralingüísticos e elementos não lingüísticos. Para ele, a distinção entre os traços “prosódicos” e “paralingüísticos” de um enunciado pode ser feita em parte sobre uma base funcional e em parte sobre uma base fonética.

Do ponto de vista funcional, elementos prosódicos e paralingüísticos referem-se a todos os efeitos vocais não segmentais que têm algum grau de sistemacidade e convencionalidade na língua. Em virtude da variação no grau de sistemacidade, Crystal (op. cit.) propõe uma escala funcional (quadro 1) de forma a organizar estes elementos com base em sua função lingüística. Tal escala⁷ abrange desde elementos de maior sistemacidade, passíveis de descrição enquanto sistemas de contrastes e de relação com outros aspectos das estruturas lingüísticas, até elementos com pequeno grau de contrastividade e padronização interna. A organização se dá através da categorização dos elementos não segmentais em uma sequência ordenada, na qual os elementos do sistema prosódico estão em seu extremo “mais lingüístico” e os elementos do sistema paralingüístico em seu extremo “menos lingüístico”. Há também a inclusão, entre os elementos não segmentais, da categoria de elementos como qualidade vocal e reflexos

⁷ Crystal (1969) propõe tal escala mesmo admitindo que o estabelecimento de um contínuo fonológico em termos de função lingüística dos elementos prosódicos e paralingüísticos seja algo hipotético.

vocais. Por não apresentarem uma base contrastiva convencional que lhes confira um "status" lingüístico, tais elementos são tomados como não-lingüísticos. De características individuais, estes elementos não desempenham função lingüística genuína, nem chegam a constituir um sistema de linguagem propriamente dito, segundo o autor. A qualidade vocal, em particular, é referida como "fator idiossincrático não segmental permanente" na fala de uma pessoa (Crystal, op. cit.). Um exemplo de qualidade vocal, para Crystal, é o timbre próprio da voz de cada pessoa, expresso pela frequência fundamental absoluta, que é um dos traços de identidade de voz, definida pelo espectro de longo termo, segundo Figueiredo (1994), tal como voz nasalizada, metálica, etc.



Quadro 1: Elementos não-segmentais de Crystal.

Traduzido de Crystal (1969).

Uma distinção entre os mesmos elementos sob o ponto de vista fonético concebe as características prosódicas como efeitos vocais constituídos pelas variações de altura, intensidade, duração e pausa; já as características paralingüísticas constituem efeitos

resultantes da atuação das cavidades faríngea, oral e/ou nasal. O caráter mais/menos lingüístico sob este ponto de vista também pode ser verificado, uma vez que os elementos prosódicos apresentam maior discretividade do que os elementos paralingüísticos, são menos susceptíveis a variações idiossincráticas e podem, portanto, situar-se entre os elementos com maior caráter lingüístico. Além disso, os elementos paralingüísticos são foneticamente descontínuos na fala encadeada enquanto expoentes de altura, intensidade e duração estão sempre presentes, o que faz com que adições paralingüísticas ao fluxo da fala sejam percebidas sem dificuldade.

Os traços paralingüísticos apresentam dois subconjuntos foneticamente distintos: qualificadores de voz (sussurrado, aspirado, áspero, rangido ou ' creak ', falsetto, ressonante) e qualificações de voz (risada, risadinhas nervosas, tremulação, soluço, choro), que se distinguem basicamente com relação à velocidade e ao tipo de pulsação que participa de suas articulações - fase de expiração com a sílaba. Os parâmetros que caracterizam os qualificadores e as qualificações de voz são os seguintes:

- pressão de ar, de mais forte a mais fraca;
- aspiração oral, de excessiva a inaudível;
- fricção nasal, de audível a inaudível;
- tipo de pulsação, de fortemente periódica a fortemente aperiódica;
- velocidade de pulsação, de lenta a rápida;
- fase com sílaba, de em fase até fora de fase;
- amplitude das cordas vocais, de muito grande a muito pequena;
- vibração das cordas vocais, de vibrante a não vibrante;
- volume das cavidades supra-glóticas, dependente do grau de abertura da mandíbula, de ampla até uma pequena abertura;
- tensão das cavidades supra-glóticas, de tenso a relaxado;
- extensão do movimento glotal horizontal, de amplo a estreito;
- fluxo inspiratório, de audível a inaudível.

Cada parâmetro articulatório destes subconjuntos é mais ou menos variável, não sendo possível delimitar os traços de um modo exato ou absoluto. Sua constituição fonética varia levemente de um indivíduo a outro ao mesmo tempo que mantém um núcleo de similaridade que é a base de sua contrastividade lingüística e convencional. Fatores de compensação e redundância também contribuem para essa variação, de modo que os efeitos auditivos desta variação podem ser produzidos por diferentes combinações de parâmetros. Devido à impossibilidade de uma relativa discretização fonética, os traços paralingüísticos são colocados no ponto mais baixo de qualquer escala de "linguisticalidade". No entanto, estes traços não são semanticamente mais ambíguos do que a maioria dos traços prosódicos. Sua função parece ser "atitudinal", sendo que não há co-ocorrência gramatical significativa para tais traços.

Os traços prosódicos apresentam características não segmentais da fala atribuídas a variações de altura, intensidade, duração e silêncio; outros efeitos vocais são irrelevantes à sua identificação. Estes traços são agrupados em sistemas com base em parâmetros fonéticos dominantes partilhados e cada sistema cobre um determinado tipo de variabilidade, que pode ser discutida independente de variações que estejam ocorrendo em outro local. Pode-se selecionar qualquer termo do sistema sem interdependência (geralmente), pois um termo não é forçado a selecionar um segundo termo de outro sistema simultaneamente. Como também, há uma tendência a co-ocorrência de traços, mas sem sobrecarga, pois na medida em que as possibilidades de co-ocorrência de um traço prosódico refletem sua relativa independência funcional, da mesma forma fornecem pistas para as bases de efeitos semânticos complexos. Os sistemas que agrupam os traços prosódicos são: tom, variação de altura, tempo, intensidade, ritmo e pausa. Disposta no ponto mais alto ou mais lingüístico na escala de "linguisticalidade", a "entonação", considerada dentro da estrutura do sistema prosódico como um todo, é o fenômeno que apresenta contrastividade lingüística máxima dentro da gama de efeitos vocais. Sua função é a distinção de significados.

II.2 Laver e Crystal: diferentes perspectivas

A necessidade de se considerar ou não considerar a polaridade entre segmental e não segmental ou lingüístico e não lingüístico/contrastivo e não contrastivo na análise dos enunciados de uma língua é a divergência entre as visões de Laver (1980) e Crystal (1969). Na perspectiva de Laver (op. cit.), a tríade formada por elementos fonológicos (lingüísticos), paralingüísticos e extralingüísticos se define pela duração destes no tempo. Ao tratar das "posturas articulatórias", este autor afirma que as posturas têm diferentes domínios de tempo e que, sendo polissegmentais por definição, fazem parte de uma sequência maior do que um único segmento. Não há um limite superior para sua extensão no tempo, assim, se usadas com propósitos fonológicos, as posturas geralmente apresentam uma atividade relativamente curta. Já se usadas com propósitos paralingüísticos, numa base de longo-termo, sinalizam informação afetiva através do tom de voz e regulam o progresso das interações conversacionais. Diante de uma base 'quasi-permanente', as posturas podem ser usadas com propósitos extralingüísticos, como um componente fonético de qualidade de voz que identifica o falante individual.

A utilização do tempo como parâmetro para a distinção entre lingüístico (fonológico), paralingüístico e extralingüístico na perspectiva de Laver (op. cit.) permite escapar da polaridade fonético/fonológico, uma vez que propõe uma unidade de análise, a "postura articulatória". Dessa forma faz uma crítica às teorias fonéticas que, em geral, têm privilegiado um determinado modo de segmentação do contínuo da fala, através de seqüências pequenas que correspondem aproximadamente às unidades lingüísticas básicas de vogal e consoante. A preocupação na verdade de tais teorias, segundo o autor, são os usos lingüísticos do aparato vocal. Além disso, destaca o autor, as raízes da Fonética Moderna estão imersas numa cultura ortográfica, cuja influência alfabética é bastante generalizada. Diante deste contexto e em oposição a ele, Laver (op. cit.) propõe uma abordagem alternativa a descrição articulatória, que vislumbre tanto as diferenças quanto as "similaridades" da "performance" vocal.

A perspectiva de Crystal (1969), como vimos, coloca as distinções entre mais ou menos discretizáveis e mais ou menos sistêmicas, para distinguir entre traços prosódicos (mais discretizáveis e mais sistêmicos) e traços paralingüísticos (menos discretizáveis e menos sistêmicos). O autor propõe o caminho inverso de Laver (op. cit.), sobrepondo aos elementos não segmentais, prosódicos e paralingüísticos, parâmetros de segmentação, discriminando-os numa ordem crescente de "linguisticalidade".

No que concerne à qualidade de voz, as perspectivas também divergem. Para Laver ela se define como o colorido auditivo característico da voz de um falante individual e não uma qualidade decorrente simplesmente da atividade laríngea. Traços laríngeos e supralaríngeos contribuem para a qualidade de voz, que, em termos perceptuais, é uma abstração cumulativa, num determinado período de tempo, da qualidade característica de um falante. Esta qualidade de voz dada a partir de flutuações momentâneas e intermitentes das articulações imediatas ("short-term") são usadas pelo falante para a comunicação lingüística e paralingüística e, portanto, não é externa ao uso da linguagem. Já para Crystal (op. cit.) a qualidade de voz é o fator idiossincrático não segmental na fala de uma pessoa. No entanto, os contrastes não segmentais dentro da qualidade de voz não são idiossincráticos, mas pertencem às convenções lingüísticas da comunidade de fala, o que, segundo ele, é uma suposição central para a hipótese de que *"a linguagem seja mutuamente inteligível aos seus usuários"*.

A perspectiva de Laver preocupa-se com o interrelacionamento entre os elementos da tríade e como eles em conjunto se evidenciam no uso da linguagem, daí a sua unidade de análise ser a postura articulatória. Para Crystal, no entanto, o que está em jogo é o grau de "linguisticalidade" dos elementos, o que permite supor que todos os elementos menos lingüísticos estão fora da língua.

A inadequação da polaridade prosódico-paralingüístico-extralingüístico

Considerar a tríade suprasegmental a partir da polaridade entre os elementos que a compõem demonstra uma separação estanque, não levando em conta o papel dos outros elementos - paralingüísticos e extralingüísticos - na língua. Conforme veremos adiante, estes outros elementos, em conjunto com os lingüísticos podem ter o mesmo estatuto de marcas segmentais (Trudgill, 1974). Neste sentido, a própria nomenclatura desse elementos como exteriores à língua - extra (exterior) lingüístico - ou desempenhando um papel complementar ao lingüístico - para (ao lado de) lingüístico, já delimita o seu lugar na língua.

Esta polaridade proposta por Crystal não serve aos nossos propósitos, uma vez que o objeto de nossa análise é a voz (fala) materna enquanto instância de língua em uso na interação mãe-bebê, e assim sendo, envolve sobretudo os elementos paralingüísticos e extralingüísticos, que nesta fase inicial da interação são a principal via de modulação da atenção e emoção para o infante. E como veremos ao longo da tese, a interrelação dos elementos lingüísticos, paralingüísticos e extralingüísticos - sobretudo a qualidade de voz, o falsetto em especial - emergem no discurso materno situando não só o lugar do infante no discurso (nas modalizações da fala atribuída), como também inserindo este infante na língua (no recorte da fala do infante), até o final das modalizações na voz (fim do falsetto).

Tanto Crystal quanto Laver reconhecem a dificuldade de se traçar um ponto limítrofe entre o que é da ordem do prosódico e o que é da ordem do paralingüístico. Crystal usa como exemplo o conceito de tensão: voz tensa versus voz distensa e mostra que os mesmos componentes acústicos de uma categoria estão presentes na outra. Laver vai mais longe e usa argumentos assentados na sociolingüística e na análise do discurso, mais especificamente na configuração de tipos de textos orais. Para os seus argumentos, invoca Trudgill (1974): a voz como marca formal de dialetos e falares, ocupando o mesmo estatuto de marcas segmentais (sistemas fonológicos) e lexicais. Línguas que têm como parte de sua característica oral a preferência por certos traços de qualidade de voz

(como a fala de Norwich, pesquisada por Trudgill, op. cit.). Laver conclui destacando que na medida em que “ as posturas articulatórias ” caracterizam grupos sociais e regionais de falantes, um modelo descritivo de tais posturas deveria ser valorizado na investigação sociolingüística comparativa de tais grupos. Por conseguinte, a análise de mudança de código (“ code-switching ”) dentro de um único grupo sociolingüístico também seria facilitada.

No que se refere a estilos discursivos orais, Rocha (1989), destacando um determinado tipo discursivo, o estilo de narração de futebol, mostra como os fatores prosódicos podem sobrepor-se aos fatores segmentais, de tal modo que os encobre, conduzindo o ouvinte a um engano interpretativo. O autor demonstra como qualquer texto narrado com as características prosódicas da narração futebolística conduz o ouvinte ao engodo de “acreditar”, ao menos por tempo razoável após o início do ‘ estímulo ’, que se trata de uma narração futebolística. Desta forma, torna-se evidente o quanto os fatores prosódicos carregam e transmitem a marca do estilo discursivo a que se referem e, portanto, exercem um peso tão grande quanto os próprios fatores segmentais na distinção entre diferentes estilos discursivos.

Gebara (1984) ressalta na análise dos dados de um de seus sujeitos (R), o importante papel nas trocas comunicativas de características prosódicas e paralingüísticas:

“ delicate discriminations seem to have been made in the prosodic and paralinguistic systems - namely loudness and voice quality in this early stage, at a time when the child cannot count on lexico-grammatical levels of language to expound certain meanings ” (p. 111).

Assim, dentro do espectro de intensidade que varia de ‘ fortíssimo ’ a ‘ pianíssimo ’ insere-se a qualidade de voz sussurrada cujo uso

" seem to account for the kind of relationship set up between the speaker and the interlocutor(s) or between participants of the dialogue " (Gebara, op. cit.:112).

A autora concebe então, que as características paralingüísticas podem ter o mesmo ' status ' que as características prosódicas neste período inicial da aquisição da linguagem.

Para nós também, a separação estrita entre qualidade de voz e prosódia deve ser questionada, sobretudo nos primeiros meses de vida do bebê, em que o potencial lingüístico expressivo se traduz em gesto e em voz. São estas as manifestações expressivas que serão significadas, interpretadas, inseridas na língua, pela mãe:

" (...) na precocidade da manifestação, na fala da criança na fase chamada comumente de "pré-lingüística", do que só pode ser medido e classificado como prosódico ou paralingüístico (portanto, não-discreto e não-linear) e dificilmente como segmental e, assim, categorial. Refiro-me a vocalizações em que se salientam variações de frequência fundamental, ritmo, volume, velocidade de fala, qualidades diversas de voz, etc. Ora, as possibilidades expressivas ao dispor da criança (...) implicam necessariamente indiferenciação entre gesto e voz ou gesto e prosódia/ elementos paralingüísticos/ segmentais. Ritmo de voz (dado inclusive pela melodia - que, sabe-se, também é responsável por isocronias e cadências rítmicas), acoplado a gestos corporais, dá impressão de primitivismo rítmico/melódico. Logo no balbucio tardio, começa o que se chama de "padronização do balbucio" que nada mais é do que recorrência de formas prosodicamente indissociáveis (isto é, um todo segmental e suprasegmental) com privilégios de ocorrência mais ou menos recorrentes. Nos primeiros fragmentos "semelhantes a palavra", tal princípio de padronização continua, mas ainda com

grandes possibilidades de um todo prosódico. Longe, portanto, de estruturas organizadas e prontas, porém já exibindo um trabalho de busca do estruturado e do simbólico que, por sua vez, também se distancia da “naturalidade” amorfa sem significante nem significado”.
(Scarpa, no prelo)

II.3 Definindo termos

Conforme descrevemos acima, estamos lidando com a fala materna - fala dirigida ao bebê ou a crianças pequenas - de características suprasegmentais únicas, diversas do tipo de fala endereçado ao adulto ou à criança mais velha.

Para uma melhor compreensão dos elementos suprasegmentais aqui analisados na fala materna em interação com o seu bebê, apresentaremos um quadro geral sobre os elementos prosódicos e paralingüísticos usados nesta tese.

Como principal elemento de análise temos a qualidade de voz, situada, segundo a literatura corrente, entre os elementos ditos “extralingüísticos”, porém de fundamental importância para o desenvolvimento do processo interativo mãe-bebê nos primeiros dois anos de vida. Segundo Laver (1980), a noção de qualidade de voz não é usada para referir-se exclusivamente à qualidade do som produzido pela laringe, a voz no seu sentido restrito. Mas ela é concebida como o colorido auditivo de uma voz qualquer, com a contribuição de fatores laringeos e supralaríngenos, como vimos.

A qualidade de voz deriva de duas origens distintas. Primeiro de detalhes anatômicos do aparato vocal do falante, pois a dimensão, geometria e massa dos órgãos vocais refletidos no alongamento do seu trato vocal, o tamanho de sua língua, véu palatino e faringe, a configuração da sua estrutura laríngea e o volume de sua cavidade nasal contribuirão para o efeito da qualidade de voz total do falante. A segunda origem não está relacionada aos detalhes orgânicos do aparato vocal, mas ao uso feito desses

detalhes anatômicos. Pois cada falante tende a fazer ajustes musculares de longo termo em seu aparato vocal ou "settings" (configurações) fonéticos, como parte de seu estilo de fala habitual. Assim, teríamos qualidade de voz fanhosa, metálica, anasalada, etc, de acordo com as características idiossincráticas do falante. A sobreposição de outras vozes - chorosa, suplicante, falsetto para tessituras mais altas, sussurro, murmurada, etc. - à "qualidade" idiossincrática produzem efeitos de significação diversos.⁸

Numa perspectiva acústica, a linha divisória entre os elementos paralingüísticos e a qualidade voz é muito tênue, pois, segundo Figueiredo (1994), esta é consequência dos mecanismos articulatórios determinados pelo aparelho vocal e controle neurológico. Desta forma, o sinal acústico varia de acordo com o estado físico (uma gripe pode alterar o F0) e o estado psicológico do falante: em estados de alegria, o sinal acústico de sua voz será diferente do sinal que o caracteriza num estado de raiva. No entanto, aspectos acústicos definidos ao longo do tempo são independentes da mensagem falada, ou seja, o sinal acústico se torna invariável no tempo e reflete traços estáveis do falante - a qualidade de voz (Figueiredo, 1994).

Para nós, torna-se importante tomar alguns conceitos de Laver, pois servirão para a nossa análise da qualidade de voz utilizada na produção fala materna modulada. No seu trabalho sobre a descrição fonética da qualidade de voz, o autor chama a atenção para um conceito básico: a configuração neutra (*neutral setting*). Segundo Laver, torna-se difícil descrever os "settings" de forma abstrata. A melhor maneira seria tomar uma linha de base como referência, no caso a configuração neutra, definida como uma constelação de "settings" nos quais determinadas condições articulatórias entram em jogo, tais como:

“ - o trato vocal está próximo à configuração de sua anatomia. Dado um corte transversal, o trato vocal apresentará a mesma configuração em toda a sua extensão;

- a língua está numa curva convexa regular;

⁸ Scarpa (1995), anotações de aula.

- o véu palatino está numa posição de fechamento com a parte posterior da faringe, exceto nos segmentos fonemicamente nasais;
- a mandíbula baixa é mantida levemente aberta;
- os lábios são mantidos levemente abertos, nem arredondados nem estendidos;
- a laringe não está nem aumentada nem diminuída;
- a vibração das cordas vocais verdadeiras são regularmente periódicas, eficientes e sem fricção audível;
- a tensão muscular como um todo ao longo do aparato vocal não está nem alta nem baixa ” (Laver, 1994, p. 313 - tradução minha).

Cada uma das posturas descritas caracterizar-se-á pelo contraste com pelo menos uma dessas condições articulatorias.

No caso da nossa pesquisa, quando tratamos de voz normal (a normalidade é uma abstração), aproximamo-nos da postura neutra de Laver, pois trata-se da produção de fala sem as características do manhês. É o termo “ neutro ”, não-marcado, para o estabelecimento comparativo com as qualidades de voz.

Voltando às posturas descritas por Laver, temos os supralaríngenos e laríngenos. No nosso caso, os laríngenos são os que nos interessam; assim temos: voz modal, falsetto, rangida, sussurro, murmúrio e combinações do tipo rangida-sussurrada, falsetto-sussurrada, falsetto-rangida, falsetto-rangido-sussurrado, falsetto-murmurado, falsetto-áspero, sussurro-áspero etc.

Na fala dirigida ao bebê, o tipo de voz característico é o falsetto. Nas palavras de Laver (1994), eis a descrição dos mecanismos fônicos aerodinâmicos da produção do falsetto:

“ na produção do falsetto, as cordas vocais estão tensionadas, tendo, num corte transversal, as pregas que margeiam a glote são mais estreitas. A glote tem uma leve abertura à esquerda, o que possibilita

diversos resultados. Primeiro, a fonação em falsetto é freqüentemente acompanhada por um leve sussurro ocasionado pelo fluxo contínuo de ar que escapa da cavidade glotal. Segundo, a pressão subglotal é caracteristicamente mais baixa do que na fonação ordinária, em parte devido ao fluxo contínuo de ar " (Laver, 1994 p.197 - tradução minha).

Caracteristicamente o falsetto apresenta uma freqüência fundamental bastante elevada. Estudos mostram que a variação de altura neste tipo de postura para voz masculina é de 275-634 Hz, quando a freqüência fundamental para o padrão de fonação vocalizada (voiced phonation) fica em torno de 94-287 Hz (Holien & Michel, 1968). Na voz feminina, nosso objeto de análise, estes valores tornam-se ainda mais elevados e terão, como veremos no decorrer da tese, uma função importante na delimitação dos lugares discursivos ao longo da interação mãe-bebê.

Outras qualidades vocais encontradas em nossos dados e descritas por Laver (1994) são as seguintes:

Voz murmurada: a característica auditiva da fonação murmurada ou aspirada é de muito suave, como um som sussurrado.

Voz sussurrada: tem uma qualidade silibante, usualmente mais intensa do que a fonação murmurada.

Voz rangida: tem um efeito auditivo comparado a ranger de dentes, de portas.

Voz áspera: tem um efeito auditivo cortante.

Ainda relacionado à qualidade de voz temos o registro, que se refere ao destaque dado pelo falante de uma palavra, sintagma ou trechos mais longos, usando um tipo de qualidade de voz diferente da habitual.

No que concerne a outros elementos suprasegmentais encontrados na produção de fala materna temos os três parâmetros prosódicos: altura, duração e intensidade.

Altura: é o traço prosódico mais envolvido com a entonação; relaciona-se às variações de voz dentro de uma "pauta" de freqüência mínima e máxima. Seu correlato acústico é a F0 (freqüência fundamental), determinada pelas vibrações das moléculas de ar que fazem

vibrar as cordas vocais. Assim, quanto mais vibrarem as cordas, pela ação de mais pulsos glotais, mais alto será o valor da frequência fundamental e vice-versa. Desse fenômeno resultam, respectivamente, as vozes percebidas como agudas ou graves (Cruttenden, 1986).

Âmbito de altura ou tessitura: é a pauta da voz usada nos contrastes entonacionais: a gradação entre o limite mais alto e o mais baixo no espectro de altura utilizado por um falante (Scarpa, 1988).

Direção de curva de altura: movimentos de altura, para cima ou para baixo no tempo (Scarpa, op. cit.)

Duração: é a organização no tempo que a língua faz de vogais e consoantes ou, de modo mais abrangente, das sílabas de uma palavra. Por duração entende-se o tempo (seu correlato acústico) que um segmento leva para ser produzido, desde a vibração das moléculas de ar nas cordas vocais, passando pelos filtros do trato vocal, até chegar aos lábios, ou fossas nasais.

Intensidade (ou volume): é o parâmetro prosódico que o ouvinte percebe como relacionado à "força de respiração", isto é, à maior ou menor energia com que seu interlocutor produz uma sílaba ou um número sucessivo de sílabas. O seu correlato acústico é a amplitude, isto é, o deslocamento máximo da partícula de ar com relação ao seu ponto de repouso.

Ao longo da interação mãe-bebê, tais parâmetros são exaustivamente utilizados na fala materna, sobretudo as variações de altura, principalmente nas curvas ascendentes de altura, com F0 bastante elevados, conforme veremos na análise dos dados. Duração e intensidade também desempenham em conjunto com altura a caracterização deste tipo de fala.

Além desses parâmetros prosódicos, destacamos dentro do sistema prosódico: entonação, grupo tonal - é a unidade entonacional, faz parte da entonação portanto, pausa, ritmo e velocidade de fala.

Entonação: é o termo genérico que envolve tom, altura e contorno. Por contorno entende-se o formato, a configuração quase visual do enunciado em termos de tessitura e

direção de curva. Tom é o correlato fonológico da altura; nas línguas tonais serve para caracterizar os itens lexicais.

Grupo Tonal (unidade tonal, unidade entonacional, frase entonacional): é a unidade dos padrões entonacionais. Seus constituintes básicos são: uma sílaba acentuada (núcleo ou acento primário - frasal) - o que impede que fragmentos do enunciado que contenham somente sílabas não acentuadas sejam caracterizados como grupos entonacionais; e um movimento de altura, relacionado à acentuação dessa sílaba. Existem ainda marcas externas e internas ao grupo entonacional que possibilitam a demarcação de fronteiras entre os mesmos (Cruttenden, 1986). As marcas externas são: pausa - preenchida ou não -, presença de 'anacrusis' - sequência de sílabas não acentuadas, com velocidade de fala mais acelerada no início de um enunciado - , alongamento da sílaba final - acentuada ou não - do grupo entonacional e mudança do nível e direção da curva de altura nas sílabas não acentuadas - que sofrem discreta elevação no início de um novo grupo tonal. As marcas internas constituem a presença - ou ausência - de uma estrutura interna específica que caracterize um grupo entonacional. Se marcas de pausa e/ou anacrusis e/ou alongamento da sílaba final dividem uma elocução em duas partes, caso uma das partes não contenha a estrutura mínima de um grupo tonal, então a combinação dessas marcas é tomada como uma hesitação e não como um limite de grupo tonal.

Pausa: pode ser de dois tipos, preenchida (como no caso de hesitações) e não preenchida (no caso do silêncio). Ocorre normalmente em fronteiras de constituintes maiores; quanto maior a fronteira, maior a pausa; depois de palavras com alto conteúdo lexical; depois da primeira palavra de um grupo entonacional, como correção de falsos começos ou repetições.

Velocidade de Fala: às vezes confundida com o ritmo, diz respeito à taxa de elocução no discurso. Por exemplo, no início da produção de fala tende-se a acelerar até atingir uma velocidade normal e, no final dos enunciados diante da pausa ocorre uma típica desaceleração.

Ritmo: existem duas visões acerca do ritmo nas línguas, uma visão temporal e uma não-temporal. A primeira concebe o ritmo segundo a periodicidade (recorrência de um evento

em períodos regulares) e a isocronia (igual duração dos períodos de tempo em que o evento ocorre). Esta visão divide as línguas em ritmo acentual (apresentam uma recorrência a acentos em intervalos mais ou menos uniformes) e ritmo silábico (apresentam uma recorrência de sílabas em intervalos de tempo mais ou menos constantes). Para a visão não-temporal, o ritmo é algo criado na mente do ouvinte quando ele percebe uma série de impressões como um todo e não como uma sucessão de eventos não relacionados. Daí que uma visão não-temporal do ritmo implica que a tendência humana é impor estruturas a eventos acústicos não necessariamente organizados intrinsecamente e, portanto, o sinal acústico não comporta, necessariamente, em si, princípios de saliência. A regularidade rítmica é estrutural e lingüística e não necessariamente isocrônica. Este raciocínio será retomado mais adiante quando tratarmos da percepção, pelo bebê, da fala materna a ele dirigida.

Como se observa, são muitos os parâmetros envolvidos quando se propõe uma análise envolvendo elementos suprasegmentais e, num tipo de fala como a fala materna dirigida ao bebê, estes representam as principais modificações passíveis de serem trabalhadas, através da voz, na inserção deste infante na língua. De forma que a língua (instanciada na voz materna) possibilite não só a via de acesso à língua como sua própria constituição enquanto sujeito.

III Metodologia

Interessados no estatuto lingüístico da fala materna dirigida ao bebê, partimos da literatura do chamado “manhês” (Snow & Ferguson, 1977; entre outros) e principalmente no neodarwinismo de Fernald (1984, 1989, 1993) para propor uma perspectiva interacionista (de Lemos, 1982, 1989, 1992, entre outros) alternativa às teorias vigentes acerca do papel da fala materna dirigida ao bebê. Assim, no primeiro capítulo, iniciamos um estudo longitudinal de duas díades mãe-bebê ao longo de dezoito

meses. A díade 1 (D1) no primeiro mês de vida e a díade 2 (D2) teve seus registros iniciados aos quatro meses de vida do bebê. Em visitas periódicas, com frequência de quinze a vinte dias, no domicílio de cada díade, observamos sistematicamente situações interativas entre mãe e bebê, desde alimentação, amamentação, banho e troca, até situações de brincadeiras ou o colocar a criança para dormir (ninar). As situações observadas foram gravadas em vídeo, numa câmera SONY modelo VHS doméstica. A duração média de cada sessão registrada foi de quinze minutos. Das sessões de filmagens participaram a díade e a observadora pesquisadora (responsável pela filmagem). Os dados de D1 foram utilizados para análise na tese, ao passo que D2 forneceu suporte para os dados comparativos no Capítulo 1.

Nunca iniciávamos as filmagens logo que chegávamos; procurávamos deixar a díade à vontade, até que deixássemos de ser uma novidade e elas se dedicassem à própria interação. Nunca avisávamos, portanto, em que momento a filmagem começava a se processar. O nosso intuito com esta postura foi o de minimizar o papel do observador - enquanto interferência - em estudos como este, do tipo naturalístico.

III.1 Seleção do Corpus.

As díades foram escolhidas segundo a idade das crianças no início da coleta: 1 mês e quatro meses, respectivamente. Seguimos, porém, alguns parâmetros comuns às díades escolhidas, tais como: mães primíparas, de classe média, com escolaridade universitária e faixa etária em torno de trinta anos.

Em virtude da limitação do tempo, restringimos a participação dos dados da díade 1 (D1) junto com a díade 2 (D2) apenas ao nosso estudo instrumental, que faz parte do primeiro capítulo e cuja análise trabalha com amostras pontuais da produção de fala materna. Tal estudo teve como intuito testar o modelo teórico de Fernald (1993) - a ser discutido no próximo capítulo - e propor não apenas uma outra perspectiva teórica de

análise, de inspiração interacionista, como também propor uma outra forma de análise dos dados (capítulos 2, 3 e 4), através de um estudo naturalístico longitudinal.

Devido à extensão do corpus analisado, gravações mensais por dezoito meses, totalizando, por diade, quarenta sessões de filmagens com duração média de vinte minutos cada, restringimo-nos à diade 1 (D1). A escolha por esta diade deveu-se ao fato de que os seus registros foram iniciados desde o primeiro mês de vida do bebê, o que não foi possível com a diade 2 (D2).

III.2. Transcrição dos Dados

Como o cerne de nossa análise são as modificações prosódicas, paralingüísticas e extralingüísticas da fala materna em situação interativa com o seu bebê, tendo em vista, num primeiro momento, sua relação com os contextos de afetividade vocal propostos por Fernald (op. cit), a transcrição privilegiou a saliência destas modificações na fala materna. Foram transcritos todos os dados filmados (quarenta sessões) e privilegiamos para a análise aquelas situações mais representativas dos momentos analisados.

A seguir, dispomos o modelo de transcrição utilizado (anexo ao final da tese):

Na primeira linha, discriminamos a diade (se D1 ou D2), a idade do infante e o número da sessão. Na linha seguinte, descrevemos o tipo de contexto que envolve a situação analisada. Logo abaixo, segue-se uma descrição geral da situação interativa, incluindo local da interação (sala, quarto, varanda), posição e ações de cada um dos participantes da interação e objetos envolvidos na interação (brinquedos, por exemplo). No anexo, a ficha de transcrição divide-se em duas colunas, a primeira referente às produções vocais e/ou não verbais da mãe, a segunda, referente às ações vocais e/ou não verbais do bebê.

A disposição das "falas" em colunas, lado a lado, permite observar o desenrolar das trocas interativas simultaneamente. Assim, os comportamentos manifestados pelos

dois parceiros são transcritos na mesma linha; indicam uma simultaneidade de ações; quando são transcritos em linhas diferentes, indicam que foram produzidos sequencialmente.

Como o nosso intuito é uma análise da fala materna endereçada ao infante e como a mãe, na maioria das vezes, é a iniciadora da interação, a sua fala encontra-se disposta em primeiro lugar. Isto, porém, não impedirá a percepção da criança como iniciadora da interação, pois a disposição das ações vocais e/ou não verbais correspondem à sequência de ocorrência das mesmas. Desta forma, caso a criança seja a provocadora da troca interativa, será a sua ação que aparecerá na primeira linha e a da mãe na linha subsequente, no caso.

Para facilitar a compreensão da leitura escrita de uma atividade oral, como é o diálogo mãe-bebê, numeramos as trocas e a denominamos de turnos. Este termo emprestado da análise da conversação é caracterizado como

*“ o momento em que um parceiro na interação, na sequência conversacional, passa a exercer o **papel de falante** ”* (Marcuschi, 1986 - grifo nosso).

Conforme discutiremos no capítulo 2, o papel de falante atribuído ao bebê contrapõe-se à idéia de subjetividade à qual nos filiamos; para nós, os turnos atribuídos ao bebê na análise não refletem necessariamente uma atividade comunicativa intencional por parte do bebê, mas sim qualquer atitude vocal e/ou corporal deste produzida antes, durante ou após o turno do seu parceiro interativo - a mãe. O caráter de intencionalidade à produção do infante, conforme veremos na análise dos dados, é atribuído ao bebê via discurso materno, isto é, o discurso da mãe dá sustentação às produções do infante, inserindo-o na língua, dando-lhe significação.

Quanto à forma escolhida para transcrição, optamos pela transcrição fonética, seguindo o IPA (Alfabeto Fonético Internacional); as marcas suprasegmentais, descrição da qualidade vocal, registro, velocidade de fala, etc, aparecem em parênteses logo acima

da transcrição fonética; as pausas, vêm com seu tempo colocado em parêntese, por exemplo (2s), representando uma pausa de dois segundos; as curvas entonacionais são delineadas na linha abaixo da transcrição fonética - linha de cor cinza no modelo de transcrição. A descrição do comportamento não-verbal materno é colocado em parêntese, na mesma linha da transcrição fonética; já os comportamentos do bebê, que em sua maioria são não-verbais, são descritos sem a utilização de parênteses.

A exposição dos dados na tese, através da descrição das situações selecionadas para análise, não segue exatamente o modelo da ficha de transcrição. Fizemos a inserção de uma transcrição cursiva abaixo da transcrição fonética, seguindo as regras ortográficas da língua, como forma de facilitar a leitura.

1. A fala afetiva

No estudo da aquisição da linguagem, como foi discutido na Introdução desta tese, um ponto de variadas indagações e controvérsias tem sido o estatuto lingüístico (estrutural, comunicativo ou cognitivo) das manifestações vocais da criança “ pré-lingüística ”⁹, e o das primeiras manifestações verbais da criança que produz enunciados semelhantes aos do adulto. Outro ponto contencioso é o da fala do adulto dirigida à criança. Considerada como “ input ”, características discursivas e/ou pragmáticas, morfológicas, sintáticas, fonológicas segmentais têm sido apontadas, tais como: graus de repetitividade e simplificação, clareza, brevidade, número reduzido de orações encaixadas em prol de orações raízes, tratamento pronominal da criança em terceira pessoa, grande uso de diminutivos, etc.

No que concerne às características prosódicas do “ input ”(Eimas, 1971; Garnica, 1977), apenas nos últimos quinze anos é que elas (sobretudo as melódicas) têm merecido atenção especial (Fernald, 1984, Fernald & Kuhl, 1987, Fernald, 1993, etc.). A depender do enfoque considerado, estas características desempenham desde um papel fraco de *facilitar* a aquisição da linguagem pela criança, até o de *desencadear* a gramática da língua à qual a criança é exposta - numa abordagem conhecida como “bootstrapping” prosódico para a gramática (Scarpa, no prelo).

Os estudos prosódicos do “ input ” analisados pressupõem que o aparato perceptual infantil é inato e pronto, possibilitando discriminações auditivas das saliências prosódicas da fala materna desde o nascimento ou mesmo antes dele, conforme veremos na revisão dos trabalhos a seguir. No entanto, se estamos lidando como um organismo cuja principal característica é sua indeterminação inicial, como falar de uma percepção pronta (Scarpa & Lier, 1991)?

⁹ A literatura chama de “ estágio pré-lingüístico ” o que antecede as produções de enunciados de uma ou mais palavras. O termo vem, aqui, aspeado, devido à sua vagueza, se não à sua inadequação.

A demonstração da capacidade perceptual prosódica dos recém-nascidos tem merecido atenção especial ultimamente. Segundo Kent & Miolo (1995), o estudo da percepção da fala no infante tem sido uma intensa área de pesquisa, principalmente quando se tenta responder a questões como a capacidade do infante em discriminar e reconhecer os sons da fala e como tal capacidade se desenvolve em face de uma exposição a uma língua particular. Desde antes do nascimento, ainda no útero, o feto, segundo os autores, já pode ser exposto à voz humana e a algumas características do ambiente de linguagem (Lecanuet & Granier-Deferre, 1993). A exposição pre-natal à voz materna pode ser a base da preferência dos bebês pela voz da mãe em relação a qualquer outra voz humana.

Do nascimento ao primeiro mês de vida, segundo esta literatura, os bebês já demonstram alguma habilidade para discriminar contrastes acústicos considerados foneticamente relevantes. No entanto, essa habilidade discriminatória não constitui evidência de que o infante possua um reconhecimento segmental ou habilidade para reconhecer elementos fonéticos da língua materna. No máximo, recém-nascidos conseguem discriminar a voz de sua própria mãe comparada a outras vozes femininas (DeCasper & Fifer, 1980).

Do primeiro ao quarto mês de vida, o infante consegue detectar a mesma vogal quando produzida por diferentes falantes (produzindo a vogal com diferentes propriedades acústicas), também pode detectar variação nos padrões de entonação e reconhecer a mesma sílaba em diferentes enunciados.

A partir dos quatro meses o infante discrimina marcas prosódicas para unidades oracionais e tem preferência pelo manêis à fala dirigida ao adulto (Fernald, 1985; Fernald & Kuhl, 1987). Entre seis e oito meses, o bebê demonstra o uso de traços prosódicos para distinguir palavras estrangeiras de palavras na língua materna.

Dos sete aos dez meses, ocorre um declínio na habilidade de detectar certos contrastes estrangeiros, indicando que o infante está desenvolvendo algum aspecto de

reconhecimento fonético específico da língua materna. Pois segundo Werker & Meltzoff (1982) e Werler & Tess (1984), nessa idade a criança tem alguma habilidade para distinguir palavras nativas com base em pistas fonéticas. Nessa idade também há evidências de compreensão de algumas palavras como "não" e "tchau" ou o próprio nome do infante.

Dos dez aos doze meses, o infante apresenta a capacidade de discriminar alguns contrastes acústicos não usados em seu ambiente linguístico. O que leva à crença de que ele tenha reorganizado as categorias perceptuais para igualar-se às das estruturas fonéticas de sua língua nativa (Werker & Pegg, 1992).

A concepção implícita, em tais estudos, da percepção como um mecanismo inato permaneceu intacta para perceptualistas e para a grande maioria daqueles que estudaram a fonologia da criança durante a década de 70 e o início dos anos 80 (Scarpa & Lier, 1991). E permanece até hoje, adquirindo uma roupagem pré-adaptativa, nas palavras de Locke (1995),

“ o bebê é incompleto do ponto de vista do desenvolvimento, mas é totalmente competente para lidar com a exibição de pistas que têm significado biológico ” (p. 235, grifo meu).

Dotar o bebê de uma competência perceptual é tomá-la como algo que já existe, que está pronto para ser posto em ação, através de estímulos acústicos salientes na fala; esta é a base da perspectiva de Fernald (1993), discutida no tópico 2.

Mas como colocam Scarpa & Lier (op. cit.) desvincular-se de uma idéia de um organismo pré-programado implica em admitir o bebê como indiferenciado. Esta noção de indiferenciação, tomada pelas autoras, implica em considerar a idéia de uma não discriminação entre mundo interno e externo.

“ A criança parece encontrar-se encapsulada num ciclo de suas próprias ações e sensações quando, no nascimento, ela é inserida num ‘continuum

experencial'. Neste sentido, objetos externos não podem ser salientes; sua especificidade não pode ser reconhecida nem discriminada pelo infante " (Scarpa & Lier, op.cit.: 13).

Assim, para as autoras, a idéia de percepção espontânea ou pronta é refutada em prol da perspectiva de concebê-la como mediada pela ação. E completam,

" é a atividade que cria produtos que podem ser contemplados. (...) A linguagem , semelhante a outros objetos no mundo, é igualmente indiferenciada do ponto de vista da criança. O reconhecimento de sua especificidade como objeto lingüístico e sua aquisição pela criança depende de um processo gradual de diferenciação que ocorre ao longo do primeiro ano de vida do infante. Com efeito, a objetivação dos sons da fala só podem ser compreendidos como associados e solidários ao processo gradual de subjetivação " (Scarpa & Lier, op. cit.: 13).

Para nós, a compreensão desse processo gradual de diferenciação e subjetivação se efetiva nos deslocamentos subjetivos marcados na fala materna, que irão possibilitar a relação do infante com sua própria subjetividade. Conforme mostraremos ao longo dessa tese, no primeiro ano de vida é o trabalho melódico-afetivo, incluída a tríade lingüística (prosódico, paralingüístico e extralingüístico) - sem separação estrita, que vai possibilitar a inserção do infante, via discurso materno, na língua em atividade.

Estudos naturalísticos com análises longitudinais não têm sido muito trabalhados na área. Os estudos citados na literatura normalmente referem-se a situações experimentais controladas em laboratório, conforme descrevemos acima. Porém, alguns estudos longitudinais já apontam e destacam sinais perceptivos e produtivos nos bebês em situações interativas naturalísticas (Lier, 1983; Gonçalves, 1989; Gama, 1989). Além de questionar a capacidade perceptiva dos bebês, tais estudos permitem uma visualização e melhor compreensão desenvolvimental dos processos que envolvem o acesso da

criança à sua língua materna. E, mais importante, podem elucidar que caminhos lingüísticos possibilitariam este acesso. Para nós, em particular, esta via de acesso seria a prosódia (ver Scarpa, 1992, 1998 a e b, no prelo).

Focalizando o controle da criança sobre a vocalização, Gonçalves (1989) coloca que a voz é um objeto sobre o qual a criança atua e cuja transformação de sons vegetativos e reflexos em sons da fala, explica-se pela intensa atividade da criança sobre o trato vocal:

“ ajustando suas vocalizações à ‘trilha sonora’ ambiental, a princípio como simples jogo e, mais tarde, com uma significação baseada nas suas próprias ações e nas daqueles que a cercam ” (Gonçalves, op.cit., p. 10).

O processo de auto-descobrimto da fala pela criança é, pela autora, concebido como auto-construção, e se desenvolve em sete fases, no desenvolvimento: desde a produção de sons relacionados a funções neuro-vegetativas, até a produção de uma grande quantidade de vocábulos. Destaca o desenvolvimento da linguagem como resultado da interação de aspectos internos e externos, isto é, ao mesmo tempo que a criança se relaciona com o ambiente, provocando transformações, sofre influência deste meio.

Assim, a aquisição da linguagem não é concebida como uma aprendizagem por meio do “ input ” do adulto. Aqui a criança é um membro ativo na relação com o ambiente, pois atua tentando se ajustar a ele, através de trabalhos vocais, e também na produção de novos jogos. Isto é, não só a “ trilha sonora ” ambiental servirá de recorte para o infante, mas também, as produções vocais do próprio bebê servirão de guia para os ajustes do ambiente.

Neste processo de ajuste entre o bebê e o ambiente, por vezes a atividade vocal da criança pode se apresentar completamente opaca para o adulto, que só a interpreta estereotipicamente, através de sua linguagem e cultura. Como mostra Albano (1990),

para o adulto, a produção da criança pertence a um universo extremamente abstrato, e exemplifica:

“ ‘Mão!’, gritava insistentemente uma criança de cerca de um ano e meio, alternando o olhar entre um brinquedo de rodas e o avô. Esse deu-lhe a mão, deu-lhe o brinquedo, examinou as próprias mãos, assim como as da criança. Eu ia passando na hora e arrisquei: ‘acho que ela quer que o senhor puxe o cachorro – com a mão!’ ‘Ah’, respondeu o avô fazendo o sugerido e mostrando: ‘Ó o auau, ó’. A menina apossou-se do cordão e acrescentou, contente: ‘Aóia, Auau. Mão!’ E saiu, afinal, ela mesma puxando o brinquedo ” (p. 24).

Com o exemplo acima, Albano (op. cit.) põe em evidência, por um lado, a opacidade da linguagem da criança para o interlocutor adulto, e por outro, a necessidade do infante de atuar neste “ mundo adulto ”. E é justamente essa necessidade de participar, de se fazer compreender, que vai possibilitar à criança explorar e ampliar os seus recursos corporais, no caso, a fala.

No caso do exemplo em questão o que está em evidência é a vontade da criança de participar deste jogo vocal exploratório; o adulto entra no jogo mas sua interpretação não é levada em consideração, isto é, o interesse da criança está na participação do jogo e não efetivamente na interpretação do parceiro adulto. Para Albano (op.cit.) e também para Gonçalves (op. cit.) o que está em jogo é a possibilidade de exercitar os recursos corporais da criança (a fala) através de um ambiente propício - a interação -, permitindo assim o seu processo auto-constutivo. O papel do adulto configura-se como um ambiente lingüístico propício para este exercício com a linguagem. Para nós, no entanto, o que vai tornar as produções da criança significativas é justamente a atribuição de sentido através da interpretação do adulto, não necessariamente transparente, dando assim sustentação lingüística a esta fala (de Lemos, 1992; Castro, 1995, entre outros).

O desenvolvimento do aparato vocal construído pela criança, desde o nascimento, vem se delineando nas suas relações com as configurações vocais, segmentais e prosódicas da fala materna, e nas subsequentes produções vocais do infante: de recortes entonacionais específicos como os tons imitativos da fala dirigida ao bebê (ascendente, por exemplo), passando por incorporações de blocos prosódicos e jargões, até chegar à produção de vocábulos. Isso nos permite inferir que a prosódia materna é um dos guias de acesso à língua, por parte do infante. Mas como se caracteriza a prosódia materna na fala dirigida à criança? Que formas toma essa prosódia numa perspectiva longitudinal? Mais: a fala da mãe dirigida à criança, numa perspectiva longitudinal, reflete diferentes posições do sujeito (no caso, a mãe) com relação à criança ou às manifestações vocais ou lingüísticas da criança? Começemos por examinar como a prosódia materna tem sido recentemente estudada e quais os papéis básicos atribuídos a ela.

1.1 A prosódia materna

As modificações prosódicas da fala do adulto dirigida à criança pequena mais freqüentes são: freqüência fundamental mais alta, âmbito de altura maior, preferência por certos contornos (sobretudo os tons ascendentes), uso de falsetto, cadência mais lenta, partes sussurradas do enunciado, duração prolongada de certas palavras, mais de um acento frasal, etc. Tais modificações foram observadas em diferentes línguas e culturas (Ferguson, 1964; Chew, 1969; Ruke-Dravina, 1976; Garnica, 1977 apud Abaurre, Galves & Scarpa, no prelo).

Garnica (op. cit.) foi o primeiro trabalho a, experimentalmente, constatar modificações na fala dirigida à crianças de dois anos, tais como: contornos exagerados de altura, âmbito de altura maior, partes sussurradas do enunciado. Não as relacionando porém aos contextos característicos nos quais estes traços se evidenciam.

Com o trabalho de Stern, Spieker & MacKain (1982) foi possível uma correlação entre os contornos exagerados de fala materna e certas situações interacionais específicas. Ao analisarem díades com bebês de dois, quatro, e seis meses de vida, estes autores encontraram certos contornos emitidos em determinadas situações específicas de interação: ascendente, ascendente-descendente, sinusoidal (“bell-shaped”). Caracterizados como ótimos sinais auditivos para engajar e manter a atenção do bebê, os contornos do tipo ascendente vinculam-se aos contextos em que a mãe tentava atrair a atenção do bebê, mas este não estabelecia a atenção conjunta¹⁰ (troca de olhar). Já os contornos do tipo sinusoidal (“bell-shaped”) emergiram quando o bebê estava olhando e sorrindo para a mãe e ela tentava manter o olhar e o afeto positivo, isto é, já havia se estabelecido o “face a face”. Estes contornos, pode-se dizer, teriam um uso bem específico na manutenção do afeto positivo e da atenção conjunta. Os autores destacam ainda que os bebês não sorriem ou estabelecem trocas de olhares continuamente, apenas durante uma situação muito positiva de interação. Resta saber o que se caracterizaria como uma situação de interação positiva, pois eles em momento algum do estudo especificam tal situação interativa.

Apesar de os autores não descreverem tais situações interativas em análises longitudinais, elas se apresentam quando a mãe busca reforçar a atenção do bebê, quer seja através de mudanças vocais repentinas (nas modulações de voz, altura etc.), troca de sorrisos, manutenção do olhar, quer através de estímulos corporais e visuais (mexer mãos e pés do bebê, mostrar objetos). Esse tipo de contexto favorece não apenas a interação positiva, como também, é um estímulo às produções vocais do bebê, sendo observados acompanhamentos vocais, por parte do bebê, num proto-diálogo. O estabelecimento dessa reciprocidade afetiva entre bebê e parceiro torna-se fundamental para a aquisição subsequente de comportamentos vocais mais apropriados.

Ao contextualizar as emissões maternas, Stern et al (op. cit.) conseguiram situar funcionalmente certos contornos deste tipo peculiar de fala. A ênfase, no entanto, é dada

¹⁰ O estabelecimento da atenção conjunta se efetiva no “face a face”, que são organizações caracterizadas por negociações dos parceiros diádicos que requerem o estabelecimento e a manutenção do

ao papel de engajamento e manutenção da atenção nas trocas interativas, e, consequentemente, aos contornos característicos deste tipo de troca. Não houve uma preocupação em analisar o não aparecimento destes contornos em outros contextos como proibição e conforto. A preocupação foi situar as produções maternas mais proeminentes em determinados contextos específicos, e constatar que servem para buscar e manter a atenção do infante. A abordagem de Stern et al., francamente behaviorista, não se propõe a explicar como, e se, tais contornos vão desempenhar alguma função no desenvolvimento lingüístico do infante.

Ao apontar os atributos prosódicos exagerados da fala materna como condutores de informação emocional, funcionando como pistas afetivas proeminentes para o bebê, Fernald & Simon (1984) destacam um ponto interessante na relação manhês/contexto interativo. Já é sabido que certos contornos ocorrem em situações contextuais específicas, como vimos. Agora, um passo a mais é dado no intuito de compreender o funcionamento desses contornos; segundo Fernald & Simon (op. cit.) eles são interpretados como moduladores emocionais para o infante.

Esta habilidade do infante em detectar diferentes emoções expressas na voz tem sido observada em experimentos laboratoriais (Fernald, & Simon, op. cit.; Fogel, 1997, entre outros). Os resultados encontrados destacam os seguintes comportamentos: os bebês apresentam expressões faciais esboçando sorriso ao ouvir vozes expressando aprovação e franzem o rosto quando as vozes expressam desaprovação. Como não têm acesso à compreensão do conteúdo da fala, a via de acesso à informação e modulação do estado emocional seria as pistas auditivas: altura, tempo e intensidade.

Como veremos, no tópico 2 a seguir, o papel desempenhado por pistas dessa natureza é o que segundo Fernald (1993), garantirá a entrada da criança no “lingüístico”. As peculiaridades prosódicas do manhês caracterizando os contextos afetivos de aprovação, proibição, atenção e conforto possibilitará, de início, a modulação afetiva e, em seguida, a saliência lexical e gramatical, preparando o acesso da criança à língua materna.

Ao tomar a fala materna como veiculadora e determinadora da modulação emocional e lingüística, perspectivas desta natureza deixam de considerar o desempenho da criança ao longo do processo aquisicional. Se a mãe modula os estados afetivos e, posteriormente, o lingüístico, que papel cabe à criança?

Estudos como o de Penman, Cross, Milgrom-Findman & Mears (1983) demonstram justamente o inverso, o comportamento do bebê como exercendo alguma influência nas vocalizações materno-afetivas. Os autores mostram que os comportamentos dos bebês, entre os três e os seis meses de vida, são responsáveis pelos ajustes de fala materna, nas situações que envolvem afeto. A modulação emocional, então, flui em ambos os lados, via prosódia materna e/ou via comportamentos gestuais do bebê. Isto aponta para uma perspectiva relacional da díade, pois o manhês não funcionaria como um “input” de caráter facilitativo, como queriam ou pensavam alguns (Bruner, 1983; Bullowa, 1979, etc), mas sim, uma “trilha melódica” na qual arranjos e novas leituras são possíveis a todo momento, desde que os participantes estejam engajados na atividade interativa. No caso do infante, essa trilha melódica vai se constituindo como um caminho para se chegar à estrutura prosódica da língua, como acreditamos.

Conforme discutiremos nos capítulos subsequentes (capítulos 2, 3 e 4), mais do que buscar a qualidade acústica proeminente responsável pela “aprendizagem” do bebê dos contornos da fala materna e da própria linguagem, é importante compreender o papel da voz materna, aí incluídos elementos prosódicos, “para” e “extra” lingüísticos, que enquanto interpretação possibilita a inserção do infante na língua.

1.2. Modulando contextos e emoções

Nos estudos que enfatizam a fala materna (Fernald & Kuhl, 1984; Fernald, 1993; Masakata, 1992), o uso pelas mães de certos padrões de entonação específicos nas

rotinas de cuidados com o bebê (acalmar, consolar, solicitar atenção, etc.) tem merecido destaque: quando estão acalmando o bebê, as mães utilizam-se de contornos descendentes de altura; quando o objetivo é buscar a atenção e solicitar resposta são utilizados contornos ascendentes. Ao indagar sobre a relação entre as formas prosódicas do manhês e as funções comunicativas universais, Fernald (op. cit.) constata preliminarmente que há uma certa associação entre padrões estereotipados de entonação e intenções comunicativas particulares em diversas culturas. Para ilustrar, veremos no quadro 2 a demonstração desses padrões nas diversas culturas:

Nesta figura, a autora descreve os contornos de altura na fala materna dirigida a bebês de doze meses da seguinte forma: as rotinas que envolvem *aprovação* apresentam um proeminente contorno de F^{o11} ascendente/descendente, com médias de F^o alta, nas diversas culturas estudadas. As vocalizações de *atenção* caracterizam-se por contornos do tipo ascendente. Já as vocalizações de *proibição* são baixas nas médias de F^o , curtas, mais intensas e mais abruptas no “onset”. As que envolvem conforto são similares às de *proibição* com F^o baixa, sem muita variação.

Em nossas análises, como veremos no tópico 1.4, encontramos resultados parecidos, mas não tão semelhantes e claros, no que concerne à qualidade das curvas de altura, como os apresentados na figura de Fernald.

A relevância no exposto pela autora reside na semelhança existente entre as culturas do ponto de vista prosódico na produção do manhês, e que, para ela, isso remete a uma certa universalidade deste tipo de fala. Os contextos específicos de vocalização materna assim colocados são, essencialmente, expressões de afetividade vocal, similares na forma através das culturas, tal como as expressões faciais são universais nas culturas (Reilly & Bellugi, 1996).

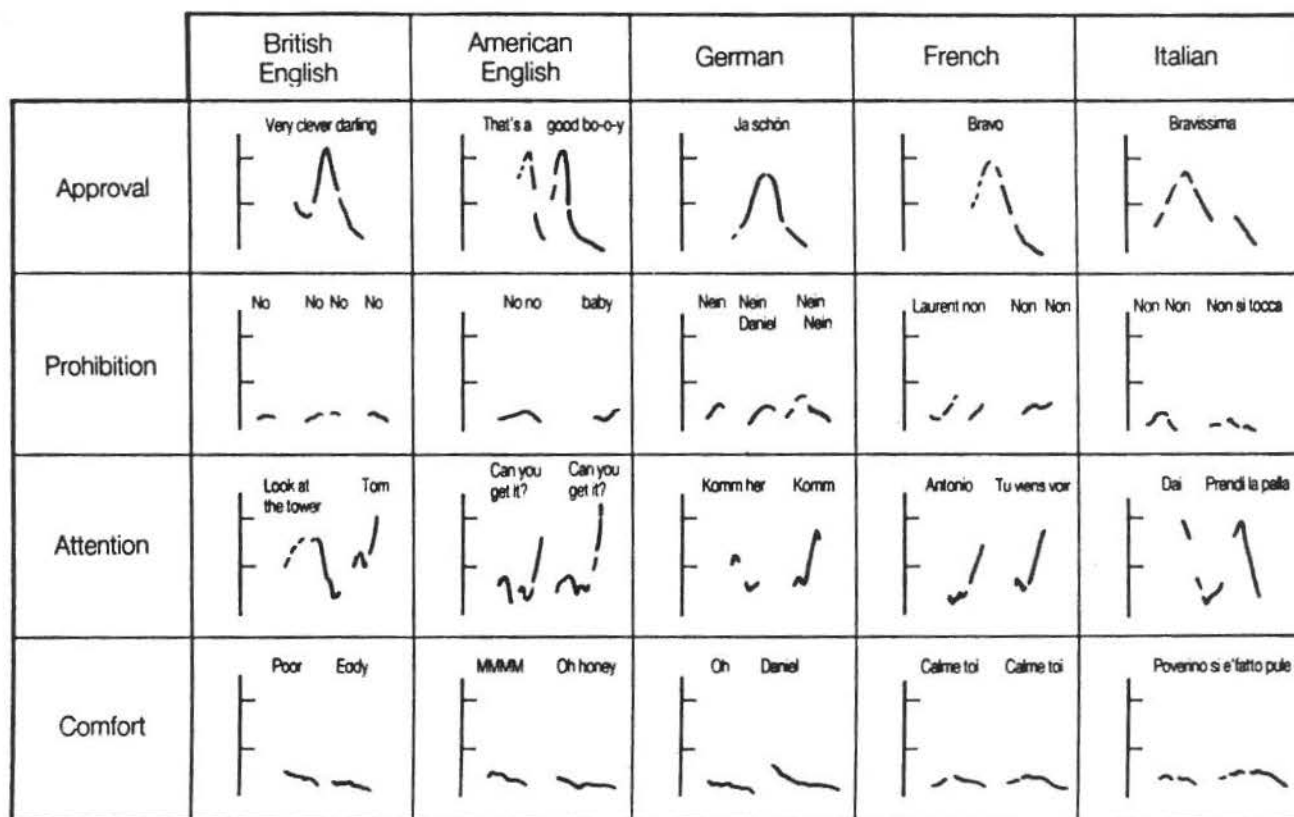


Figure 1.1.3 Examples of pitch contour from Approval, Prohibition, Attention, and Comfort vocalizations in British, American, German, French, and Italian mothers' speech to twelve-month-old infants. Extraído de Fernald (1993)

Quadro 2

Esta concepção universalista do manhês é estruturada, pela autora, através de um modelo no qual a prosódia materna desempenha certas funções no desenvolvimento. Assim, os padrões prosódicos característicos da fala da mãe serviriam inicialmente para solicitar a atenção do bebê, para modular estímulo e afeto e para comunicar significados afetivos. Apenas gradualmente, no final do primeiro ano, a prosódia materna começaria a servir especificamente a funções linguísticas, facilitando o processamento e compreensão da fala.

A ênfase deste modelo reside nas funções regulatórias prélingüísticas da entonação na interação mãe-criança, pois serve de suporte para o argumento da autora,

¹¹ F°= frequência fundamental, medida usada para o traço prosódico de altura.

baseada numa visão neodarwinista, de que a fala materna humana é um mecanismo adaptativo. Esta perspectiva enfatiza uma predisposição biológica primária para o uso exagerado de traços prosódicos na fala dirigida ao infante.

1.3 Nos caminhos do adaptativo: A teoria de Fernald

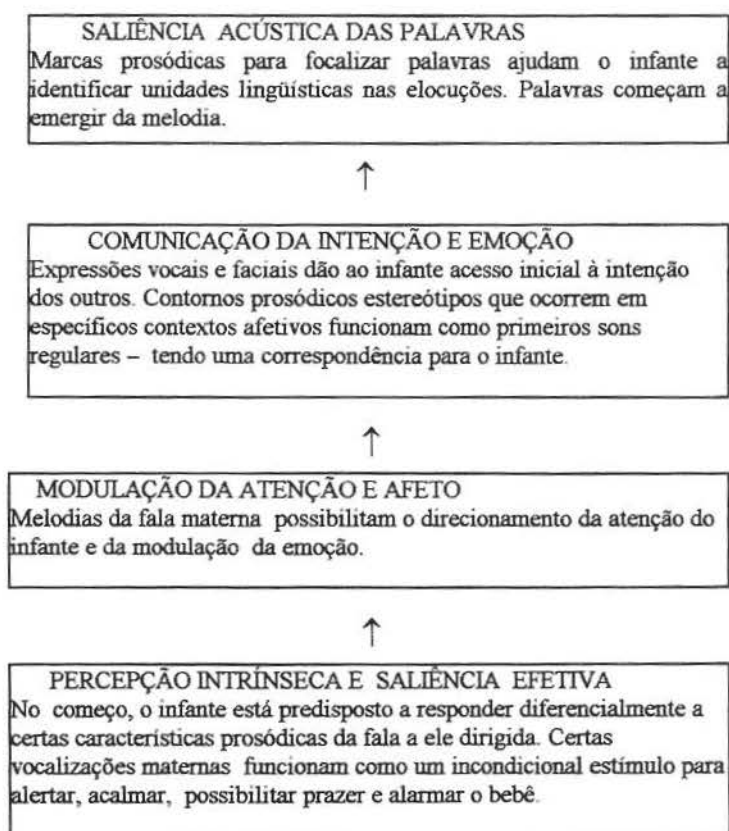
Com base na biologia, principalmente em estudos etológicos, Fernald (1993) busca argumentos para conceber a fala materna dirigida ao bebê como um mecanismo adaptativo; para isso, ela toma o conceito de “exaptation” - novos papéis desempenhados por antigas características -, bastante discutido por anti-adaptacionistas em contraposição ao conceito de adaptação dos darwinistas mais ortodoxos, para explicitar o papel da linguagem humana na evolução da espécie. Assim, para a autora, as expressões emocionais humanas envolvidas a partir de jogos faciais e vocais em outras espécies ancestrais derivam de comportamentos que originalmente não sinalizariam esta função. O uso de padrões estereotipados vocais na fala humana dirigida a bebês é, segundo a autora, uma “exaptation”, com uma origem evolucionária nas vocalizações de ancestrais primatas não humanos usada para propósitos diferentes.

“ The claim that such human behaviors are exaptations rather than adaptations is a claim about origins, which does not require rejection of an adaptationist explanation for the current fit between these behaviors and the biological functions they serve ” (Fernald, op. cit.: 56).

O argumento feito aqui é de que a origem do comportamento humano - em especial a linguagem - como uma “exaptation” não exclui a influência da seleção natural no subsequente refinamento desse comportamento para sua função especializada atual.

A partir desta visão evolutiva da linguagem humana, Fernald constrói um modelo que daria conta deste refinamento da fala dirigida ao bebê, com base ancestral, no seu uso

atual. Segundo este modelo (quadro 3), as melodias exageradas do manhês servem a funções diferentes no desenvolvimento inicial, fundamentais para aquisição da linguagem. No primeiro ano de vida, os sons da fala materna influenciam o comportamento da criança a nível afetivo¹². A partir do segundo ano, os padrões exagerados de altura do manhês podem eventualmente ajudar a identificar unidades linguísticas na fala. Entretanto, a fala humana começa a ter uma significação para o infante, via entonação materna, muito antes no desenvolvimento. Através desta forma de comunicação vocal, o bebê começa a experimentar a comunicação emocional com os outros e, meses depois, a comunicação através de símbolos é possível.



Quadro 3: Funções desenvolvimentais da prosódia na fala dirigida ao infante
(Traduzido de Fernald, 1993)

¹² O termo “ affect ” em inglês é traduzido por “ afeto ”, como termo técnico usado na psicologia do comportamento. Mas não tem a mesma acepção nas duas línguas. “ Affect ” em inglês tem um alcance mais amplo que sua contraparte portuguesa, abrangendo emoções variadas.

O papel da emoção e afetividade modulados na prosódia materna são tomados, neste modelo, como fundamentais para o desenvolvimento prosódico do bebê. Atribuindo um caráter universal aos contornos prosódicos do manhês, a autora remete a certas vocalizações maternas, a função de estimular estados de alerta, prazer, conforto, etc. Aos poucos, essas melodias maternas vão modulando a atenção e a emoção do infante, dando pistas das intenções e estados emocionais dos outros. E, finalmente, a saliência de certas marcas prosódicas possibilitariam a identificação de unidades linguísticas.

Esse modelo propõe predisposições mais biológicas que linguísticas ou convenções culturais como determinantes primários do uso e efetividade da entonação exagerada na fala dirigida ao bebê. E serve de suporte para o argumento de que a fala humana materna é um mecanismo pré-adaptativo.

Assim, no uso diferencial das qualidades acústicas nas rotinas de cuidados com o bebê que envolvem contextos afetivos diversos (aprovação, atenção, conforto e proibição), as mães exploram intuitivamente uma predisposição inata do infante para responder diferencialmente a qualidades acústicas particulares dos sons.

Valendo-se de estudos sobre percepção em bebês (ver a este respeito revisão de Kent & Miolo, 1995, no início deste Capítulo) e em seus próprios estudos (Fernald, 1985; Fernald & Kuhl, 1987; Fernald et al., 1989) Fernald (1993) atribui a uma predisposição inata do bebê a percepção diferencial de certas qualidades acústicas dos sons maternos - entonação - relacionados a contextos de afetividade, com bases ancestrais em estados de atenção e alerta propiciados pelas vocalizações dos primatas. E, ao mesmo tempo, concebe a mãe - a fala materna - como desencadeadora desta predisposição inata. Quer dizer, ela tenta explicar uma “predisposição ancestral” - percepção diferencial de qualidades acústicas pelo bebê - a partir de uma estimulação externa - **exploração intuitiva** na fala materna de saliências prosódico-afetivas. Ao que parece a autora tenta dar uma justificativa inatista, a partir de uma roupagem adaptativa, mas, no entanto, está mais próxima de um “behaviorismo” ou “neobehaviorismo”

quando remete a estímulos externos - modificações da fala materna -, a exploração e modulação desta percepção do infante¹³.

Para Scarpa & Lier (1991), o inatismo e o behaviorismo apresentam diferentes versões para resolver a questão da acessibilidade do infante ao objeto lingüístico. No caso do inatismo, o problema se resolve no apelo a um organismo perceptual pré-programado; já para os behavioristas ou “neobehavioristas”, é atribuído ao objeto lingüístico propriedades estruturadas e, por isso, salientes. O interessante, é que Fernald se utiliza das duas versões num mesmo modelo sob uma “nova” roupagem: biológica e neodarwinista.

Adaptativo-afetivo ou cultural?

Um ponto que merece destaque na teoria exposta por Fernald (op. cit.) é o das diferenças culturais como exercendo uma “calibragem” na predisposição inata do infante em perceber determinadas saliências prosódicas na fala a ele dirigida. A partir de uma série de experimentos envolvendo bebês de cinco meses americanos expostos ao manhês (situações de aprovação e proibição) em diversas línguas (alemão, italiano e japonês), Fernald et al. (1989) observaram que, diante de línguas não familiares como o alemão e o italiano, as crianças apresentaram respostas semelhantes às da sua língua materna. Porém, diante do manhês japonês, estes bebês reagiram de maneira afetivamente neutra tanto às produções prosódico-afetivas de aprovação quanto às de proibição. A justificativa para tal comportamento, segundo a autora, é a de que as modificações de fala produzidas por mães japonesas, principalmente no que se refere à variação de altura, é menor (mais baixa) do que na fala materna de mães européias. Assim, vocalizações japonesas seriam mais difíceis de serem distinguidas pelo bebê americano, acostumado às elevadas

¹³ É de se notar a “conversão” do neobehaviorismo dos anos 70, que então trabalhava com a interação comunicativa mãe-criança, a “inatistas” dos anos 90, adaptando-se aos ventos das teorias lingüísticas oficiais, via considerações

variações de altura na sua língua materna. Uma vez que já estavam com cinco meses, tinham um maior tempo de exposição à língua materna.

Os achados de que os bebês americanos diferenciam vocalizações maternas em algumas línguas mas não em todas sugere, segundo a autora, que diferenças culturais na natureza e extensão da expressividade emocional pode, desde cedo, exercer uma influência na responsividade do infante para sinais vocais. Um processo de “calibragem” cultural pode ser o responsável por tais diferenças entre línguas. De acordo com esta explanação, bebês em todas as culturas são inicialmente responsivos às mesmas pistas vocais; entretanto, diferenças culturais no desempenho de regras que governam as expressões emocionais podem determinar o tipo e a mudança da intensidade emocional à qual o bebê é rotineiramente exposto, às quais o bebê tem como expectativa na interação social com adultos.

Estas explicações dadas pela autora enfatizam o caráter de reforço do meio sobre o infante, quer dizer, a predisposição inata existe, mas quem vai afunilar ou modular é o ambiente lingüístico ao qual a criança está exposta - no caso a prosódia de sua língua materna.

Como se observa, o que está em jogo é uma predisposição inata prosódica para aquisição da linguagem, cujo estímulo desencadeador do processo aquisicional da língua são contextos prosódico-afetivos específicos considerados universais através das culturas. Mas, como veremos a seguir, as modificações de fala materna dirigida ao infante não são as mesmas em todas as culturas.

Apesar de encontrar adeptos da universalidade, a teoria proposta tem recebido críticas. Ingram (1995), posiciona-se contrário a uma visão universalista respaldando seus argumentos em trabalhos sobre interação mãe-bebê em comunidades outras que as da classe média americana branca; tais trabalhos concebem as modificações prosódicas do manhês como resultado de um conjunto de convenções que podem variar de cultura para cultura.

Ochs & Schieffelin (1995) questionam a universalidade do manhês a partir de estudos em comunidades nas quais o bebê não é considerado um destinatário nas trocas comunicativas¹⁴. Como colocam os autores

“ em várias sociedades, os bebês não fazem o papel de destinatário até demonstrarem que são capazes de produzir palavras reconhecíveis na língua. Por exemplo, entre os maias falantes do k'iché, 'a interação entre bebês e seus pais é mínima, embora haja uma certa variação neste aspecto entre os pais, especialmente entre classes econômicas diferentes... os pais kiche tratam seus bebês como parceiros de conversação depois que eles tiverem aprendido a falar ” (Pye, 1992, apud Ochs & Schieffelin, op. cit.: 72).

O mesmo acontece em comunidades afro-americanas e em comunidades rurais de Java. Em comunidades tradicionais de Samoa Ocidental e entre os kaluli de Papua-Nova Guiné a estrutura interativa não estabelece o bebê como destinatário preferencial, a sua participação se dá na interação como um ouvinte casual de conversações não-simplificadas entre os outros. E como acrescentam os autores,

“ nas comunidades em que os bebês e crianças pequenas geralmente não são escolhidas como parceiros conversacionais, elas, mesmo assim, tornam-se falantes-ouvintes gramaticalmente competentes, desenvolvendo conhecimento lingüístico em um ambiente lingüístico repleto de complexidade gramatical e orientado a interlocutores competentes ” (Ochs & Schieffelin, 1995 p. 73).

¹⁴ Sobre a crítica a respeito da concepção de comunicação e “ input ” na aquisição da linguagem ver Introdução desta tese.

As autoras destacam ainda as diferenças culturais no grau de simplificação existentes quando se dirigem à criança. Enquanto nas comunidades americanas e européias, a simplificação envolve modificações fonológicas, morfossintáticas e de discurso (ver também, a nossa revisão sobre o *manhês* na primeira parte da Introdução); na cultura samoana, afro-americanos, javaneses e kaluli, a simplificação pode ser restrita ao domínio do discurso e à auto-repetição de um enunciado anterior¹⁵.

Dados culturais desta ordem possibilitam questionar o papel desencadeador do *manhês* humano de uma predisposição inata afetivo/adaptativa no bebê, pois se nem todas as culturas oferecem este tipo característico de fala dirigida a bebês, nem a mesma qualidade de simplificação em sua fala, como podemos tomar esta fala como universal e, mais ainda, adaptativa da espécie? Como justificar as diferenciações culturais como “calibragem” se não há, em muitos casos, qualquer indício de um *manhês*, nos moldes das culturas americanas e européias?

O importante a considerar é que a prosódia materna, em sua especificidade e relacionada a determinados contextos, desempenha algum papel no processo aquisicional, dando-nos pistas para a compreensão da inserção da criança na língua. Mas para isso temos que situar funcionalmente a relação afetividade/fala materna e o acesso do infante à língua.

Conforme veremos na nossa replicação instrumental do experimento de Fernald (1993), a fala dirigida ao bebê em mães brasileiras não se estrutura como a configuração prosódico-afetiva defendida pela autora ao longo de seu artigo. De acordo com os nossos dados, a configuração diferencial permite uma abordagem alternativa - e um deslocamento do afetivo para o discursivo -, na qual a fala materna - a prosódia em especial - desempenha uma função linguístico-discursiva desde os primeiros meses, marcando a constituição e o deslocamento de lugares discursivos entre mãe e bebê. É a linguagem como atividade constitutiva que confere qualidade às interações humanas.

¹⁵ Típica da fala kaluli, na qual a mãe usa uma partícula da língua o imperativo *elema* para que ocorra a repetição do enunciado pela criança pequena.

Recorremos a Bakhtin (Dalet, 1995) para demonstrar este deslocamento teórico da prosódia enquanto afetividade para a entonação bakhtiniana, na qual,

“ a própria natureza da interação é primeira e imediatamente de ordem da entonação ”, pois esta se realiza *“ sob a influência mútua de três atores, que são o locutor/autor, o ouvinte/leitor, e o objeto do enunciado. Da sua interação continua define-se a entonação portadora da avaliação social do enunciado ”* (p. 265).

Este deslocamento necessário permite conceber a voz materna, em nossa tese, em seu sentido metafórico

“ porque não se trata concretamente de emissão vocal sonora, mas de memória semântico-social depositada na palavra ” (Dalet, op. cit.: 264),

principalmente na assunção da mãe de outros lugares discursivos como o do bebê (ver Capítulo 2).

1.4. Um estudo instrumental fonético-acústico da fala de mães brasileiras

O interesse em pesquisar as modificações prosódicas do manê, em mães brasileiras, a partir das pistas levantadas por Fernald (1993) entre outros, propiciou a elaboração de um estudo longitudinal de duas díades brasileiras, através de registros em vídeo, por um período de dezoito meses, em situação naturalística. Busca-se comparar os resultados de Fernald com as duas díades brasileiras. A díade I (D1) tem os seus registros iniciados a um mês de vida do bebê; a díade II (D2), aos quatro meses. As mães são primíparas, de mesmo nível sócio-econômico e sua faixa etária gira em torno de trinta

anos. As gravações foram efetuadas quinzenalmente, com duração média de quinze minutos.

Como buscamos observar as características prosódicas da fala materna em mães brasileiras aproximando-nos dos experimentos de Fernald (op. cit.) - que normalmente trabalham com grande número de díades - utilizamos para essa análise acústica dados de duas díades (D1 e D2); no entanto, devido ao caráter longitudinal (do primeiro aos dezoito meses de vida do infante) do trabalho a que nos propomos, optamos por fazer a análise de apenas uma díade (D1) devido à extensão dos dados a serem analisados. O estudo deste capítulo serve de base para todo o desenvolvimento analítico da díade escolhida para análise nos capítulos subsequentes.

O objetivo com estas filmagens longitudinais é não só observar as características prosódicas da fala materna, nos contextos específicos já descritos em outros trabalhos, mas, principalmente, tentar compreender, num outro momento (análise longitudinal da díade 2), como se dá o acesso da criança à organização de sua língua materna (Scarpa, 1988, 1997).

Antes de entrarmos na análise dos dados, torna-se necessário explicitar o modelo teórico desenvolvido por Fernald que toma a fala dirigida à criança pequena como desempenhando funções desenvolvimentais, partindo da modulação afetiva para chegar à língua. Este modelo, como vimos (tópico 1.3), diz muito pouco da passagem do afeto à língua, prendendo-se a experimentos (Fernald & McRoberts, 1991) que tentam demonstrar que essas modulações são as primeiras salientar a distinção de palavras lexicais e palavras funcionais para criança com quinze meses; a preocupação da autora é com o caráter universal dos contornos entonacionais do manê e no uso prosódico diferenciado nos contextos afetivos em questão. Os nossos dados mostrarão que nem as características prosódicas são tão semelhantes nos contextos descritos, nem os contextos são tão definidos como a autora coloca. Pois o que está em jogo não é a atividade desencadeadora materna, via prosódia, de uma predisposição perceptiva inata do infante, mas sim a constituição da própria subjetividade pela alteridade.

No modelo de Fernald (op. cit.) há dois momentos funcionais no manhês: um que recobre o primeiro ano de vida, cuja ênfase é a modulação do comportamento afetivo do bebê; o outro enfatiza o caráter facilitativo no reconhecimento de unidades lingüísticas, via saliências prosódicas. O que a autora não mostra neste estudo é a passagem de um momento ao outro. Quer dizer, quando é que as modulações emocionais dão lugar à ênfase no lingüístico? Não se sabe.

O modelo, tal como se apresenta, é estruturado de forma bem linear, com um momento sucedendo o outro, mas sem uma explicação mais detalhada deste desenvolvimento. Além disso, o segundo momento, da inserção do lingüístico, não foi explicitado no artigo, apenas citado. O cerne do artigo é a questão da modulação emocional materna, que acontece a partir da ritualização de certos contornos característicos que emergem em determinados contextos envolvendo comportamentos afetivos: aprovação, proibição, conforto, atenção. O papel do infante parece ser apenas perceptivo, isto é, ele assimila o “input” materno e chega à fala. Não é informado como ele atua em todo esse processo. Se a prosódia materna é evidenciada na modulação emocional, parece que o infante não participa dela, apenas a percebe e internaliza.

Mas a percepção de fala como coloca Lindblom (1985 apud Scarpa, 1995):

“ é um produto de dois tipos de informação: a voltada ao sinal e a independente do sinal; neste último caso, a informação relevante é de natureza lingüística ”, ou seja, entre o que é percebido e o sujeito encontra-se o lingüístico (...) *“ a escuta é seletiva, guiada pela língua, isto é, por informações lingüísticas ”* (Scarpa, 1995: 168/180).

Como se vê, muitos são os questionamentos que tal modelo suscita, desde a própria concepção de universalidade, seguida da descrição dos momentos do manhês, até o papel perceptivo do infante em todo esse processo. Neste modelo, a aquisição da linguagem permanece nebulosa, principalmente quando não se sabe de que forma a criança se utiliza de todo este aparato informativo-afetivo, para chegar à língua. De

qualquer forma, a abordagem aponta para questões pouco exploradas como a modulação emocional via traços prosódicos e sua possibilidade de ser algo universal.

A seleção dos dados

O estudo instrumental fonético-acústico que agora apresentamos destaca os traços prosódicos da fala de duas mães (D1 e D2) em contextos específicos de interação, seguindo os passos de Fernald (1993). Neste estudo, introduzimos uma variável: ao invés de nos determos numa idade específica dos bebês, tal como fez a autora, optamos por observar esta fala materna dirigida a idades diversas (dois, quatro, seis, sete, nove meses e 12 meses). Os dados escolhidos, por terem sido registrados em situação natural, não possibilitaram um tratamento acústico adequado, isto é, não se dispunha de uma sala acusticamente preparada; procurou-se, entretanto, minimizar ao máximo os ruídos presentes, de forma a viabilizar uma análise espectrográfica.

Neste exercício foi utilizado o espectrógrafo digital CSL - Kay Elemetrics, modelo 4300B, do Laboratório de Fonética Acústica da Unicamp (LAFAPE).

Os espectrogramas da amostra foram efetuados com filtros de banda estreita (57Hz), que faz distinções muito finas na escala de frequência, mostrando cada um dos harmônicos em separado. Estes filtros têm boa resolução para se inferir a curva melódica (contornos) dos enunciados produzidos.

A partir dos espectrogramas, foram efetuadas as extrações de altura, através do extrator instantâneo de altura do analisador digital. Porém, no decorrer das extrações, os pontos evidenciados pelo espectrógrafo analisador, por vezes, mostraram-se de difícil leitura. Para solucionar o impasse optou-se por privilegiar o movimento da frequência fundamental, inferido visualmente dos espectrogramas. Não utilizamos programas computacionais específicos de extração de F^0 como o “cepstral” ou a autocorrelação devido aos seus freqüentes erros de análise (semelhantes aos do extrator instantâneo de altura): confusão entre $F1$ e F^0 , frequência de F^0 dobrada, cálculo de F^0 nas partes não

sonoras da amostra etc. Para nosso exercício foram suficientes o espectrograma de banda estreita e o extrator de altura, além da transcrição auditiva.

Apesar de tomarmos os contornos de altura como relevantes para caracterizar os contextos afetivos, seguindo Fernald (1993), também fizemos algumas medições duracionais para mostrar diferenciações entre contextos afetivos, como na presença de alongamentos nos enunciados de conforto e velocidade de fala rápida nos de aprovação e atenção. Estes outros traços acústicos são de importância para o reconhecimento e modulação dos estados afetivos pelo bebê.

Análise e discussão

Ao destacar quatro situações ritualizadas de fala dirigida ao infante, ao longo de 12 meses de vida, tais como: aprovação, proibição, solicitar a atenção e consolo, a amostra trabalhada revelou alguns traços diversos daqueles apontados por Fernald (1993). Segundo esta autora, nas rotinas de cuidados com os bebês, como já foi visto, as mães utilizam padrões de entonações específicos:

Nas vocalizações de *aprovação* ou prazer, em diversas culturas, há um aumento na frequência fundamental (F°), bem como, variação de F° , com um proeminente contorno ascendente-descendente (\wedge). As vocalizações de *proibição*, inversamente, apresentam-se com F° baixo, e, por conseguinte, com reduzida variação do mesmo. Estas vocalizações são mais intensas, curtas e mais abruptas no “onset”. No *consolo*, as produções são similares às situações de *proibição*, com F° baixo e âmbito de altura menor, menos intensas, longas e mais sutis no “onset”, do que as proibições. Para *solicitar a atenção*, é característico o uso de contornos de altura do tipo ascendente ($/$).

A amostra analisada evidenciou resultados que não se coadunam estruturalmente com aqueles que Fernald toma como já determinados, que são os contextos afetivos típicos. Como veremos, estes não são definidos na interação desde os primeiros meses (aprovação e atenção); a sua estruturação vai se dando ao longo do tempo. Outros, só vêm aparecer bem mais tarde (proibição), quando a criança já é tomada pela mãe como

um interlocutor mais ativo. Além disso, algumas curvas (proibição) apresentam algumas diferenciações em relação às de Fernald.

Ao longo do tempo, a qualidade das interações também vai se diferenciando. Como dissemos, elas não são tão ritualizadas nos primeiros meses. No início, até os três/quatro meses, o tópico das interações é o próprio bebê; os enunciados maternos sempre envolvem comentários sobre cuidados com a criança (alimentação, banho e troca de roupa) e salientam comportamentos involuntários (reflexos) do bebê, que são tomados pela mãe como comunicativos (esboço de sorrisos, choro, movimentação de braços e pernas, troca de olhar, expressões faciais etc.). A partir dos quatro meses, as interações face a face são mais constantes, a mãe toma o bebê como um interlocutor mais ativo, todas as suas vocalizações são tomadas como comunicativas e informacionais. O foco de atenção é ainda o bebê, mas o ambiente que o cerca (brinquedos, objetos, outras pessoas) começa a entrar na interação. No final do sexto mês, a atividade do bebê sobre o ambiente é o tópico principal. Ele já é um parceiro interacional mais ativo, na sua produção vocal (entre oito/nove meses) já inclui jargões e recortes prosódicos são evidenciados como: acento frasal, entonação final, etc.

A mudança estrutural na qualidade interacional, ao longo do primeiro ano de vida, reflete-se não só ao longo da constituição do bebê como um parceiro mais ativo, mas também, na fala da mãe a ele dirigida. Quer dizer, diante da não atividade vocal inicial do bebê, nos primeiros meses, o foco de atenção é o próprio infante. A mãe interpreta qualquer comportamento deste como intencional, atribuindo não apenas intenção mas também voz a este bebê (ver capítulo 2), já que fala por ele; à medida em que esta criança vai se constituindo através da interpretação materna, como um sujeito, a ocupação de um lugar discursivo pela mãe não é mais necessária, pois o bebê começa a se colocar na interação, mesmo que para isso, se utilize de recortes, incorporações de fragmentos prosódicos maternos (acentos frasal, por exemplo); para num outro momento poder também ele, o bebê, ocupar outros lugares discursivos. É este deslocamento discursivo entre os parceiros, possibilitado pela dialogia e presente através da interpretação materna, que justifica este uso diferenciado dos contextos prosódicos-afetivos pela mãe

ao longo do tempo. Pois ao centrar-se na relação “ input prosódico-afetivo ” e predisposição biológica inata, no organismo adaptativo Fernald deixou de fora a subjetividade, que é o que está em questão para nós.

Apresentamos agora os contextos afetivos analisados, a partir da caracterização de Fernald (1993):

Aprovação

Estes contextos afetivos nos primeiros meses se confundem com os de *atenção*. A partir dos sete/oito meses é que esta diferenciação vai tornando-se mais característica, com o uso de enunciados mais estereótipos para as situações de atenção. Como vemos nos **exemplos 1 e 2**, ilustrados com espectrogramas, a produção materna aos dois meses é semelhante a de quatro meses e que também não vai ser diferente, nos meses subsequentes; mesmo aos doze meses, fase em que, como dissemos, as interações estão mais ritualizadas, a mãe utiliza-se dos mesmos enunciados e curvas entonacionais, ora pra chamar a atenção, ora pra dar aprovação a algum ato desempenhado pelo bebê. Elas, as mães, dificilmente utilizam elocuições envolvendo aprovação do tipo: *muito bem!* como destaca Fernald. As expressões utilizadas para expressar aprovação (e também solicitar a atenção), típicas do sotaque pernambucano, são comumente:

Ai!

Ichi Maria!

Meu Deus do céu!

Que coisa mais linda!

Eita!

Com relação à análise acústica, os dados analisados revelaram que, nestas situações, além do aumento da frequência fundamental, com F° absoluto alto, e diferenças no âmbito de altura: frequências mais altas nos “ picos ” e mais baixas nos

“ vales ”, como já descrito na literatura, as mães modalizam sua qualidade de voz, utilizando, na grande maioria das situações dialógicas com o infante, o “ falsetto ”, numa velocidade de fala mais rápida. Estas vocalizações, na maioria das vezes, são produzidas enquanto as mães sorriem, o que segundo a hipótese de Tatter (1980)

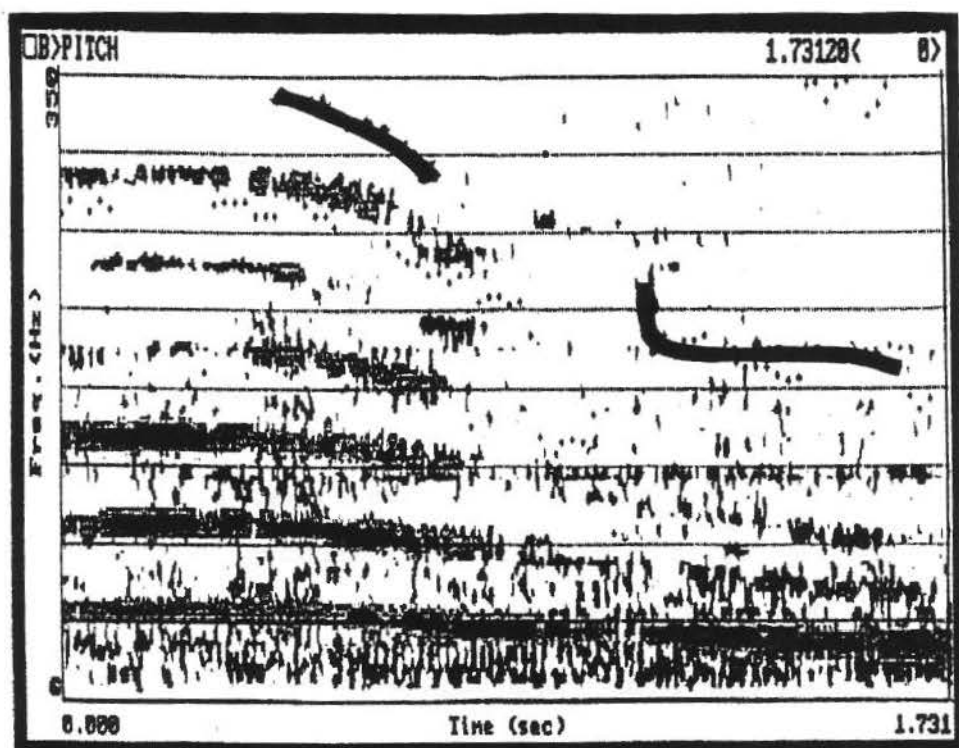
“ smiling while talking alters the shape of the human vocal tract, resulting in higher mean F° ” (Fernald, op.cit.:63).

Os exemplos a seguir ilustram as características dos contornos dos nossos sujeitos.

O **exemplo 1** caracteriza uma situação típica de aprovação, na qual a mãe, parabeniza a criança pela execução de uma ação positiva, neste caso, a expressão [a:ĩ:] funciona como “muito bem”. Neste exemplo, tem-se uma F° alta, em torno de 530Hz. No espectrograma de banda estreita foi possível observar com o cursor acompanhando o fundamental que a elocução inicia-se em torno de 530Hz e finaliza em torno de 340Hz. Na transcrição auditiva de [a:ĩ:] também é perceptível uma acentuação na produção do [a], bastante agudizado no início e caindo na altura no alongamento, seguida de um [i] nasal descendente, também longo, numa curva de alto a médio-baixo e ascendendo a médio . O tipo de voz evidenciado aqui foi o “ falsetto ”, pois é produzida com o F° mais alto do que na fala não dirigida à criança, que para esta mãe fica em torno de 219Hz.

Exemplo 1: D1, 2 meses.

Nesta situação a mãe, em interação face a face, solicita do bebê um sorriso, quando este é produzido ela produz o seguinte enunciado: [a:ĩ:]

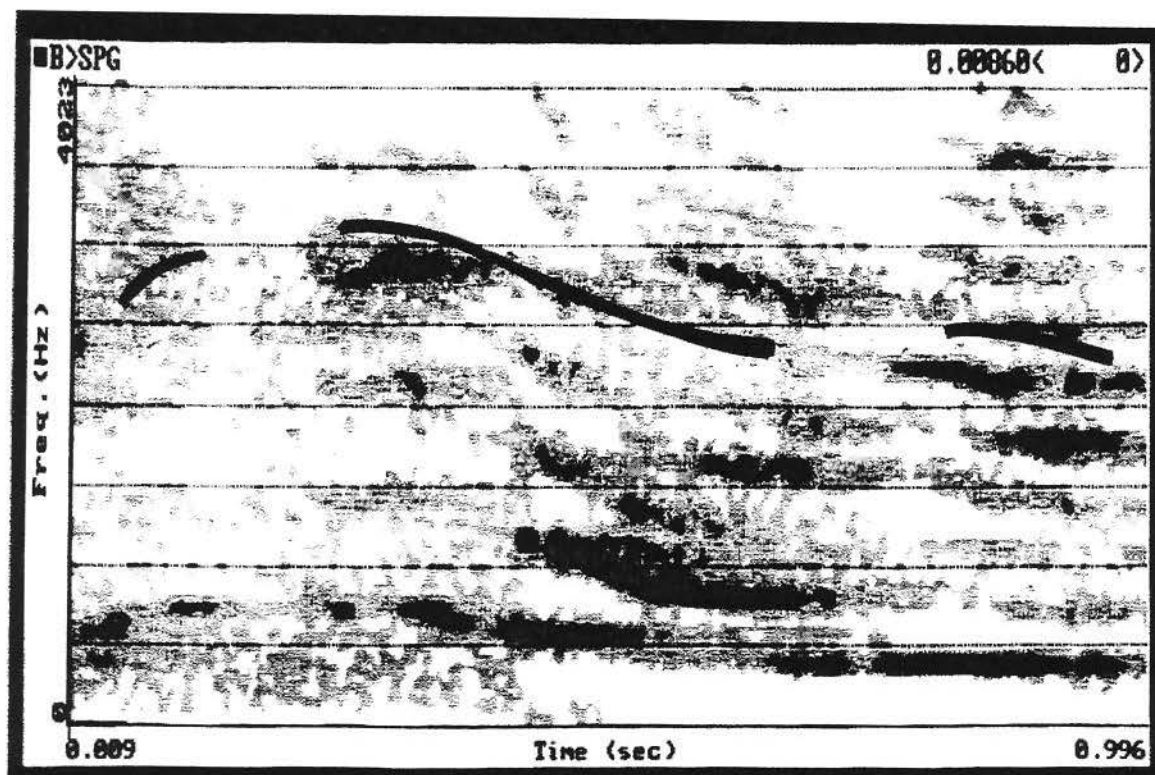


a:

ĩ:

Exemplo 2: D1, 4 meses.

A situação é semelhante a anterior, com a mãe tendo uma atitude positiva diante do esboço de sorriso do bebê: [iʃima'ria]



iʃi ma 'ria

No **exemplo 2** temos uma expressão utilizada pela mãe para demonstrar satisfação, em resposta a um comportamento do bebê, no caso específico, o esboço de um sorriso. Ao produzir a expressão, a mãe além de “falsetear” a voz, a produz em meio a sorrisos, elevando bastante sua frequência fundamental, superior a 400Hz. Com relação às medidas de altura, também inferidas do posicionamento do cursor sobre o fundamental, este enunciado apresenta uma F^0 em torno de 496Hz, chegando a 709Hz e declinando para 359Hz, num contorno tipicamente ascendente-descendente. O enunciado [iʃima'ria] já se inicia bem elevado no contorno de altura, de médio a alto, já que é produzido em meio a sorrisos, ascendendo até o [ma] quando inicia sua descida, de alto a médio.

Atenção

Os contextos de *atenção*, como já dito anteriormente, apresentam características parecidas com os contextos de *aprovação*. Desde os primeiros meses, as expressões características de *atenção* estão presentes na fala materna, porém a sua caracterização como tal vai depender do contexto situacional em que elas foram evidenciadas. As pistas semânticas¹⁶ e prosódicas nem sempre são suficientes para tomá-las como *atenção* ou *aprovação*. São estas as expressões mais específicas das situação de *solicitar a atenção*:

Cadê?

Olha!

Ó!

Ei!

¹⁶ É sabido que nesta idade as pistas semânticas não servem de guia para o bebê, mas para nós que transcrevemos e analisamos o conteúdo semântico muitas vezes não era esclarecedor.

Além dessas expressões mais freqüentes, outras apresentam apenas a entonação característica de atrair a *atenção*, como a do **exemplo 4**, que destaca qualitativamente o cheiro do pé do bebê. Essa expressão, “ Que pé fedorento! ”, também poderia ser tomada como *aprovação*, mesmo qualificando negativamente, pois os contornos de altura aliados a expressão facial, a colocam no campo da interação positiva.

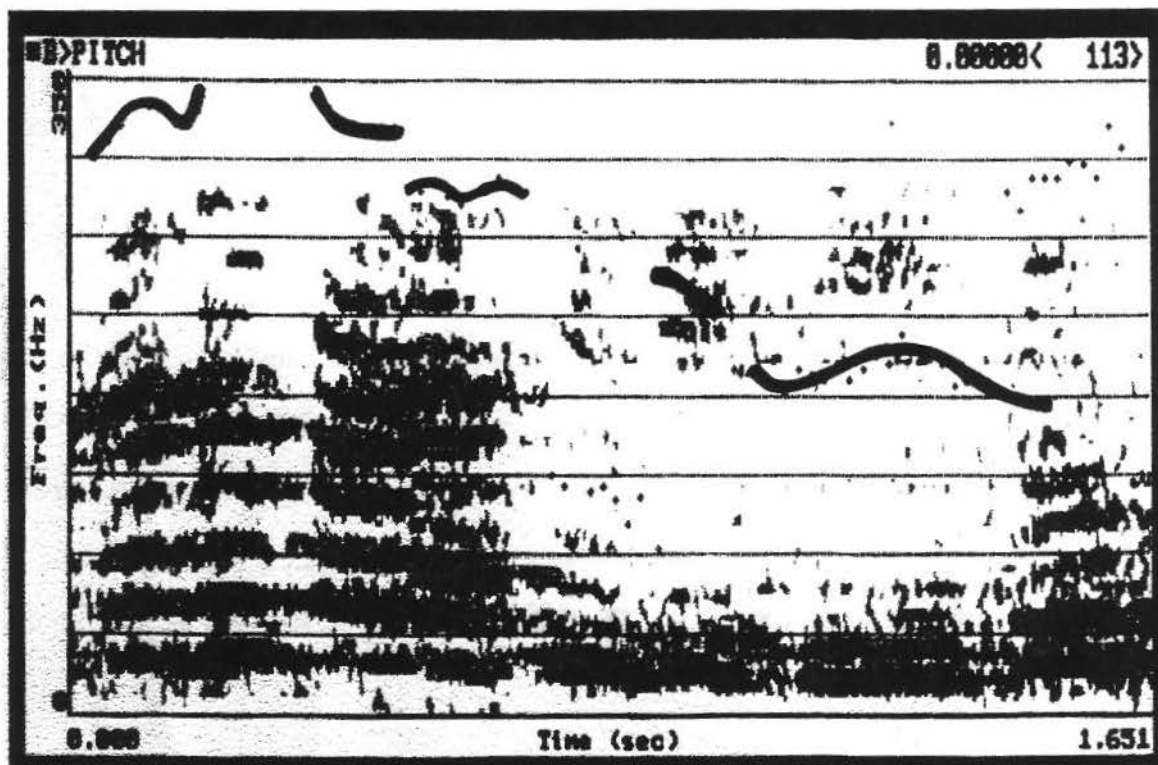
Como se observa estas duas entonações, em nossos dados, flutuam de um contexto a outro, não especificando para o bebê, só com as curvas se são: *aprovação* ou *atenção*.

As principais características dos contextos de *atenção* são: contornos proeminentes de altura, F° altos e ascendentes. O tipo de modalização de voz característica evidencia o uso do “ falsetto ”, ressaltando a velocidade de fala bem rápida.

O **exemplo 3** é típico das situações de atenção descritas na literatura, a mãe chama a atenção do bebê, que está disperso, engatinhando pela cama. Ela se utiliza do manhês, como se fosse o bebê falando, na expressão [ka'dewpaia'siũ di'vi:tu], despertando a atenção do bebê, que de imediato volta-se para ela. Nesta interação a qualidade de voz se apresenta falseteada. O contorno é bem proeminente, com uma F° alta, em torno de 350Hz. O contorno é típico de atenção, ascendente de médio a alto.

Exemplo 3: D2, 8 meses.

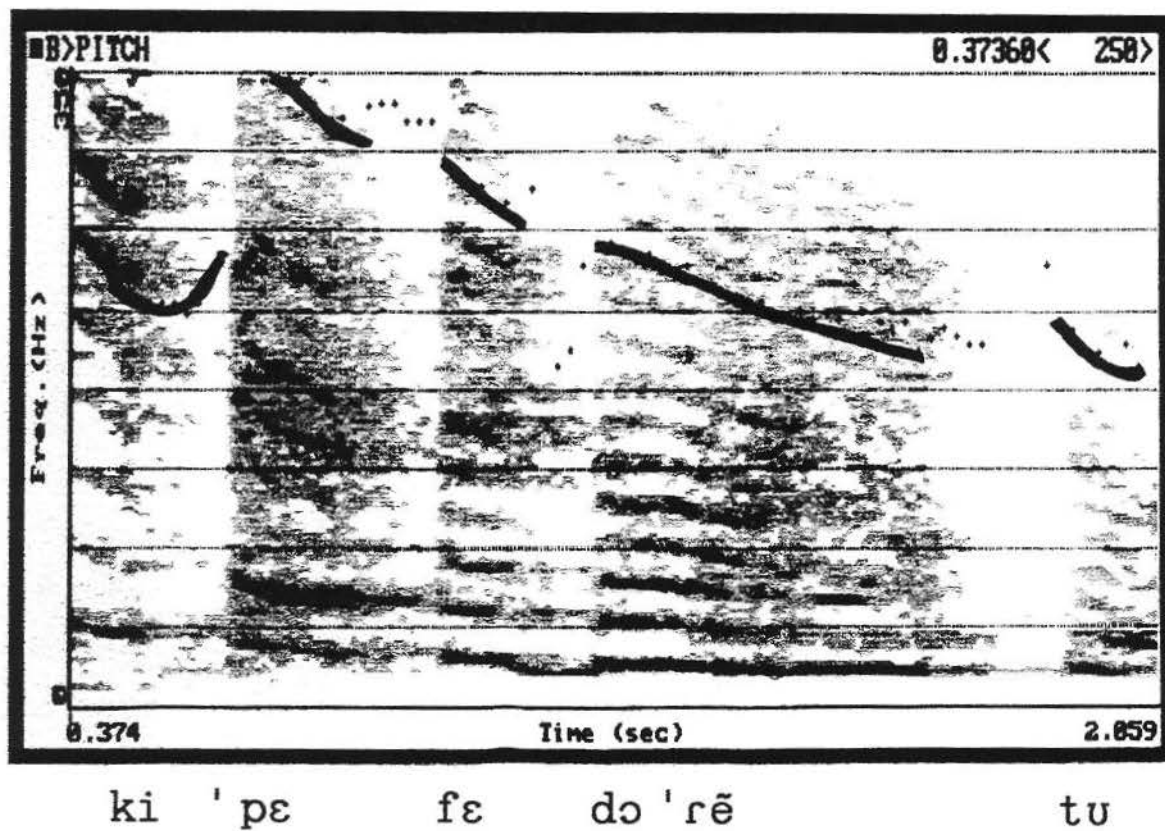
A situação mostra a mãe tentando atrair a atenção do bebê, para o palhaço que estava pendurado no berço, próximo a ele: [ka 'dewpaia 'sĩũ di 'vi:tu]



ka 'dew paia'sĩũ di 'vi: tu

Exemplo 4: D1, 6 meses.

O contexto envolve uma situação de face a face, com o bebê deitado no trocador e mãe cheirando o pé do bebê e comentando: [ki ' pɛ fɛdɔ ' rɛtu]



No exemplo seguinte, **espectrograma 4**, a estratégia para buscar a atenção do bebê, e estabelecer um diálogo, é o próprio corpo da criança, no caso o pé. O uso da expressão [ki' pɛ fɛdɔ'rɛtu] apesar de semanticamente representar uma depreciação, o conteúdo prosódico, salienta uma qualidade positiva, tanto que é produzido em “falsetto” e entre sorrisos. Esta qualificação positiva do cheiro do pé do bebê, enfatizada prosodicamente, remete este enunciado a uma situação de aprovação também; isto demonstra como estes dois contextos afetivos possibilitam flutuações. Aqui, o F° está em torno de 348Hz, com um leve declínio no final. O contorno é ascendente de médio-alto a alto.

Proibição

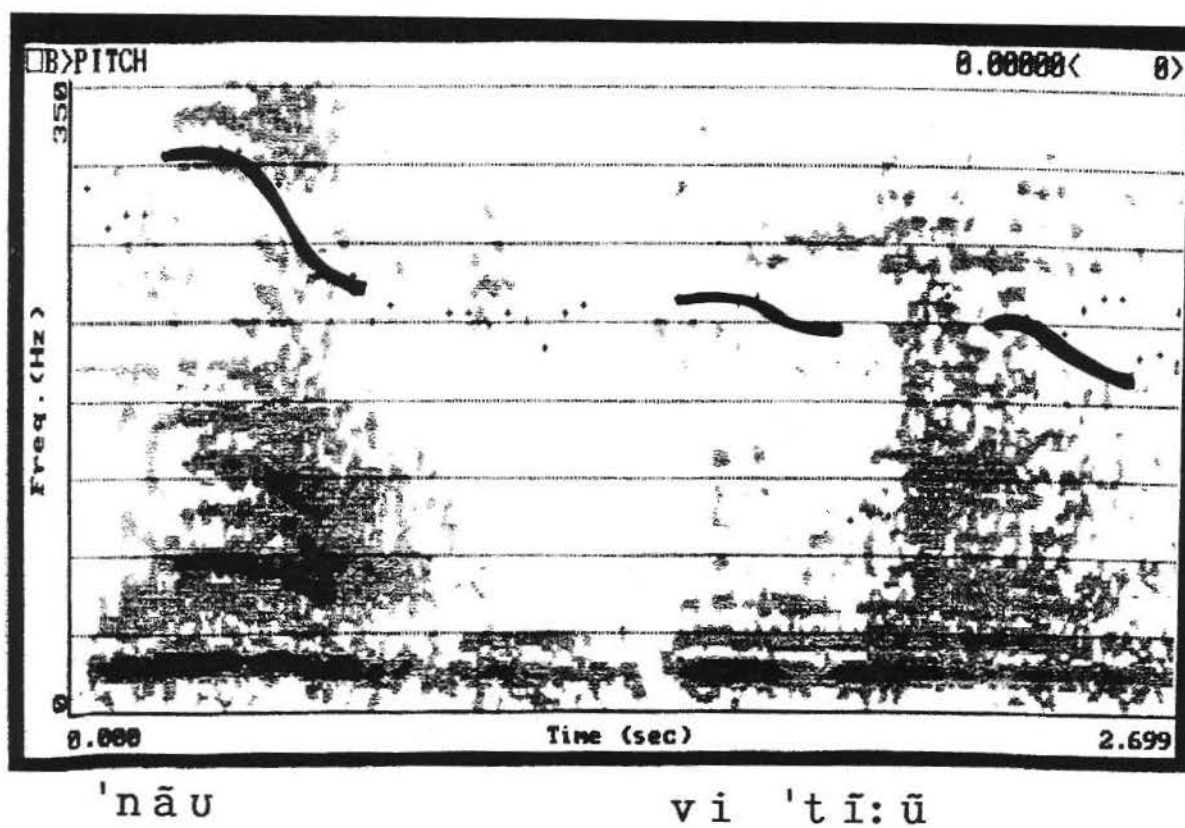
Em nossa amostra, as vocalizações de *proibição* ocorreram apenas a partir dos sete/oito meses. Antes disso não tivemos uma única situação que envolvesse tal contexto. Essa peculiaridade no uso da proibição, nas mães analisadas, traz à tona, novamente, a possibilidade de ser este um traço cultural, isto é, mães nem sempre se utilizam de negativas quando interagem com bebês muito novos. As causas para este uso se evidenciar somente a partir de uma idade mais avançada, idade em que o bebê atua efetivamente sobre o ambiente, merecem ser investigadas. Além disso, quando surgem na interação, estes contextos afetivos não são muito numerosos.

Conforme veremos nos capítulos subsequentes (2, 3 e 4), a estruturação da negação acompanhará a constituição subjetiva do sujeito, pois nesses primeiros meses, nos quais ela se encontra ausente, a sua emergência se efetivará num outro lugar discursivo - na fala da mãe “como se” fosse o bebê - a fala atribuída (discutida no capítulo 2). O aparecimento da negação alguns meses depois na fala materna - no seu lugar de mãe - marcará uma outra assunção de lugar - o lugar do bebê enquanto sujeito (capítulos 3 e 4).

Na ocorrência da proibição, a mãe modaliza sua voz, tornando-a áspera e firme, imperativa, bem característica de situações de irritação. Este tipo de contexto sempre é acompanhado de uma expressão facial tensa, a mãe fica séria, franzindo a testa.

Exemplo 5: D2, 7 meses.

A situação mostra o bebê tentando pegar a tomada da televisão quando engatinhava na sala. A mãe ao ver o comportamento do bebê produz o seguinte enunciado: ['nãu vi'tĩũ]



Este exemplo destaca o uso da expressão ['nāu vi 'tĩũ] para reprovar um comportamento apresentado pelo bebê. Caracteriza-se por uma F° baixa, em torno de 270Hz, em relação às produções anteriores; em relação ao fundamental da mãe, em torno de 229 Hz, esta F° não pode ser tomada como baixa. É abrupta no “onset” e bem intensa. A qualidade de voz aqui utilizada foi severa, indicando insatisfação por parte da mãe, em relação ao comportamento do bebê. É interessante destacar que, neste contexto, o bebê, antes da vocalização da mãe, estava de costas para ela, sorrindo e mexendo no fio da televisão, quando a mãe produz a expressão de proibição ele volta-se para ela e modifica a expressão facial, esboçando choro. O contorno é caracterizado como de médio-baixo a baixo.

Conforto

As situações de *conforto* são bastante frequentes ao longo de todo o primeiro ano de vida do bebê. Nos primeiros meses, até quatro meses, elas são mais predominantes nas situações envolvendo banho e troca de roupa, nos meses seguintes, apenas quando o bebê se machuca ou está com sono.

Estas situações são bastantes ritualizadas desde os primeiros meses; quando estão acalmando ou auxiliando o bebê, as mães apresentam uma voz sussurrada, baixa, de entonação descendente, com alongamentos nos enunciados, quase musical, sob a forma de um acalanto.

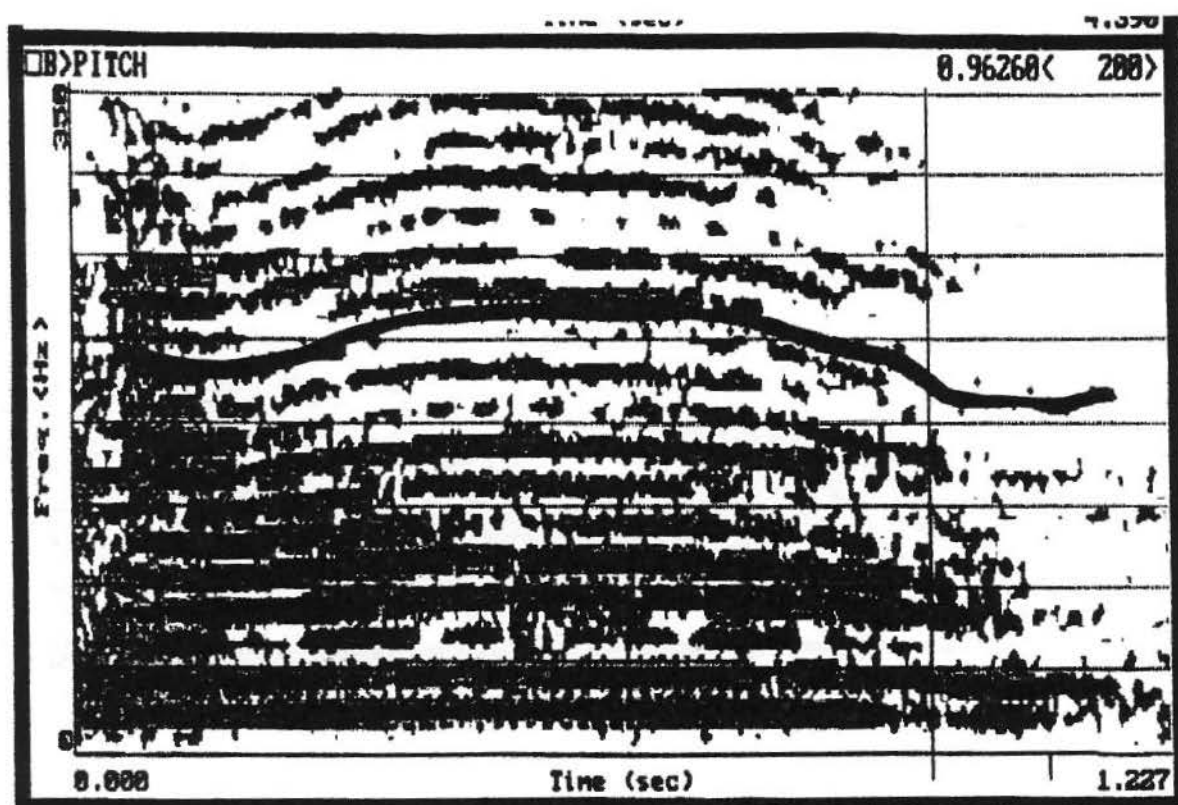
O enunciado do **exemplo 6** ['prõ::tu] é típico dos contextos de *conforto*, quando a mãe tenta cessar o desconforto do bebê. No exemplo em questão, o bebê perde a chupeta e chora bastante. Aqui, tem-se uma F° baixa, em torno 220Hz, mantendo-se nesta frequência, caindo um pouco no terminal, o que é normal, em torno de 190Hz. A qualidade de voz utilizada nesta situação foi o sussurro.

É perceptível o alongamento do enunciado produzido na situação de *conforto*, pois um enunciado tão curto ['prõ::tu], foi produzido em 1.227 msg. Enquanto que

um enunciado como o de *solicitação de atenção* [ka'deupaia'siũ di'vi:tu], extenso na quantidade de palavras, foi produzido em 1.665 msg.

Exemplo 6: D2, 12 meses.

A situação é de desconforto causado pela perda da chupeta. Quando encontra a chupeta e a coloca na boca do bebê a mãe produz o enunciado: ['prõ::tu]

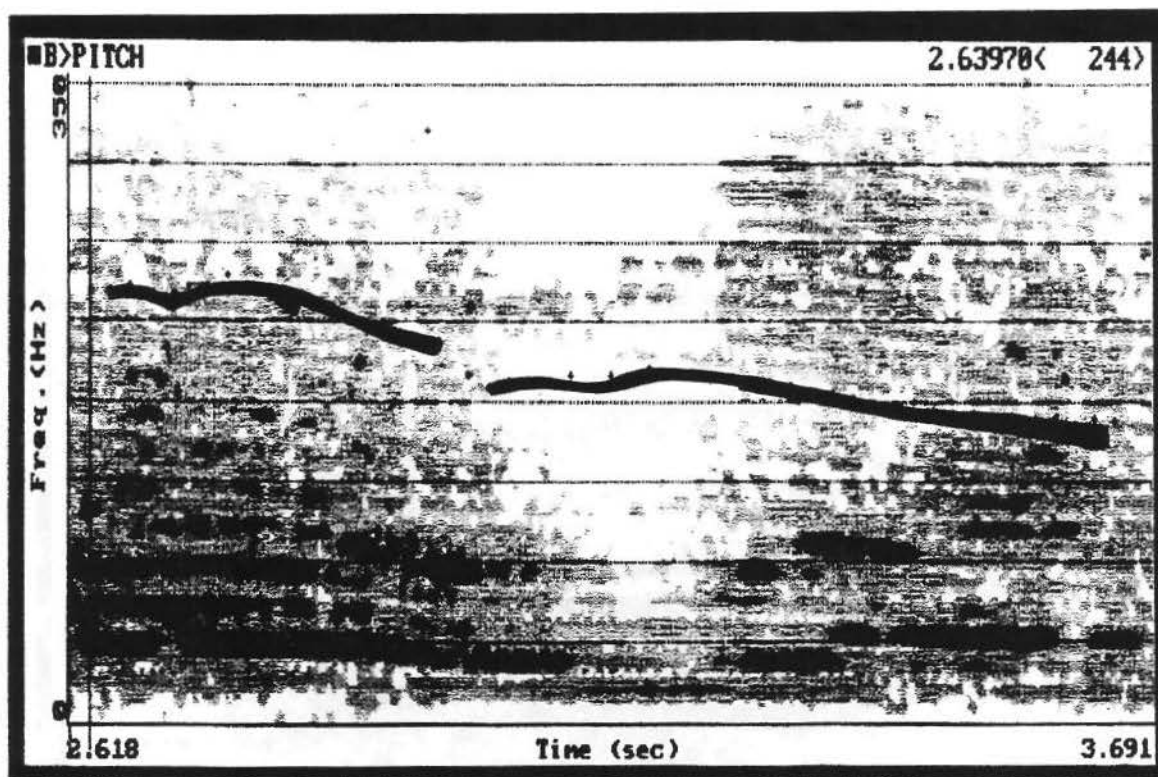


'prõ::

tu

Exemplo 7: D1, 4 meses.

Nesta situação, a mãe tenta acalmar o bebê que chora incessantemente enquanto a mãe troca sua roupa: ['o: 'mã:i]



'o:

'mã:i

O **exemplo 7**, tal como o anterior, **destaca** uma situação na qual o bebê chora incessantemente e a mãe tenta acalmá-lo usando o enunciado ['o: 'mã:ĩ]. Esta expressão é característica do manhês, quando a mãe assume o papel da criança, falando no lugar dela. Com Fº em torno de 244Hz e final próximo dos 170Hz, a vocalização apresentou-se com alongamentos, bem melodiosa, com curvas descendentes de baixo-médio a baixo.

Resultados principais

Alguns contextos merecem discussão, visto que não foram condizentes com o mostrado pela autora, nem tão freqüentes como se esperava. As situações de *proibição*, por exemplo, foram praticamente inexistentes nos primeiros meses de vida do bebê, sendo mais freqüentes a partir dos sete/oito meses, quando a criança já havia adquirido uma maior mobilidade, já engatinhava, e assim, podia explorar melhor o ambiente. Com relação ao tipo de contorno, as nossas mães não apresentaram curvas tão baixas quanto àquelas de outras culturas, ao contrário, o Fº apresentado no exemplo 5 é bem elevado, 270Hz, não condizente com o tipo de curva apresentada no quadro 2. As situações de *atenção* foram as mais freqüentes, em todo o tempo de registro analisado, mas como já salientado, estas expressões podem ser tomadas como *aprovação*. Cabe salientar o tipo de conteúdo da *atenção*: nos primeiros meses, a mãe chama a atenção do bebê, destacando como tópico o próprio bebê; em torno dos sete/oito meses a busca da atenção do bebê é sempre através de algo externo (objeto, bichinho etc.). Os contextos de *aprovação* também não foram muito freqüentes nos dados analisados, muitas vezes eram um misto de *aprovação* e *atenção* ao mesmo tempo, difícil de definir. As curvas apresentadas entretanto, condiziam com o exposto na literatura. As situações de *conforto* foram as únicas condizentes com a literatura e freqüentes ao longo de todo o primeiro ano de vida do bebê.

Com este estudo instrumental pudemos constatar algumas diferenciações em relação aos resultados a que Fernald chega, a ponto de colocar em dúvida a universalidade dos traços prosódicos propostos pela autora.

Numa análise longitudinal, foi possível constatar que, a depender da idade do bebê, a fala a ele dirigida pode não apresentar os contextos afetivos em questão, como no caso das *proibições*. Estes contextos só vêm surgir na fala da mãe em torno dos sete/oito meses, fase em que a criança já desenvolve habilidades como engatinhar, manipular objetos, produzir vocalizações enquanto manuseia objetos, etc. Esta atuação no ambiente faz com que o bebê desempenhe ações que a mãe não considera satisfatórias, daí o uso da *proibição*. Mesmo aparecendo nos sete/oito meses, a *proibição* não é tão freqüente até o final do primeiro ano de vida. Além disso, os contornos quando encontrados só apresentavam uma F° baixa em relação aos contornos de *aprovação* e *atenção*, não em relação ao fundamental das mães. A peculiaridade no uso da *proibição* em nossas díades ressalta especificidades culturais, isto é, nos nossos dados, as mães não utilizam enunciados proibitivos nos primeiros seis meses de vida do bebê. A partir dos sete meses é que surgem tais enunciados, mesmo assim sem muita freqüência de uso e com F° altos se comparados aos dados de Fernald.

As situações de *aprovação* e *atenção*, ao longo de todo o primeiro ano de vida do bebê se evidenciaram de forma ambígua, podendo servir a uma ou outra situação; a forma de determinar se eram produções desta ou daquela situação só se definia tomando a interação como um todo, e não prendendo-se só ao conteúdo do enunciado e à curva entonacional.

Em relação ao aspecto longitudinal, o uso das expressões características de *solicitar a atenção*, tal como o reportado pela autora, vem a surgir efetivamente também a partir dos sete meses; são expressões como: “*Olha!*”, “*Cadê o bichinho?*”, etc. Já as de *aprovação* permanecem indefinidas ao longo de todo o primeiro ano de vida.

Os contextos de *conforto* foram os únicos que se mantiveram constantes em todo o primeiro ano de vida do bebê. A única variação ocorrida foi em relação às situações em que surgiam, até os seis meses, eram mais freqüentes em situações de banho e troca de

roupa, a partir desta idade, só apareciam quando o bebê se machucava e precisava do conforto. As expressões utilizadas neste tipo de fala foram as mesmas dos dados de Fernald.

Os resultados encontrados em nosso estudo permitem levantar algumas questões, a saber:

- O fato da negação não existir em idades anteriores e não apresentar tons baixos (220Hz) como o esperado se contrapõe a idéia de Fernald de que é nas diferenças de modulações que o bebê tem acesso ao lingüístico. Pois se não há o contraponto da negação (mais baixa) para salientar os outros tipos de fala (atenção, aprovação) como o bebê vai fazer as diferenciações? Isto é, como vai desencadear sua predisposição inata para a percepção dessas modificações “prosódico-afetivas”?
- A confusão entre atenção e aprovação (com o mesmo tipo de curva e mesmo conteúdo lexical) ao longo de todo o primeiro ano de vida não demonstra que mais do que universais estes contextos tem sua modulação estruturada pela qualidade da interação? E se não temos aprovação e atenção bem definidos como modulamos o afeto para o bebê?

É exatamente no papel da interpretação materna, tal como foi colocado na Introdução, que estas situações são “significadas” na interação, sendo definidas e delimitadas dentro do espaço simbólico e lingüístico propiciado pelo papel discursivo que a mãe toma.

O modelo de Fernald coloca que é a partir dessas diferenças prosódico-afetivas que se chega a língua. Mas se elas não se apresentam ritualizadas longitudinalmente, nem surgem tal como o esperado, como podemos tomá-las como universais? Isto é, como o bebê vai perceber as diferenças afetivas pelas características prosódicas do enunciado?

Como se observa os nossos dados não se coadunam com o modelo proposto por Fernald, no qual estas situações de afetividade vocal são tomadas como estereótipos de comportamentos universais. A estruturação de contextos afetivos como os de *aprovação/atenção* ou *proibição* de forma peculiar na cultura brasileira (pernambucana), pelo menos nos dados de que dispomos, suscita questionamentos e leva a supor que

muito mais do que universais, estes contornos e seus contextos específicos de uso, apresentam especificidades culturais.

Os contextos de afetividade que permeiam o modelo teórico de Fernald são estruturados de maneira simplista, uma vez que a autora os toma como conceitos intuitivos, isto é, a estruturação afetiva que vai determinar se um contexto é de aprovação ou de proibição serão os traços prosódicos característicos de cada contexto por ela descritos; porém, conforme exposto no nosso estudo instrumental, prender-se a apenas estas características, não garante o reconhecimento deste ou daquele contexto como desempenhando esta ou aquela função afetiva. Como vimos, nos dados envolvendo o contexto de atenção e aprovação, torna-se difícil apenas pelo tipo de curva entonacional estabelecer o tipo de contexto afetivo. Veremos também ao longo da tese, no capítulo 3, que a inserção da negação no discurso materno surge ancorada em contextos de afetividade positiva (aprovação e/ou atenção), em situações de brincadeira e jogos rítmicos. Isso mostra que não podemos estar circunscritos a “pseudo” definições de afetividade e emoção, mesmo porque conforme destaca a literatura (Trevvarthen, 1979; Bullova, 1979 entre outros) os contextos de interação positiva, que envolvem estímulo e engajamento conjunto na atividade dialógica, são os mais propícios à emergência de novos contextos linguísticos, como é o caso da negação, discutida no capítulo 3.

O ponto crucial na análise prosódica da fala materna não está na definição de contextos afetivos e suas curvas características, pois isso não explica a relação deste tipo de fala e a inserção da criança na língua. E, como já dissemos, tais contextos universais se diluem numa análise longitudinal dos dados.

Estruturar uma análise pautada nas características prosódicas da fala materna inserida na dialogia, ressaltando toda a heterogeneidade discursiva - na emergência de outras vozes, na voz materna - encontrada nessa fala e pontuada pelas modificações prosódicas é o nosso intuito nos próximos capítulos. Para isso, fazemos nos capítulos subsequentes uma análise longitudinal da estruturação da fala materna, ao longo do tempo, em sua interação com o infante. O deslocamento de uma correlação das produções de fala materna nas diferentes idades do bebê e sua relação com os contextos

de afetividade vocal põe à mostra uma outra perspectiva de compreensão da fala dirigida ao infante, na qual "muitas falas" se fazem presentes nessa fala materna, delineando não só o papel constitutivo-interpretativo da mãe, mas também, e sobretudo, o lugar de constituição do infante na língua.

Em resumo, descrevemos, neste capítulo, o papel desempenhado pela prosódia materna como "input" facilitador nos estudos aquisicionais, e questionamos a qualidade deste "input" enquanto saliência perceptual para o bebê; partindo de uma crítica (Scarpa & Lier, 1991) à concepção de uma capacidade perceptual pronta (inata) no bebê. Introduzimos, em seguida, a perspectiva neodarwinista de Fernald (1993), espelhada ora no inatismo, ora no "neobehaviorismo", que concebe as saliências prosódico-afetivas da fala materna como universais através das culturas, e mais do que isso, consideram a capacidade perceptiva do infante como biologicamente dada, isto é pré-adaptativa da espécie. Esta perspectiva teórica é por nós refutada, a partir de uma réplica do experimento de Fernald (op.cit.) com mães brasileiras, mostrando como as relações entre prosódia e contexto afetivo se dilui na fala das mães estudadas. A não-congruência dos resultados de Fernald com os nossos, tornou possível o deslocamento de uma perspectiva prosódico-afetiva para uma linguístico-discursiva (de Lemos, 1992; Castro, 1995; entre outros). Tomo, para isso, a estrutura dialógica mãe-bebê como espaço privilegiado para a inserção da criança na língua.

2. A fala atribuída

Para compreender a passagem da criança de um estado de indiferenciação para uma aquisição gradual do sistema de regras da língua, o olhar de muitos pesquisadores voltou-se para a área de aquisição da linguagem, na busca de encontrar respostas e respaldar teorias. Como bem coloca Guimarães de Lemos (1994), a formação desta área dentro do terreno da psicolinguística teve um caráter interdisciplinar, entrecruzando-se lingüística e psicologia e mais recentemente, a psicanálise e a análise do discurso de linha francesa.

Segundo a autora, do primeiro cruzamento vem a noção de linguagem como objeto constituído, que a criança contempla de fora e assimila gradualmente. Esta noção tem suas origens nas teorias lingüísticas, nas quais a linguagem existe enquanto sistema de regras e categorias sintáticas, semânticas e fonológicas. Esta perspectiva propicia o nascimento do sujeito psicológico, aquele que se apropria da língua, que não está nele, a partir da sua maturação cognitiva. Mas é preciso ver que essa é apenas uma das dimensões pelas quais a linguagem pode ser pensada, embora tenha sido, de fato, a mais desenvolvida pelos lingüistas e/ou psicolingüistas.

Segundo ela, bem melhor é ver a linguagem enquanto atividade, processo,

“ esse movimento que não brota de uma competência, não se esgota em nenhum conhecimento já instalado, mas que tem o poder de criar, ele mesmo, sentido, conhecimento, saber (Guimarães de Lemos, 1989 p. 2) ”.

Esta instância de análise traz como objeto o processo através do qual a criança passa a se constituir como um sujeito de linguagem, tornando-se clara a distância entre este objeto e o objeto da lingüística. Mas o que tem ocorrido nos estudos em aquisição, segundo a autora, é a imposição da perspectiva lingüística na constatação, na fala da criança, da emergência dessa ou daquela categoria gramatical, semântica ou fonológica, sem se

indagar o valor que essas categorias, formuladas na lingüística, teriam frente à particularidade dessa fala. O interesse em pesquisar o desenvolvimento lingüístico da criança, dessa forma, sempre surge ancorado por alguma teoria categorizante que explique esta ou aquela aquisição.

Por sua riqueza de transformações do ponto de vista da linguagem, os dois primeiros anos de vida do bebê tem sido foco de estudos clássicos como aqueles envolvendo questões como a continuidade entre o período não verbal e o verbal, por exemplo. A atribuição de um caráter funcional à linguagem na criança (Halliday, 1975) ou a busca de precursores da linguagem, através da produção não verbal infantil (Dore, 1975; Bates, Camaioni & Volterra, 1976), poderia supor a idéia de que a ênfase dada a tais estudos estaria no processo constitutivo da criança na linguagem. No entanto, tais perspectivas constatarem mais uma vez categorias, só que agora num momento anterior à linguagem propriamente dita. Pois ao tomar como objeto os comportamentos gestuais e/ou vocais, no período anterior à emergência da linguagem, estes autores categorizam tais comportamentos como produções não-lingüísticas de intenções comunicativas da criança. Para Bates et al., tais comportamentos são proto-performativos, para Dore são atos de fala primitivos. Ao buscar uma relação de continuidade na transição para a linguagem, estes estudos deixam justamente de explicar como se dá tal transição. Os comportamentos comunicativos “ pré-lingüísticos ” não vêm a desempenhar qualquer papel explicativo ou processual, que possam prever uma ponte entre eles e a lingua(gem) adquirida em etapas posteriores. O que se tem nos textos desses autores são descrições que justificam apenas o seu estatuto de precursores lingüísticos (de Lemos, 1986). Uma visão alternativa é a de Halliday (1975), que concebe o processo de aquisição como inserido no processo de socialização da criança, através de reorganizações sucessivas, de um conjunto inicial de funções até o nível funcional do adulto. Apesar de Halliday (op. cit.) relacionar a aquisição a um processo de socialização, este autor não situa a criança como inserida num processo de interlocução. Quer dizer, o processo de constituição do sujeito é dispensado em favor da explicação da aquisição da linguagem como um

processo semiótico de transmissão sócio-cultural compatível com a teoria de gramática funcional.

Bruner (1975) privilegia a interação adulto-criança. O infante não é mais visto isoladamente, mas inserido num processo de trocas comunicativas entre ele e seus interlocutores. O foco de análise passa a ser o que há do gesto significativo nas trocas que serão embrionárias do sistema de casos e de predicação/transitividade na língua adquirida. Nesta perspectiva, desde o nascimento a criança está inserida num contexto comunicativo. Na sua relação com o parceiro adulto, a criança aprende, gradualmente, formas de manifestar seus desejos e intenções e a compreensão dos desejos dos outros, mesmo sem dominar estruturas lingüísticas. A visão de Bruner remete a um processo de continuidade estrutural entre a comunicação pré-verbal e verbal, por meio do domínio, pela criança, das estruturas de ação e atenção conjunta, presente nos esquemas interativos. Apesar do pioneirismo, Bruner abandona uma hipótese interacionista forte em favor de uma visão facilitativa da interação na aprendizagem, talvez por acreditar que a hipótese de uma continuidade estrutural não permitiria a reflexão sobre como a interação modifica e amplia os recursos da criança.

Num posicionamento semelhante, pelo menos no que se refere à continuidade estrutural, Lock (1980) remete ao adulto um outro papel que o de "facilitador" da linguagem. Para ele, a função do adulto não é explicitar as intenções comunicativas da criança, mas sim, inserir-se num processo de espelhamento no outro. A ritualização do movimento até o gesto comunicativo é resultante da atribuição, pelo adulto, de intenção e significado à atividade motora da criança, aproximando-o de uma posição interacionista mais coerente.

O problema com a maioria das teorias que estudam a interação é que embora mostrem que a transmissão cultural ocorre como parte de uma interação mútua, privilegiando o processo, o resultado final é que a criança parece **aprender** ações apropriadas culturalmente diretamente dos seus interlocutores.

Mas os pais - ou interlocutores básicos - não podem demonstrar todos os traços da cultura ou linguagem para criança. A responsabilidade de transmissão cultural não se

restringe ao microcosmo da díade, mas é ela quem propicia este momento inaugural, pois o papel do adulto na interação viabiliza o acesso da criança à língua, ao simbólico. Caso o desenvolvimento da linguagem ficasse circunscrito à relação diádica, os resultados evidenciariam “ línguas secretas ”, nas quais não haveria possibilidade de interação com outros parceiros sociais. Um exemplo desse tipo de situação é o chamado “ simbolismo exotérico ”, tipo de linguagem de sinais característicos da interação mãe-criança deficiente auditiva. Neste tipo de relação, a estrutura da linguagem só é compreendida pela díade, e neste caso, a criança só pode “ ser falada ” pela mãe, que partilha da significação das produções da criança.

Como, então, a interação pode estar circunscrita à relação dialógica entre parceiros (mãe-bebê) e, ao mesmo tempo, possibilitar a interação com o mundo? Como pontuar este processo de constituição da criança como um sujeito de linguagem? A passagem de um objeto constituído, realçado na maioria dos estudos aquisicionais, para outro em constituição torna necessária a discussão do que vem a ser interação. Afinal é este o espaço possível para sua manifestação.

2.1 O(s) conceito(s) de interação

Desde o surgimento das teorias interacionistas, já citadas, o foco de análise deixou a criança e passou à relação dialógica. Entretanto, como vimos, os rumos desse interacionismo muitas vezes caminhou para uma concepção facilitativa ou facilitadora, na qual o adulto seria o provedor do “input” e mediaría essa aquisição.

Uma outra vertente desse interacionismo, o socio-interacionismo (cf. de Lemos, 1986, 1992, 1995) vislumbra este processo aquisicional não mais como algo mediado ou regulado pelo outro. As idéias de mediação e regulação são substituídas pela noção de sistema – perspectiva em que o outro, adulto, é uma instância de língua constituída.

O deslocamento/substituição destas noções deve-se em parte à própria compreensão do processo interativo. Uma vez que interação, situada no contexto do interacionismo, equivale a um espaço intersubjetivo, tomando-se

*“ a criança como um sujeito pronto a interagir, cuja prontidão é conseguida através de repetições de produções rotineiras, ou seja, através de práticas. Neste sentido, há uma relação **entre sujeitos**, mesmo que se trate de uma relação assimétrica (como se todas não o fossem) em que um dos sujeitos – a criança – seja ‘menos preparada’ e por esta razão ‘mais dependente ’ ” (Lier-De Vitto , 1994: 132/133 – grifo nosso).*

Na visão de Lemos (1986) a interação é concebida como espaço de subjetivação, em que tanto a criança quanto o outro são atravessados pelo Outro – a língua, o sistema, e por isso mesmo, a ele assujeitados. Aqui, ambos estão sujeitos ao sistema e a ação interpretativa materna atribui sentido à "fala da criança".

O deslocamento da intersubjetividade para a subjetividade redimensiona o papel da interação, da dialogia, na aquisição da linguagem. Este movimento permite um outro olhar sobre a atividade interpretativa do outro – a mãe. Um olhar em que se pode vislumbrar a língua em uso.

2.2 O papel da interpretação: nos caminhos da interação mãe-bebê

O redirecionamento da dialogia na aquisição para uma perspectiva subjetiva possibilita considerar não apenas um sujeito constituindo-se com tal, mas ambos. Quer dizer, mãe e criança imersos no uso da língua; assim sendo, a própria noção de interpretação, largamente utilizada nos estudos interativos, merece uma re-leitura. A visão de um parceiro adulto "detentor" da língua e, portanto, "autorizado" a interpretar -

sujeito psicológico -, perde o seu determinismo já que, nesta nova perspectiva, a língua não é passível de posse. Chega-se então a um impasse: se o adulto não detém/domina a língua, que papel a dialogia tem para aquisição?

A concepção de um sujeito “detentor” da língua, fundamenta-se na idéia de que a língua é algo a ser adquirido, algo que está fora, que a criança ainda não tem e que o adulto já conquistou. Refutar esta concepção significa afirmar que o sujeito se constitui na/pela língua, isto é, que a língua não é algo exterior, passível de aquisição. Nesta perspectiva o que está em jogo é a inserção do(s) sujeito(s) na língua, no sistema. E é justamente, neste ponto em que se coloca a questão da subjetividade colocada por de Lemos (1995), pois, ao invés de sujeitos constituídos, têm-se sujeitos subjetivando-se enquanto inseridos na língua. Pois para de Lemos (op. cit.), a tarefa da aquisição da linguagem não é descrever a língua ou a fala da criança, e sim descrever e interpretar a relação da criança com a língua a partir de sua fala. Neste sentido, o outro não é mais tomado enquanto individualidade (de Lemos, 1982), mas passa a ser concebido a partir da posição subjetiva, efeito de funcionamento lingüístico-discursivo¹⁷, que lhe permite interpretar a criança, colocando a criança - sua fala, gesto, olhar, movimento - num texto, ainda que o efeito dessa interpretação não seja previsível e se dê a ver apenas **a posteriori** - na fala, no gesto, na relação da criança com o “mundo dos objetos” (de Lemos, 1995: 24/25).

O deslocamento do outro enquanto sujeito interpretante da criança para a tomada de posição da criança como sujeito, na sua relação com a língua, traz à tona a noção de posições relativas ao funcionamento lingüístico discursivo a qual de Lemos vem seguindo (1992, 1995): a primeira posição resulta da incorporação da criança de fragmentos de enunciados com os quais o adulto interpreta suas ações. Nesse sentido, a criança está circunscrita à sua relação com a fala do outro. Marcada por erros e imprevisibilidade, numa segunda posição, a criança move-se para fora da esfera do outro, estando submetida ao funcionamento da linguagem - no qual emergem os processos metafóricos -

¹⁷ Para a autora (1995) língua e discurso são indissociáveis, pois não se pode pensar o texto - o diálogo - como um domínio de estratificação além da sentença (unidade da língua).

substituição - e metonímicos - contiguidade¹⁸. Na terceira posição, temos a possibilidade da criança interpretar sua própria fala, principalmente nas auto-correções, hesitações, etc.

O deslocamento da noção de “input” - no qual a linguagem é desproblematizada porque se torna uma propriedade do sujeito - para a noção de “interpretação” - efeito da fala do adulto na fala da criança e reciprocamente (Castro, 1995, 1997a e b) - traz à tona este movimento da língua atravessando o sujeito, subjetivando-o.

Como mostram os nossos dados, a atividade interpretativa do sujeito adulto traz à tona um movimento posicional deste sujeito-mãe na ocupação de outros lugares discursivos - como o do bebê: quando

"a interpretação da mãe, que transforma um som qualquer emitido pela criança em palavra, em significante, elevando esse comportamento a estatuto de comportamento comunicativo, impõe à vivência da criança uma interpretação, de fome, sono, alegria, sem reconhecer a profunda diferença entre o registro desses sentimentos que ela atribui à criança e aquilo que seria a vivência incognoscível e informulável da criança"
(Guimarães de Lemos, 1989 p. 9).

Este sujeito interpretante, instância de língua em uso, pode num dado momento dar sentido à "fala da criança". É justamente através deste movimento de estar na fala do outro, que a criança caminha na subjetivação. Num processo de espelhamento iniciado muito antes de qualquer intenção propriamente comunicativa do bebê, no momento em que o infante tem o seu lugar de interlocutor marcado na fala materna - quando a mãe fala como se fosse o bebê. Aqui antes de repetir, por exemplo, um fragmento à deriva da

¹⁸ No artigo de 1992, de Lemos concebe esses processos, propostos por Jakobson (1963) e retomados e reformulados pela autora a partir de Lacan (1966), como mecanismos de mudança, cuja direção é a estabilização da língua na fala da criança, a consolidação de categorias e estruturas. No entanto, a autora num outro artigo (1997) reflete sobre os limites deste artigo colocando que a estabilização não pode ser interpretável como um ponto final na atuação desses processos.

criança, a mãe põe em evidência a própria criança, no papel de locutor, ao atribuir-lhe “voz” nesta fala atribuída.

Entre o conversacional e o discursivo

O processo constitutivo propiciado na interação mãe-bebê tem sido visto dentro de um outro universo, que não o dialógico-discursivo: o conversacional. Um trabalho relevante e que, para nós, funciona como um contraponto à concepção acima delineada, é o de Ferreira (1989). A autora situa, do ponto de vista conversacional, a interação mãe-bebê ao longo de nove meses, mostrando como a interação vai se construindo a partir de objetivos buscados pelos dois interactantes. Sua análise baseou-se nas categorias da estrutura conversacional entre adultos (Marcuschi, 1988): noções de turno, pares adjacentes, tópico, contexto, atos de fala, etc. A ênfase da autora recai no caráter intersubjetivo da relação diádica, demonstrando como a atividade dialógica é regulada e negociada entre os parceiros ao longo do tempo.

Na visão de Ferreira (op. cit.) o percurso desenvolvido pelo bebê vai de um estado de indiferenciação para o seu aparecimento como sujeito, que

*"se dá através do outro – aquele que desempenha a função materna – que, espelhando o comportamento da criança, leva-a ao reconhecimento de si mesma. Nesse momento a criança se coloca em relação à mãe, na posição do **outro-falante**, posição intercambiável entre os parceiros a partir de então"* (Ferreira, op. cit.: 49 - grifo nosso).

Ao mostrar a construção do bebê num **outro-falante**, através do espelhamento de suas ações (comportamentos) pela mãe, a autora toma a língua como algo que está fora, passível de ser adquirida. Para ela, este primeiro momento da díade mãe-bebê é muito mais de constituição interativa, através da atividade conversacional, do que de trabalho dentro da língua. Esta visão é coerente com sua perspectiva intersubjetiva do processo

dialógico. Uma observação, porém, deve ser feita a partir da perspectiva teórica que assumimos na presente tese. Apesar de em alguns trechos de seu trabalho Ferreira deixar surgir pontos de uma clara subjetividade, quando coloca, por exemplo, que a mãe, ou qualquer outro que desempenhe a função materna, ocupa o lugar do Outro, o simbólico, a linguagem, ela não especifica justamente como esse Outro se dá a ver na interação, isto é, como esta língua se torna presente. Neste momento, não estamos mais falando de sujeitos construindo-se, no estabelecimento de esquemas conversacionais, mas da língua “ em funcionamento ” ou “ em uso ”, estabelecendo pontos de tensão entre esses sujeitos. Como na modalização vocal materna demarcadora de um outro lugar discursivo, o do bebê.

É neste contexto que se situa a atividade interpretativa materna, dando sentido aos fragmentos (ou comportamentos) produzidos pelo bebê, inserindo-os na língua. Mesmo que, neste papel de intérprete, a mãe, muitas vezes, se veja à mercê do próprio sentido que atribui às ações do infante. A situação a seguir demonstra esse papel de intérprete materno:

A mãe está colocando o bebê (1 mês e 5 dias) na banheira, que enquanto era despido chorava incessantemente.

17 'ε: nẽ'nẽ: //ũmoia// ɔa'gwĩ a// a'gwĩa //

É nenê, hum/olha. Olha a aguinha! Aguinha!

o bebê é colocado

na água bem

devagar, sua posição

é de tensão corporal,

membros inferiores

e superiores rígidos

(registro baixo, próximo ao cochicho)

a'gwĩa // a'gwĩa 'o // divagaziũ na'gwĩa 'o //

Aguinha. Aguinha olha! Devagarzinho, olha!

(falsetto – mais agudizada e volume baixo)

18 eita'kia'gwĩagos'ɔza// 'mãĩ// 'viʃimãĩ//

Eita que aguinha gostosa, mãe! Viche, mãe!

quando faz xixi e a

mãe o tira da água

por alguns segundos

o bebê permanece

quieto observando

Neste exemplo, extraído do corpus de nossa pesquisa, a mãe faz um convite ao bebê no turno 17 e, logo em seguida, marca o lugar discursivo do bebê atribuindo-lhe uma interpretação possível no turno 18: o bebê poderia achar a água do banho agradável. Porém o comportamento do bebê (posição corporal de tensão, contração dos membros inferiores e superiores, expressão facial contraída) é oposto ao discurso a ele atribuído. Mesmo assim, a atribuição de satisfação se faz presente, numa atribuição, na verdade, muito mais materna do que do bebê, o que não impede esta fala de funcionar como de um outro, do bebê.

A atividade especular, própria da diade mãe-bebê, e representada na eleição pela mãe do bebê como um interlocutor desde o nascimento - como nas produções maternas, quando a mãe fala como se fosse o bebê - caracteriza, então, um momento único em que o lugar dialógico do bebê é manifesto. A especularidade presente nestas situações, as quais denominarei de "*como se*"¹⁹ ou *fala atribuída*, recorrentes na interação mãe-bebê, interpretadas como atribuição de "voz" ao(s) comportamento(s) do bebê, é a que nos propomos a analisar neste capítulo.

2.3 O “*como se*” ao longo do tempo

Freqüentemente descrito em estudos que analisam a interação mãe-bebê (Gama, 1988; Ferreira, 1988; Lyra & Rossetti-Ferreira, 1989), o “*como se*” sempre foi relacionado a uma atividade de identificação entre mãe e bebê mas nunca analisado mais atentamente, à exceção de Rubino (1989). Esta autora centra-se na ação interpretativa materna sobre o comportamento espontâneo do bebê, afirmando que esta ação é mediada pela(s) imagem(s) que a mãe faz do bebê enquanto interlocutor. Afirma ainda que

“a construção de uma matriz dialógica, na qual mãe e bebê se tornam objetos um para o outro, é de crucial importância na transformação do conjunto de representações do bebê pela mãe” (Rubino, op. cit.: 131).

Assim, para ocupar o papel de mãe, esta necessita criar manifestações de subjetividade por parte do bebê. Esta subjetividade criada pela mãe faz do bebê um interlocutor representado através do que a autora concebe como *pseudo-diálogo*:

“ diálogo ilusório configurado pela ação interpretativa da mãe sobre o fluxo do comportamento espontâneo do bebê” (Rubino, op. cit.: 10).

A instauração da especularidade materna, através do pseudo-diálogo, traz a possibilidade de configurar a relação mãe-bebê, desde o seu início como uma de constituição subjetiva.

Para nós, este tipo peculiar de fala configura-se como uma tomada de posição da mãe em relação ao bebê, isto é, uma eleição do bebê como interlocutor pela voz materna. Já que a fala ainda não é possível ao bebê, principalmente nos primeiros meses, a mãe dá voz ao comportamento corporal e/ou vocal do infante. Esta atividade interpretativa materna traz no seu bojo algumas questões que merecem análise, como a relação de

¹⁹ Termo já utilizado por Lyra & Rossetti-Ferreira (1989). A fala atribuída é tomada como sinônimo de “*como se*”.

indiferenciação entre mãe e bebê nos primeiros meses e o caráter especular da interação diádica.

Na nossa análise dos dados privilegiamos a situação contextual, as reações do bebê a este tipo de fala, a caracterização da fala quanto à qualidade de voz e as características prosódicas como: ritmo, duração, velocidade de fala, presença/ausência de pausas, tipo de curva entonacional, etc. A apresentação das situações, que se dará a seguir, procurou seguir a estrutura dialógica, mostrando os turnos na ordem em que ocorreram.

Situação 1

A situação é de banho, a mãe está com o bebê (1 mês e cinco dias) no quarto o despindo para tomar banho, o bebê chora muito e a mãe tenta acalmá-la.

Observação: // fronteiras de unidades entonacionais

- | | |
|------------|---|
| 1 | bebê chora sem parar |
| (Falsetto) | |
| 2 | <p>'oʃi// kôme 'sou ʃoro 'ro: (rindo)// pɛra 'i// vãmu</p> <p>Ôxe! Começou o chororô! Peraí, vamos</p> <p>ti 'ra: fitĩja // 'ai ba 'ĩũ vi 'toria// ba 'ĩũ</p> <p>tirar a fitinha! Hã? Bainho Vitória, bainho.</p> |
| 3 | soluça mais forte |

(acompanha o ritmo do soluçar – em falsetto)

4 ã: // ki ' foi // ki ' foi // ki ' foi // ε peitu ki // ke continua soluçando

Hã? O que foi, que foi, que foi? É peito que/quer

pa ' sa u ' dia ' todū nu ' peitu vi ' toria //

passar o dia todo no peito, Vitória!

kadevi ' toria //

Cadê Vitória?

5 aumenta a intensidade
do choro

6 a ' li // ' o mǎĩ // ' ʃʃ: o: //

Ali. Ô mãe, chii, ô.

7 ki ' foi (risadinha) // ' o vi ' toria: // bebê chora mais forte
O que foi? Ô, Vitória.

' esa ' fita ' krepi ' keu nũ kōsigu ti ' ra //

Essa fita crepe que eu não consigo tirar!

para o choro, respira
e torna a chorar

(falsetto)

8 tu ' ma ba ' iũ vi ' toria // ba ' iũ // ε: // ba ' iũ //

Tomar banho, Vitória. Banho, é, banho.

chora intensamente

(velocidade de fala mais rápida)

9 vamʊ tu'ma ba'iu//a//

Vamos tomar banho. Hã?

(voz rouca)

10 i'sɛ ɔra di tu'ma ba'iu ma'mai//(5s)

Isso é hora de tomar banho, mamãe!

na pausa da mãe ele
aumenta a

11 'o mew 'dew du 'sɛu (ri)//

intensidade do choro

Ô meu Deus do céu!

12

chora mais intenso
após a risada

(falsetto)

13 o'mai//o: ma'ma:i//pɛ'lai//pɛ'lai//ɔ//voti'la a

Ô mãe. Ô, mamãe! Espera aí, espera aí. Olha, vou tirar a

diminui a intensidade
do choro

'frawda // 'o u ba'ruʔu//

fralda. Olha o barulho!

14 'potu 'potu// 'vamu pa: 'gwia 'vamu//

Pronto, pronto. Vamos pra aguinha, vamos?

15

bebê silencia e olha a
mãe

(falsetto)

(voz baixa)

16 'o:i // 'o:i(dá um cheiro) //u:// 'potu 'potu

Oi, oi. Hum? Pronto, pronto,

ele permanece em
silêncio

'potu// 'vo ti 'ra: 'hopa da 'ki: (2s)//

pronto. Vou tirar a roupa daqui.

roupa suja do
trocador, em seguida
volta a colocar o
bebê na água, bem
devagar.

(falsetto)

(falsetto – com o volume baixando)

17 'ε: ne 'ne: u: (3s)//umoia oa 'gwia//a 'gwia//

É nenê. Hum? Hum óia, olha a aguinha! Aguinha,

(registro próximo ao cochicho)

a 'gwia // a 'gwia 'o//divaga 'ziu na 'gwia 'o//

aguinha, aguinha olha! Devagarzinho na aguinha, olha.

(falsetto – mais agudizada e volume baixo)

- 18 eita 'ki a 'gwĩa gos 'toza 'mãĩ // 'viʃi 'mãĩ// quando faz xixi e a
Eita que aguinha gostosa, mãe! Viche, mãe! mãe o tira da água
por alguns segundos

'feis ʃi 'ʃi 'dẽtru 'dagwa:://ia 'gora// o bebê permanece
Fez xixi dentro d'água. E agora?! quieto observando

sus 'pedi u 'baĩu //

Suspende o banho

a mãe aproxima o
bebê de si e

'o nũsus 'pedi (ri) // 'mavi 'toria(2s) //

ou não suspende? Mais Vitória!

estabelece um face a
face, o bebê quieto
olha a mãe

- 19 'mĩʃa 'zẽti ki si 'fais kwã 'dube 'be 'ʃiʃa

Minha gente, o que se faz quando o bebê xixa

'dẽtru 'dagwa (ri) //

dentro d'água?

(falsetto – falando e cheirando o bebê)

- 20 ũvi 'toria//kɛ ki mã 'mãĩ

Hum Vitória? O que é que mamãe

'fais 'ũ://ia'gora (3s)//

faz? Hum? E agora?

21 'ẽĩ vi'toria//

Hein, Vitória?

22 fi'zɛsi ʃi'ʃi 'dẽtru 'dagwa vi'toria (2s)//

Fizesse xixi dentro d'água Vitória?

(falsetto – aproxima-se do bebê quase cheirando sua cabeça)

23 'kɛkew 'fasu mã'mãĩũ://

mãe volta a colocar o

O que é que eu faço mamãe? Hum?

bebê na água, que

volta a choramingar e

termina o banho

Como se observa, nesta situação temos seis momentos em que a mãe se utiliza da fala "*como se*". Passaremos a analisar um a um estes momentos para compreender seu funcionamento na atividade interativa.

O primeiro momento surge quando a mãe tenta acalmar o bebê que demonstra, através do choro forte, insatisfação com o despir; ela anuncia que vai dar banho em Vitória e com o aumento da intensidade do choro, há uma mudança na qualidade de voz materna, utilizando alongamentos finais e fala mais cadenciada acompanhando o soluçar do bebê, sinalizando um contexto afetivo de conforto. Logo após, a mãe utiliza-se do falsetto para chamar a atenção do bebê; este aumenta a intensidade do choro, ao que a mãe logo em seguida, entra com o "*como se*" típico de conforto (turno 6), com alongamentos, curva entonacional descendente e volume baixo: {a'li// 'o

mãĩ// 'ʃi: o: //}. Neste momento, a mãe, pela fala do bebê, externa seu lamento, sua insatisfação, sinalizado pelo choro incessante da criança.

O momento seguinte surge quando ela torna a convidar Vitória a tomar banho, fazendo uso de uma fala infantilizada, em falsetto e com velocidade de fala rápida, com curva descendente, numa situação característica de interação positiva. Como o bebê não demonstra qualquer mudança de comportamento, ainda chorando muito, ela assume seu papel (turno 10): { i 'sɛ oɾa di tu 'ma ba 'ĩu mã 'mãĩ// (5s)}. Aqui ela externa o que poderia ser dito pelo bebê numa situação como esta, de insatisfação por tomar banho, veiculada através de uma reclamação. E responde logo em seguida: { 'o mew 'dew du 'sɛu }, numa típica lamentação materna. Ainda na seqüência, ela assume, no turno seguinte, novamente o papel do bebê (turno 13): { o ' mãĩ// o: mã 'mãĩ// pɛ 'lai// pɛ 'lai// o//voti 'la a}, num contexto de conforto, externando a sua vontade: o cessar do choro, no lamento do bebê. Ela responde ao turno com uma voz infantilizada, narrando seus atos subsequentes: tirar a fralda, acalmar o bebê, experimentar a água com a mão e apresentá-la à Vitória, mostrando satisfação, através do uso de tons ascendentes e falsetto, entremeados por sorrisos, até conseguir que o bebê cesse o choro.

Com a mudança de estado de Vitória, a mãe reassume a fala do bebê (turno 18): {eita 'ki a 'gwĩa gos 'toza 'mãĩ // 'viʃi 'mãĩ//} num volume baixo, com curva ascendente, em falsetto, demonstrando a satisfação do bebê com a água. A reação do bebê porém não se coaduna com "sua" fala, já que este permanece quieto, com o corpo tenso, membros superiores e inferiores rígidos. Quer dizer, nada sinalizaria a mãe a sua satisfação. Mas se observarmos o turno anterior, a mãe é quem experimenta a água antes do bebê, com suas mãos, o que leva a crer que a satisfação com a água é dela e não do bebê. Logo em seguida, quando o bebê faz xixi na água do banho, a mãe entra num dilema, continuar ou não o banho. Reclama do bebê, indaga à audiência (observadora) sobre o que fazer, indaga ao próprio bebê e usa a fala do bebê para indagar (turno 20):

{ũvi'toria//kɛ ki mã'mãĩ 'fais 'ũ://ia'gora (3s)//}, com volume baixo, mas em falsetto. O bebê não esboça qualquer reação, permanece quieto. Ela narra à Vitória o ocorrido e indaga “*como se*” (turno 23): {'kekew 'fasu mã'mãĩ ũ://}, em falsetto, com curva ascendente e volume baixo, com o bebê bem próximo do seu rosto. Vitória não esboça qualquer reação, a mãe reinicia o banho. Aqui a indefinição sobre que atitude tomar é transferida ao bebê, quando na verdade, quem não sabe o que fazer é a mãe.

Aos quatro meses o “*como se*” continua presente nas interações dialógicas mãe-bebê, como mostra o exemplo a seguir:

Situação 2

A mãe está trocando o bebê (4 meses e 9 dias) que chora sem parar. Enquanto veste o bebê, ela tenta distraí-lo com brinquedos.

1

Bebê chora forte
enquanto é trocado

(voz infantilizada e ritmada)

2 nũ 'ʃora vito'rĩʃa//mã'mãĩ ta 'ʔi

Não chora, Vitória. Mamãe está lhe

enquanto está falando
bebê chora forte

'ahumãdu pa duh 'mi: (7s)//

arrumando pra dormir.

3

permanece chorando

(voz de repreensão – firme)

4 ʒa 'vai vi 'toria o://

Já vai Vitória. Ô.

5

choro forte

6 ʒa 'vai nẽ 'nẽĩ//

Já vai nenê!

'oʃi//da 'nosi//da 'nosi(7s)//

Ôxe! Danou-se! Danou-se.

7

o choro abrandando com
os alongamentos
finais da mãe
em "danô:si", a mãe
termina de vestir o
bebê

8 ʒa 'vai nẽ 'nẽĩ (7s)//

Já vai nenê!

9

ainda soluçando

(voz sussurrada – ritmada acompanhando o soluçar)

10 'põtu// 'põtu// 'põtu// 'põtu// 'põ:tu//

Pronto, pronto, pronto, pronto, pronto.

11

os soluços de choro
diminuem quando a
mãe põe o bebê no
braço, confortando-o

12 'põ:tu// 'põ:tu// 'põ:tu// 'põ:tu//

Pronto, pronto, pronto, pronto.

(falsetto –voz rangida)

13 ki 'sõnumã 'mãĩ//

Que sono, mamãe!

quando muda a
qualidade de
voz, o bebê cessa o
choro

14

bebê recomeça a
chorar

(falsetto)

15 'o: mã:ĩ //

Ô mãe.

quando mãe vocaliza,
bebê cessa o choro e
ela penteia o cabelo do
bebê

(sussurro)

16 'põtu// 'põtu// ta'sehtu//

Pronto, pronto, está certo.

'vai duh'mi:/'vai mã'ma://

Vai dormir, vai mamar.

17

ee:

18 εε:/'vai duh'mi ta'sehtu

Éé, Vai dormir, está certo.

19

produz um som
gutural

20 'vãmu mã'ma i duh'mi//u://

Vamos mamar e dormir.

(sussurro)

21 εε 'mãĩ//

Éé mãe.

22 'vai mã'ma i duh'mi//

Vai mamar e dormir.

23

23

24 $\varepsilon', \varepsilon //$

Éé.

25

நீதி

26 ũ::// ε'ε//i:'esika'belu(inc.)//

mãe enxuga o cabelo

Hum? Éé. E esse cabelo.

do bebê

27

bebê balbucia

enquanto a mãe

penteia o cabelo dela

(velocidade lenta – voz baixa)

28 ε'ε: //mã'mãi 'ʃata 'nɛ//

Éé. Mamãe chata né?

(veloc. mais rápida – fala infantilizada)

29 mǎ'mǎi'ʃa//mǎ'mǎi nũ'keru 'esi

Mamãe cha/mamãe não quero esse

bebê silencia e olha a

mãe todo o tempo em

que ela está na
atividade de pentear o
cabelo

ka 'belu bu 'nitu// 'ew nũ 'keru //

cabelo bonito. Eu não quero!

'ew 'keru kũ 'me i duh 'mi//

Eu quero comer e dormir.

(voz mais lenta e baixa)

30 nũ ε://mã 'mãĩ ε mũĩtu 'ʃata 'mehmu//

Não é. Mamãe é muito chata mesmo.

nũ 'ε:

Não é?

(mãe sai do quarto com o bebê no braço levando-o para ninar na varanda)

Esta situação apresenta cinco momentos de fala atribuída ao longo da conversação. Neste episódio, destacamos também o nível de especularidade utilizado pela mãe ao longo do diálogo, recortando as produções vocais do bebê.

O primeiro momento acontece quando o bebê, após chorar bastante enquanto está sendo vestido, produz um bocejo. A mãe então recorta seu comportamento, atribuindo fala a ele: { ki 'sõnumã 'mãĩ//}. Este enunciado (turno 13) é produzido com uma fala rangida, falseteada no final, com curva ascendente. Aqui, a mãe interpreta os indícios comportamentais do bebê sob a forma de um enunciado exclamativo. A reação do bebê é de cessar o choro, após a produção materna. Logo após o reinício do choro de Vitória, a

mãe se utiliza da fala atribuída (turno 15): { 'o: mǎ:ĩ //}, com alongamentos e volume baixo, num enunciado típico de conforto. Apesar de ser um "lamento do bebê", o que existe é o desejo materno de confortar o bebê. O bebê volta a soluçar, mas logo em seguida cessa o choro. A mãe então faz comentários (turno 16) sobre as ações subsequentes que o bebê fará, até que o bebê vocaliza (turno 17), ela recorta a vocalização e complementa com seus comentários (turno 18), ele torna a vocalizar (turno 19), a mãe continua os seus comentários (turno 20) e só então espelhando novamente sua vocalização, utiliza a fala atribuída (turno 21): {εε 'mǎĩ//}, em tom de sussurro e em falsetto, diferenciando-se dos comentários anteriores. Ela usa a fala atribuída, com um recorte da produção do bebê, como uma concordância deste para com as atividades propostas por ela em seus comentários. O bebê fica quieto e a mãe torna a comentar e recortar (turnos 22, 24, 26 e 28) as vocalizações do bebê (turnos 23, 25 e 27). Ao “sofrer” uma crítica do bebê (turno 28), produz o “*como se*”: { ε'ε: //mǎ'mǎĩ 'ʃata 'ne// mǎ'mǎĩ 'ʃa//mǎ'mǎĩ nũ 'keru 'esi ka'belu bu'nitu// 'ew nũ'keru // 'ew 'keru kū'me i duh'mi//}, com curvas descendentes, velocidade de fala rápida e infantilizada. Aqui, novamente, ela usa o “*como se*” em concordância com o seu enunciado anterior, sem que haja qualquer indício no bebê que demonstre tal concordância. O bebê silencia enquanto a mãe produz o enunciado e após o seu término.

A partir dos seis meses, a fala atribuída passa a ter uma menor frequência ao longo das situações dialógicas. A explicação para tal ocorrência deve-se, acreditamos, às produções vocais do bebê que se tornam mais frequentes. Quer dizer, o bebê já começa a “assumir” o seu turno, ocupando o seu lugar no discurso.

Situação 3

A diade está no quarto da mãe na cama. A mãe e o bebê (7 meses e 8 dias) estão deitados na cama, o bebê está de bruço e a mãe ao seu lado. Em cima da cama próximo ao bebê estão a chupeta e um convite de aniversário.

1 (mãe põe a chupeta em frente ao bebê e fala)

(bem enfática)

2 ʃu'peta// 'tõmi 'sua ʃu'peta//

Chupeta! Tome sua chupeta!

quando a mãe fala

"chupeta" o bebê
que estava distraído
olha para mãe e
em seguida olha e
segura o convite

ʃu-pe-ta

chu-pe-ta

(voz baixa infantilizada)

nũ a'gwẽtu 'mais ʃu'peta mã'mãĩ// (2s)

não aguento mais chupeta mamãe.

3

ha'ẽ: fala o bebê,
enquanto manuseia o
convite

(voz rangida)

4 'brɛvi 'vai se u sɛw//kɛh di 'ze//da 'ki

Breve vai ser o seu , quer dizer, daqui a

a 'tres ɐ̃nus//

a três anos.

5

após a fala da mãe

produz he:

gutural enquanto

manuseia o convite

6 (mãe volta a falar da chupeta para o bebê,

como se estivesse ensinando para ela

"isto é uma chupeta")

Neste episódio, temos um contexto conversacional curto, no qual apenas em um único momento a mãe faz uso da fala atribuída. O bebê produz algumas vocalizações, mas que não são tomadas pela mãe como comunicativas, já que ela não as recorta, ou atribui qualquer significado.

O momento de fala atribuída surge quando o adulto, tentando ensinar o nome do objeto (chupeta) ao bebê (turno 2), utilizando-se da silabação da palavra para isso, consegue a atenção do bebê e muda imediatamente o tipo de fala, trazendo à tona o “*como se*” (turno 3): {nũ a 'gwẽtu 'mais ʃu'peta mã'mãi//}, com uma fala infantilizada e volume um pouco mais baixo que o normal dela, curva descendente e em falsetto, seguida de uma pausa de dois segundos. Aqui, observa-se que a opinião emitida “pela criança” é mais uma vez a opinião materna sobre a situação que se apresenta, uma

vez que em momento algum a criança demonstra insatisfação, ao contrário, ela pouca atenção dá à mãe, pois está entretida manuseando um convite.

Ao final do oitavo mês encontramos uma fala atribuída bem diferenciada, próxima da fala de postura neutra. Nesta fala não há utilização de qualquer característica prosódica do manhês. Após esse exemplo, a mãe deixa de utilizar a fala atribuída.

Situação 4

A mãe e o bebê (8 meses e 23 dias) estão sentados no tapete da sala uma ao lado da outra, enquanto lixa as unhas a mãe descreve o passeio feito por elas no dia anterior; ao longo da conversa o bebê balbucia.

1

e: balbucia o bebê

olhando para a
câmera

(em tom de enumeração e velocidade de fala acelerada)

2 ε:: 'diga 'mari ki 'foi paitamara 'ka//

enquanto a mãe fala,

É, diga a Mari que foi pra Itamaracá.

o bebê balbucia

babababə

babababa

(num movimento de
colocar os lábios pra
dentro e pra fora)

tu'mo 'bãĩjũ di 'hiu//

Tomou banho de rio,

tu'mo soh'veti// 'diga'mari//kõ'tisu 'tudu//

tomou sorvete; diga a Mari, Conte isso tudo.

(falsetto)

hõ'pew 'ãnu akoh'dada//nũ 'foi//

rompeu o ano acordada, não foi?

(falsetto)

nũ 'foi (2s)//

Não foi?

3

quando a mãe produz
o {num foi}, o bebê
olha para ela em
face a face.

(aponta p/ câmera)

4 'diga pa'mari//a'li 'mari// 'diga

Diga pra Mari. Ali, Mari! Diga!

5 'mari// 'ew tũ'mei 'vĩjũ du'pohtu ado'rei//

Mari, eu tomei vinho do Porto, adorei.

quando a mãe aponta
para a câmera,
olhando para o bebê,
ele olha para direção
apontada.

a'ʃei ũa de'lisia//fi'kei o'ʌãdu

Achei uma delícia. Fiquei olhando

pu 'kopu pi 'dĩdu 'mais

pro copo pedindo mais.

bebê desvia o olhar da
mãe e começa a
engatinhar pelo tapete

Esta situação é bem peculiar, uma vez que a fala atribuída diferencia-se da fala produzida em outras idades do bebê. Ela surge pelo desejo da mãe em narrar para a observadora o passeio feito no dia anterior e, para isso, ela utiliza a voz do bebê.

A interação se inicia com uma vocalização do bebê, que é trazida para a conversação pela mãe, que inicia o seu turno (2) mandando Vitória contar para a observadora onde foi. Enquanto a mãe fala, o bebê fica balbuciando, utilizando os lábios como oclusão à passagem sonora e olhando para a câmera. A mãe então muda a qualidade de voz (falseteando) e faz uma indagação confirmativa ao bebê, que vira-se imediatamente para ela, cessando o balbucio, num face a face. A mãe convida o bebê a contar o passeio à observadora, utilizando o apontar para discriminá-la e ela mesma inicia a narrativa na fala atribuída (turno 5):{' mari//ew tũ'mei 'vĩjũ du'pohtu ado'rei//a'ʃei ũa de'lisia//fi'kei ɔ'kãdu pu 'kopu pi'dĩdu 'mais}, com o mesmo registro, sem qualquer variação na qualidade de voz. O bebê não demonstra interesse pelo enunciado materno, olhando para a câmera durante a fala materna.

Como se percebe, na descrição das situações ao longo do tempo, a fala atribuída vai assumindo uma estrutura diferenciada. Sua frequência é maior nos primeiros meses e vai diminuindo a partir do sexto mês até assumir uma estrutura prosódica nova ao final do oitavo/nono mês, para então extinguir-se. Esta trajetória acompanha o

desenvolvimento vocal do bebê, da total indeterminação comunicativa, para, aos poucos tornar-se mais presente na interação, assumindo seus próprios turnos.

A análise desta trajetória da fala materna põe à mostra resultados que merecem destaque. Em relação à sua caracterização, podemos dizer que há pelo menos dois tipos²⁰ (ou dois níveis) de fala atribuída: a interpretativa-comportamental e a passível de deriva.

A primeira, apresenta-se quando a mãe atribui a algum comportamento do bebê (vocal ou corporal) uma interpretação. Temos como exemplo:

Na situação 1, diante de um choro incessante do bebê, ela dá “voz” à reclamação do bebê.

Turno 6 a'li// 'o mãĩ// ʃʃ: 'o:

Turno 13 'o mãĩ// 'o mã 'mãĩ

Na situação 2, diante de um choro incessante do bebê, ela novamente significa a reclamação do bebê.

Turno 15 'o: mãĩ

Turno 13, após o bocejo do bebê, ela dá voz ao gesto dele.

(falsetto – voz rangida)

ki 'sõnumã 'mãi

Turno 21, ao recortar o balbucio do bebê interpretando-o.

(sussurro)

ε 'ε 'mãĩ

O outro tipo de fala designamos como “passível de deriva” pois nada dentro do contexto imediato (comportamento do bebê) leva à sugestão do conteúdo a ser produzido no enunciado materno. Os momentos que destacamos estão:

Na situação 1

Turno 10, na crítica sobre a hora do banho.

(falsetto/infantilizada)

i 'sɛ ɔra di tu 'ma 'bãĩjũ mã 'mãi

Turno 18, no comentário a respeito da água do banho do bebê.

(Falsetto – mais agudizada e volume baixo)

'eita 'ki a 'gwĩa gos 'toza 'mãĩ// 'viʃi 'mãĩ

Após o bebê mijar na água do banho, surge a dúvida em tirá-lo ou não da água.

Turno 20 (falsetto)

'kɛ ki mã 'mãĩ 'fais 'ũ//ia 'gora

Turno 23 (falsetto – aproxima-se do bebê quase cheirando sua cabeça)

kɛ 'kew 'fasu mã 'mãĩ// 'ũ

Na situação 2, ao "sofrer" uma crítica do bebê por pentear o seu cabelo.

Turno 29 (veloc. mais rápida – fala infantilizada)

mã 'mãĩ 'ʃa//mã 'mãĩ nũ 'kɛru 'esi ka 'belu bu 'nitu// 'ew nũ

'kɛru// 'ew 'kɛru kũ 'me i duh 'mi

Na situação 3, após oferecer a chupeta ao bebê nomeando-a.

Turno 3 (voz baixa infantilizada)

nũ a 'gwẽtu 'mais ʃu 'peta mã 'mãĩ

Na situação 4, comentando a viagem do final de semana.

'mari// 'ew tũ 'mei vĩjũ du 'pohtu ado 'rei//fi 'kei ɔ 'ʌãdu pu

'kopu pi 'dĩdu 'mais

²⁰ Para Lemos (1992,1995) ambas as falas são passíveis de deriva; usamos estas expressões

Do ponto de vista prosódico, as situações denominadas de interpretativo-comportamental caracterizam-se por curvas descendentes, presença de alongamentos e volume baixo, voz próxima ao sussurro. Esta descrição situa estes contextos no campo afetivo do conforto à exceção do turno 13, situação 2, em que a fala atribuída caracteriza-se pela curva ascendente e fala falseteada, típica de situações de interação positiva (aprovação).

Na fala "passível de deriva", encontramos dois contextos prosódicos que se diferenciam por um traço qualitativo da voz utilizada pela mãe. Assim temos um contexto caracterizado por curvas descendentes, voz falseteada e infantilizada (sit. 1, turno 10; sit. 2, turno 28; sit. 3, turno 3) e outro, com curvas ascendentes e voz falseteada, sem infantilização, próximo do contexto de interação positiva atenção/aprovação (sit. 1, turnos 18, 20, 23). Vale salientar que, no uso da voz infantilizada o enunciado da fala atribuída é sempre uma reclamação/rejeição (próxima do contexto afetivo de negação) do comportamento materno em relação ao bebê. A caracterização prosódica é melhor compreendida no quadro (4) a seguir.

Neste quadro é possível visualizar os tipos de fala atribuída e o contexto no qual está inserida. A fala do tipo interpretativa-comportamental apresenta-se diante de contextos de conforto e interação positiva, sendo mais predominante nas situações de conforto. A qualidade de voz e o tipo de curva entonacional são coerentes com os contextos em questão: voz sussurrada com alongamentos e curvas descendentes para o conforto e voz em falsetto com curvas ascendentes para a interação positiva. Na fala passível de deriva temos três contextos diferenciados: o primeiro apresenta-se com curvas ascendentes em falsetto para a interação positiva; o seguinte, curvas descendentes, voz em falsetto e infantilizada, velocidade de fala rápida para a negação/rejeição; o outro, curvas descendentes, postura neutra também para a interação positiva.

Tipos de Fala	Interpretativo-comportamental		Passível de Deriva	
	descendente	ascendente	ascendente ou descendente	descendente
Qualidade de Voz	sussurro	falsetto	falsetto + infantilizada	postura neutra
Duração	alongamentos	sem alongamentos	sem alongamentos	sem alongamentos
Velocidade de Fala	desacelerada	postura neutra*	acelerada	postura neutra*
Pausa	ausente	ausente	presente + 2s	presente + 2s
Contexto	positivo	positivo	negação/rejeição	positivo
Idade do Infante	1 a 4 meses	1 a 4 meses	1 a 7 meses	8 meses

Quadro 4: Caracterização dos tipos de fala atribuída.

* Qualidade de voz da mãe quando não tem sua fala dirigida à criança.

Quanto à relação entre o tipo de fala atribuída e as idades do infante, observamos que a fala do tipo interpretativo-comportamental se estende até o período de quatro meses de vida do bebê; a passível de deriva, nos contextos de interação positiva sem infantilização é encontrada apenas no primeiro mês; já as predominantes do contexto de negação/rejeição apresentam-se até o sétimo, e, aquelas cuja qualidade de voz utilizada é a postura neutra, apenas no final do oitavo/nono mês. Após esse período, este tipo de fala deixa de existir na interação mãe-bebê.

Quanto à qualidade interacional nos contextos de fala atribuída, observamos a reação do bebê diante deste tipo de fala. A criança em questão, nos primeiros meses,

situação 1, parece alheia a esta fala materna, a não ser nas situações afetivas de conforto, nas quais, diante da mudança de voz, o bebê diminui a intensidade do choro, chegando a cessá-lo. A partir do quarto mês, o bebê já demonstra estar mais alerta às mudanças vocais maternas, quando a mãe se utiliza da fala atribuída em momentos de conforto, o bebê cessa de imediato o choro; diante das ações especulares maternas (principalmente no recorte vocal), o bebê "dialoga" balbuciando em resposta, sempre face a face, buscando um ajuste prosódico. Como se observa, o estabelecimento do processo atencional do infante para este tipo de fala vai se delineando aos poucos, os exemplos a seguir demonstram esse processo:

Neste trecho extraído da situação 1, a mãe está despindo o bebê (1 mês e 5 dias) para iniciar o banho. A criança chora incessantemente e a mãe faz uso da fala atribuída, do tipo interpretativo-comportamental, para acalmá-lo.

5 aumenta a intensidade
do choro

(cadência mais lenta, volume baixo)

6 a 'li// 'o mãĩ// 'ŋŋ:o://

Ali. Ô mãe, chii, ô.

7 ki 'foi(risadinha)// 'o vi 'toria:// bebê chora mais forte

Que foi? Ô Vitória.

Aqui percebe-se a tentativa materna de exercer influência no comportamento do bebê entretanto, mesmo diante de uma fala de conforto, com mudança de registro na voz (turno 6), esta fala não exerce mudança comportamental na criança. O choro continua intenso e aumenta sua intensidade, após esta fala.

Nos turnos subsequentes, a tentativa materna é de modificar o estado de desprazer da criança havendo um retorno da fala atribuída, desta vez com um novo registro de fala.

(velocidade de fala mais rápida)

9 vãmυ tu 'ma bã 'ĩu//a//

Vamos tomar banho? Hã?

(falsetto + infantilização + velocidade de fala rápida)

10 i 'sɛ ɔra di tu 'ma bã 'ĩu mã 'mãĩ//(5s)

Isso é hora de tomar banho, mamãe!

na pausa da mãe ele
aumenta a

11 'o mew 'dew du 'sɛu (ri)//

intensidade do choro

Ô meu deus do céu.

12

chora mais intenso
após a risada

(falsetto)

13 o 'mãĩ//o: mã 'mã:ĩ//pɛ 'lai//pɛ 'lai//ɔ//voti 'la a

Ô mãe. Ô mamãe. Espere aí, espere aí. Olha, vou tirar a

diminui a intensidade
do choro

'frawda // 'ɔ u ba 'ruʎu//

fralda. Olha o barulho.

Na nova investida materna, o tipo de fala utilizado é a passível de deriva com a inserção pela mãe da fala atribuída, como uma crítica à sua atitude de querer dar o banho no bebê. A atitude da criança ainda é de indiferença às modificações dessa fala (turno 10), uma vez que o choro permanece, aumentando inclusive na pausa longa oferecida pela mãe após a fala atribuída.

Na continuação da interação, a mãe novamente modaliza sua voz (turno 13), desta vez através da fala atribuída de conforto. O bebê, por sua vez, parece finalmente “responder” a esta fala diminuindo a intensidade de seu choro.

Alguns meses mais tarde (bebê com 4 meses e 9 dias), diante da modalização vocal materna na fala atribuída, a criança passa a participar da interação, mudando seu comportamento e/ou estabelecendo um face a face com a mãe.

- 11 os soluços de choro
diminuem quando a
mãe põe o bebê no
braço, confortando-o

12 'põ:tu// 'põ:tu// 'põ:tu// 'põ:tu//

Pronto, pronto, pronto, pronto.

(falsetto –voz rangida)

13 ki 'sõnumã 'mãĩ//

Que sono mamãe!

quando muda a
qualidade de voz, o
bebê cessa o choro

14

bebê recomeça a
chorar

(falsetto)

15 'o: mã:i //

quando mãe vocaliza,
bebê cessa o choro e
ela penteia o cabelo
do bebê

Ô mãe.

(....)

26 ã::// ε'ε//i:'esika'belu(inc.)//

mãe enxuga o cabelo
do bebê

Hum? Éé. E esse cabelo?

27

bebê balbucia
enquanto a mãe
penteia o cabelo dela

(velocidade lenta – voz baixa)

28 ε'ε: //mã'mãĩ 'ʃata'nε//

Éé. Mamãe chata né!

(veloc. mais rápida – fala infantilizada)

29 mã'mãĩ 'ʃa//mã'mãĩ nũ'keru'esi

Mamãe cha/mamãe não quero esse

bebê silencia e olha a

ka'belu bu' nitu// 'ew nũ'keru//
em cabelo bonito. Eu não quero!

mãe todo o tempo
que ela está na
atividade de pentear o
cabelo

'ew 'keru kũ'me i duh'mi//

Eu quero comer e dormir.

(voz mais lenta e baixa)

30 nũ ɛ://mã'mãĩ ɛ mũĩtu 'ʃata 'mehmu//

Não é. Mamãe é muito chata mesmo.

nũ' ɛ:

Não é?

Os turnos 13, 15 e 29 mostram como, diante desta fala atribuída, a criança passa a modificar seu comportamento diante dela, cessando o choro nos turnos 13 e 15 e olhando para a mãe no turno 29. Vale salientar que apenas na fala passível de deriva (turno 19), o bebê estabelece um face a face com a mãe, na fala interpretativo-comportamental (turnos 13 e 15) ele apenas muda o comportamento, mas não estabelece face a face.

As reações diferenciadas do infante ao longo do tempo e diante dos tipos de fala atribuída tornam estes dados curiosos. Serão discutidos adiante.

A estruturação do "como se" na atividade dialógica mãe-bebê se coloca no terreno da identificação materna com este bebê, daí a assunção do papel do infante pela mãe no diálogo. Como já salientou Guimarães de Lemos (1989), a relação mãe-bebê nos primeiros meses caracteriza-se pela indiferenciação, na qual a mãe e bebê se percebem como "um".

Este tipo de identificação tem sido relatada em estudos sobre interação mãe-bebê, é Gama (1988) quem destaca trabalhos psicanalíticos (Winnicott, 1960) e etológicos (Ainsworth, Bell & Stayton, 1971) que tratam do processo de identificação mãe-bebê como fundamental para o desenvolvimento emocional do infante. Winnicott (op. cit.), por exemplo, ressalta que a capacidade da mãe de se identificar com a criança seria função da maternagem, colocando que o ego da criança se torna forte devido ao suporte do ego da mãe, que inicialmente "se transforma na própria criança". Já para os adeptos da Teoria da Vinculação oriunda da Etologia, atribuem ao comportamento materno dimensões que determinam a qualidade da vinculação mãe-criança: sensibilidade-insensibilidade, aceitação-rejeição, cooperação-interferência e acessibilidade-desconsideração, sendo porém a sensibilidade materna responsável pela cooperação mútua. Quer dizer, quanto mais sensível aos sinais comunicativos do bebê melhor será o seu desenvolvimento.

Gama (1988) critica esta perspectiva colocando que nos dados empíricos da diade que analisa, a mãe em questão vê-se muito mais numa posição de indeterminação em relação aos comportamentos do seu bebê:

" por mais que esteja familiarizado aos 'sinais' emitidos pela criança (choro, resmungos, reclamações) em situações bem específicas da sua rotina de vida, nem sempre é possível 'compreender' as manifestações daquele ser tão 'volúvel' ('indiferenciado' mesmo, durante algum tempo), que num momento agita-se inteiro, olhando ativamente em nossa direção

e, em seguida, entrega-se às nossas manipulações de cuidado, com um olhar perdido num ponto que não conseguimos alcançar "(p. 63).

Mas aquilo que para a autora é indeterminado, para nós soa como ininteligível. Pois não se pode tomar o comportamento infantil em termos de fixidez/não fixidez, afinal estamos tratando destes comportamentos enquanto língua(gem) e o próprio da linguagem é a substituição, ou seja, poder colocar uma coisa no lugar de outra. Não podemos esperar compreensão total, afinal é próprio da língua em uso ambiguidades, incompreensões. A idéia de transparência/determinação na compreensão do comportamento do bebê pela mãe perde a sua sustentação na presença da atividade interpretativa materna, mesmo que tal interpretação reflita uma 'violência' (tópico 2.3). O funcionamento necessário desta violência interpretativa possibilita à criança estar na língua ao ser subjetivada na fala atribuída materna.

Nos dados que apresentamos, podemos pontuar a ocorrência dessa tensão interpretativa na voz que surge nessa fala atribuída. A descrição desta fala, como vimos, caracterizou-se em dois tipos: interpretativo-comportamental e passível de deriva. O primeiro tipo de fala representa, como vimos, uma mãe pronta a interpretar qualquer comportamento do infante, a partir de alguns "indícios" dados pelo bebê como bocejo = sono, choro = desprazer etc. A fala passível de deriva, por sua vez, evidencia uma dupla violência interpretativa, pois se, na primeira fala, a mãe se utiliza de indícios pouco garantidos na interpretação deste "interlocutor idealizado"²¹, agora, não há indícios na situação imediata, e mesmo assim, ela interpreta.

O momento em que surge esta voz aproxima-se daquele pontuado por Lier DeVitto (1994) de onde afloram os monólogos da criança

" ... ela fica ali nas pausas. No lugar em que a língua faz buraco a criança faz silêncio, "cede" lugar para o outro falar e para o Outro

movimentar-se. A partir do que eu disse, a criança não é nem autor, nem plagiador: trata-se de um sujeito atravessado por pedaços de discursos dos outros. Se o sentido se perde ou confunde, nem por isso ele deixa de mostrar sua história e de historicizar o nascimento do sujeito " (p.166).

Com o sujeito-mãe há uma cessão não só de lugar discursivo, mas de identidade locutória. Essa assunção de papéis é tão marcada, na modalização vocal, que determina através dessa saliência o lugar discursivo do bebê.

Um estranhamento se faz presente na caracterização prosódica da fala atribuída e sua relação com os contextos interativos que evidencia ao longo do tempo (ver quadro 1). A fala interpretativo-comportamental é mais frequente em situações de conforto, caracterizando-se pelo tipo de voz melodiosa, baixa, desacelerada, com presença de alongamentos e curvas descendentes. Já a passível de deriva, a depender do contexto, é modalizada de forma diferente. Nas situações de interação positiva utiliza-se uma voz falseteada, acelerada, com curvas ascendentes ou ascendentes/descendentes e pausas longas (mais de dois segundos). Na negação temos uma voz falseteada e infantilizada, acelerada, com curvas descendentes e pausas longas. Um outro dado destacado refere-se à presença/ausência das falas ao longo do tempo, pois a primeira fica restrita aos quatro meses de vida do bebê e a segunda estende-se até os quase nove meses, diminuindo sua frequência nas interações à medida que os meses avançam.

Estes resultados ressaltam o caráter constitutivo deste tipo de fala peculiar. Na modalização vocal materna primeira na pontuação do lugar do outro (bebê) na relação dialógica há uma alternância entre os tipos interpretativo-comportamental e/ou passível de deriva, como observado na situação 1 (bebê com 1 mês e cinco dias) nos turnos 6, 10, 13, 20 e 23. Num momento um tanto confuso em relação à caracterização da fala deste outro locutor (o bebê), que destaca oposições principalmente nos contextos interativos. Assim, nos turnos 6 e 13, há uma consonância em relação à atividade interpretativa:

²¹ Utilizamos este termo aspeado por acreditar que o bebê não pode ainda ser tomado como interlocutor, já que não é um falante. Entretanto, a mãe o toma como tal, inclusive atribuindo-lhe voz, como vemos

concordância em resolver a situação de desprazer do bebê evidenciada no choro intenso, num contexto de conforto. Já no turno 13, percebe-se uma clara oposição entre mãe e bebê, o contexto é de negação/rejeição marcado prosodicamente pelo tipo de curva utilizada pela mãe, descendente e pela modalização vocal, bastante saliente: falseto, velocidade de fala rápida e infantilizada. Na situação 2 (turnos 13, 15, 21 e 29) temos concordância (conforto e interação positiva) nos turnos 13, 15 e 21, inclusive com um recorte da produção vocal do bebê (turno 21), para referendar tal concordância. No turno 29 temos novamente uma oposição mãe-bebê, com as mesmas características da oposição anterior.

A partir dos seis/sete meses (situação 3, turno 3) não há mais a fala do tipo interpretativo-comportamental, restando apenas a passível de deriva como o lugar de locução do bebê em oposição à mãe. Ao fim do oitavo/nono mês, a fala atribuída praticamente deixa de existir, nas suas raras ocorrências não há qualquer marcação prosódica, numa postura neutra (oposta ao “manhês”).

A trajetória dessa fala atribuída ao longo dos nove meses de vida do bebê demonstra o trabalho prosódico materno de situar o lugar do bebê no diálogo, passando da identificação/concordância entre mãe e bebê ao estranhamento através da oposição prosódica e afetiva destacada nos contextos de negação/rejeição.

O papel da negação/rejeição na interação

No capítulo anterior, em que relacionamos o modelo teórico de Fernald (1993) com os dados desta pesquisa, a caracterização dos contextos “afetivos” de negação diferenciou-se do proposto pela autora, pois, como dissemos, estes só vem a surgir a partir dos sete/oito meses de vida do bebê. No entanto, conforme os resultados aqui discutidos, o uso da negação existe, mas não na fala da mãe e sim nesta fala atribuída ao bebê. O uso da qualificação vocal também é diferente dos dados de Fernald. Neles, o

em nossa análise.



falseto era típico de situações de interação positiva; em nossos dados, além do falseto, há uma infantilização da fala nos contextos de negação, acrescidos de uma velocidade de fala acelerada e pausas longas.

A explicação para a utilização dessa negação em momentos distintos na história interativa se reflete no funcionamento diferenciado da negação nesses momentos. No primeiro momento (até os oito/nove meses), constituição de um lugar discursivo na fala materna, representado pela fala atribuída, os contextos de negação vão se estruturando, através das modalizações vocais maternas, como o lugar privilegiado e marcado para o outro (bebê) se colocar (se ver) no diálogo. No momento seguinte (a partir dos oito/nove meses), emergência da negação na fala materna dirigida ao bebê, esta negação, através de sua modalização, marca o contexto em si e não mais o lugar de locução do bebê. Isto porque o bebê começa de fato a ocupar o seu lugar no diálogo, assumindo seus turnos através de sua própria produção vocal. Dessa forma, a pontuação do lugar do bebê no diálogo pela fala da mãe não se torna mais necessária.

A estruturação dessa trajetória melódica, estabelecida nesta fala peculiar materna, constitutiva do lugar de locução do infante, enfraquece a perspectiva universal, neodarwinista proposta por Fernald (op. cit.) de que é a partir da oposição nas curvas de altura, típicas de cada contexto afetivo, principalmente na oposição aprovação/negação que seriam modulados para criança, inicialmente, atenção e emoção, e, posteriormente, a saliência de certas marcas prosódicas no chamado “manhês” possibilitariam a identificação de unidades lingüísticas pela criança. Como demonstra o acompanhamento longitudinal da díade até aqui analisada, ao invés de uma modulação de oposição entre contextos “afetivos” tem-se a constituição de um lugar dialógico-discursivo de um outro sujeito, o bebê. No próximo capítulo, continuaremos a trajetória dos deslocamentos discursivos evidenciados nesta fala materna e em outras que venham a surgir ao longo do tempo.

Em resumo, este capítulo percorreu o deslocamento teórico de uma concepção da aquisição enquanto “input”, para aquela que concebe a aquisição a partir da noção de interpretação. Neste sentido, o olhar voltou-se para a fala materna enquanto movimento

interpretativo, que atribui significação aos comportamentos do bebê. Ao longo dos nove primeiros meses de vida do infante, pudemos perceber o deslocamento discursivo evidenciado nesta fala, através da *fala atribuída*, quando a mãe dá “ voz ” ao bebê, falando “*como se*” fosse ele. Para isso, ela modaliza a sua voz, através do falsetto e da fala infantilizada marcando prosodicamente o lugar discursivo de um outro sujeito: o bebê. Este deslocamento se apresenta através de duas falas: a interpretativo-comportamental e a passível de deriva. A atribuição de um lugar discursivo para o bebê, através do deslocamento do sujeito mãe, nesta fala atribuída redimensiona o papel da fala materna nos estudos interacionais, de “ input ” facilitativo/adaptativo/afetivo para um funcionamento lingüístico-discursivo propiciado no dialogia entre mãe e bebê.

3. A fala recortada/ritmada

O lugar da vocalização do infante no discurso materno

3.1. Os sons da infância

A partir de que momento os sons produzidos pelo bebê possuem um caráter significativo?

A literatura normalmente enfatiza o balbucio como um momento na aquisição da linguagem passível de estudo, pois muitas das vocalizações já se assemelham aos sons da fala (por exemplo, o início da estrutura silábica CV) e a criança já se mostra como um interlocutor mais ativo. Mas para chegar a este momento, transformações e/ou reorganizações anteriores foram partilhadas na relação interativa de forma a propiciar essa “evolutiva descoberta sonora”.

Desde o nascimento, o choro é a forma característica de comunicação, ou melhor, de expressão do bebê para com o mundo. Cruttenden (1979) coloca que ao nascer,

“usually a baby takes one or two gasping inspirations and then gives a cry which is tense, voiceless, and lasts about one second” (p.1).

A literatura volta-se à noção de “comunicação” para estudar o caráter funcional na interação com o adulto. Alguns autores (Wolff, 1969, por exemplo) identificaram três tipos de choro durante as primeiras semanas de vida do bebê. Caracteristicamente o choro básico apresenta um ritmo típico, com um período de silêncio de meio segundo (durante o qual a inspiração ocorre), alternado com um período, também de meio segundo, de expiração vocalizada; é o chamado *choro de fome*, pois como o nome já diz, é produzido quando o recém-nascido apresenta algum desconforto relacionado a fome. O *choro de dor* caracteriza-se por um longo estouro de expiração vocalizada com duração em torno de quatro segundos. O terceiro tipo é o *choro exasperado* (irritadiço), que se

apresenta com um padrão temporal similar ao choro de fome, mas com um som fricativo adicional.

Do ponto de vista prosódico, os tipos de choro acima descritos apresentam padrões de altura de início ascendentes e em seguida descrevem um contorno descendente até o seu término. Já um outro tipo de choro que se evidencia algumas semanas após o nascimento, o falso choro ou o “choro de manha”, apresenta padrões um tanto diferenciados. Neste choro, típico quando o bebê deseja atenção, o âmbito de altura é menor, mas entremeado ocasionalmente com elevações súbitas (pulos) de altura.

A descrição dessa tipologia do choro enfatiza uma função “instintiva”, “corpórea”, em seu uso. Ao definir tipos de choro para caracterizar situações básicas à sobrevivência do bebê, tais como: fome, dor, irritação, este recurso vocal, tal como colocado nos estudos, funciona como algo pronto (programado) para o bebê utilizá-lo de acordo com a necessidade. Isto pressupõe então atitudes intencionais da parte do bebê desde o nascimento. Assim, ao sentir fome, ele intencionalmente emite um determinado tipo de choro, mostrando à mãe o que deseja. Mas nesta fase inicial do seu desenvolvimento, o bebê é um organismo indiferenciado; como então pode ter intenções?

A questão que inicia este capítulo, que indaga sobre o uso intencional ou significativo dos sons produzidos pelo bebê, é uma falsa questão, uma vez que estes sons passam a ser significados através da interpretação materna. Desde o nascimento, o bebê é “significado”, interpretado, inserido na língua, através da transformação do “corpóreo”, do vocal, em veículo significante com as modulações da fala materna, como vimos. Nas próximas páginas, mostraremos com os nossos dados tal transformação.

A estruturação do tipo de choro e sua relação com as atividades de atenção e cuidados maternos vão se delineando ao longo da interação. A evidência do choro demonstra momentos de insatisfação/desprazer por algum motivo, que nem o bebê e muitas vezes nem a própria mãe sabem o porquê (como já vimos na estruturação do par mãe-bebê no capítulo anterior). Isto é, não há, nas vocalizações e qualificações de voz iniciais do bebê distinções tão claras e estanques como Wolff quer mostrar, se assim fosse, toda mãe reconheceria imediatamente uma “tipologia do choro” e não haveria

ambigüidade de interpretação. É na interpretação materna desses choros que estes vão se estruturando enquanto choro de fome, dor, irritação etc. Muitas vezes a mãe oferece múltiplas alternativas para justificar e cessar o choro, sem conseguir, somente pelo som produzido, situar o motivo do choro. Em nossos dados evidenciamos diversos momentos nos quais a mãe não sabe precisar o porquê do choro do bebê, como nas situações a seguir:

Situação A

A situação é de banho, a mãe está com o bebê (1 mês e cinco dias) no quarto o despindo para tomar banho, o bebê chora muito e a mãe tenta acalmá-la.

(acompanha o ritmo do soluçar – em falsetto)

4 ā: // ki' foi//ki' foi//ki' foi//'ε peitu ki' kε continua
soluçando

Ã, que foi, que foi, que foi, é peito que quer?

pa'sa u dia 'todu nu peitu//vi'toria

passar o dia todo no peito, Vitória?

ka'de vi'toria

Cadê vitória?

5 aumenta a intensidade
do choro

6 a'li// 'o mǎĩʃʃ 'o//

Alí, ô mãe chii ôô.

7 ki 'foi(risadinha) //' o vi 'toria:

bebê chora mais forte

Que foi (risadinha)? Ô Vitória.

'esa 'fita 'krepi keu nũ kũ 'sigu ti 'ra

Essa fita crepe que eu não consigo tirar.

para o choro, respira
e torna a chorar

Situação B

A mãe e o bebê (2 meses e 16 dias) estão na varanda sentados na rede. A mãe tenta chamar a atenção do bebê especulando comportamentos típicos do bebê: pôr a língua pra fora, dar gritinhos, até que o bebê começa a choramingar e ela tenta acalmá-lo.

1

bebê choraminga

(falsetto)

2 ui-ui-ui //' vo ʃo 'ra //' vo ʃo 'ra //' vo ʃo 'ra: //

Ui-ui-ui, vou chorar, vou chorar, vou chorar.

em situação de face a
face

puh 'ke vai ʃo 'ra //puh 'ke vai ʃo 'ra //u: //

Por que vai chorar? Por que vai chorar, hum:?

(mais grave)

3 ỹ: //(estira a língua) //ỹ: :

hum: (estira a língua), hum: :

4

bebê choraminga

(falsetto)

5 o 'o //kɛ mai 'nãw (7s)

Ôô quer mais não, quer mais não. (7s)

6

bebê ainda
choramingando, mãe
o suspende e o
coloca
de volta no colo, ele
olha a mãe

(velocidade de fala mais lenta)

7 ã 'o: mã 'mãĩ//ki 'ɛki 'foi//

Ãô: mamãe, que é que foi ?

(falsetto- sorrindo)

ki 'foi// ki 'foi//a nẽ 'nẽ 'ta ʃo 'rãdu//

Que foi, que foi, a nenê está chorando.

ki 'foi (2s)

Que foi ? (2s) (mãe suspende o bebê
novamente e o coloca na
mesma linha do olhar que ela)

8 ki 'foi ki a nẽ 'nẽ 'ta ʃo 'rãdu // 'o:

choramingando

(estala dedos/bate palma/ estala dedos)

Que foi que a nenê está chorando. Ó: (estala
dedos/bate palma/ estala dedos)

bebê aumenta o
choro soluçando alto

Na situação A, extraída do corpus da pesquisa, a mãe tenta interpretar o motivo do choro do bebê (turno 4) e atribui a manifestação vocal de fome. Passa então a distrair o bebê, que aumenta a intensidade do choro; ela torna a tentar acalmar o bebê, utilizando-se de uma entonação de conforto (turno 6) atribuindo agora este choro à demora em retirar a fita da fralda do bebê (turno 7). Como se observa, neste momento, a interpretação materna do choro do bebê varia numa mesma situação, ora ela remete à fome, ora à demora em retirar a fralda do bebê. Quer dizer, não há um reconhecimento qualitativo desse choro produzido.

Na situação seguinte, novamente a mãe se vê diante de uma incompreensão do motivo do choro na criança, pois no turno 2 ela percebe o esboço de choro e verbaliza isso no seu turno; em seguida indaga ao bebê o porquê deste choro. Para distraí-lo, inicia um trabalho especular de pôr a língua pra fora semelhante ao comportamento desenvolvido pelo bebê nesta fase da interação. Ao perceber que o choramingo continua, ela encerra a atividade especular e tenta novamente saber o motivo do choro (turno 7 e 8), através de indagações ao bebê, num contexto afetivo de conforto. Aqui, **a mãe nem arrisca uma interpretação para justificar o choro do infante**; ela mantém o diálogo através das indagações sobre o motivo do choro. Ao que parece, a produção vocal da criança em si não fornece pistas para a compreensão do choro nesta situação.

A reação materna a estas situações que envolvem choro é de buscar confortar o infante através de entonações de conforto, curvas descendentes e alongamentos, pois a produção do choro em si parece não despertar, nesse momento, qualquer pista compreensiva na mãe para solucionar o desconforto do bebê. Neste início de interação diádica, o choro em si é para a mãe um sinal de que algo não vai bem (fome, dor, etc.) ela não diferencia atributos sonoros diferenciados nas emissões de choro da criança. Definir essa produção da criança como de fome, de dor ou de manha, vai depender das respostas

que esse bebê dá a ela. Assim, se no oferecimento do alimento o choro cessa, é qualificado como fome, se continua, a mãe vai sugerindo outras opções até sanar aquela situação desconfortável ao bebê. O reconhecimento da situação de desprazer que este choro enuncia dependerá das rotinas já desenvolvidas pela mãe durante a interação e dos tipos de discursos pelos quais o enunciado materno vai transitar.

A falta de transparência da vocalização do bebê produz pistas vocais que podem ser ambíguas e enganosas, pois assim como a fala do adulto é opaca para criança, a da criança também o é para o adulto. E, como dissemos há pouco, somente através das rotinas estabelecidas ao longo da atividade dialógica é que situações de desconforto - como o choro - podem ser melhor reconhecidas.

Outros sons

Além do choro, nas primeiras semanas de vida do bebê, sons de característica ‘mais segmental’, também se apresentam, muitos em decorrência do próprio choro, como os sons ligados a funções neuro-vegetativas (sucção, respiração, deglutição). Os sons laringeos, como golpes de glote e fricativas, ocorrem como parte da tensão associada ao choro. Já os labiais apresentam-se no abrir e fechar da boca durante o choro. Os cliques, por exemplo, são frequentes nos hábitos que envolvem sugar.

Na concepção de Stark (1979), os sons, como os descritos acima, ocorrem em estágios hierárquicos, em que cada um incorpora o anterior e se constrói sobre ele. Ao dividir os sons do bebê em duas categorias: os reflexos (choro e manha) e os sons vegetativos (arrotar, engolir, etc), ele destaca que é a partir dessas duas categorias que surgem os sons da fala. Esta perspectiva acima é semelhante àquela concebida por Gonçalves (1989, ver capítulo 1), pois evidencia um processo de auto-construção, através de uma intensa atividade do bebê sobre o trato vocal, e segundo a autora, é por meio desta atividade auto-construtora que se chega aos sons da língua.

Ambos os autores, Stark e Gonçalves, aproximam-se de uma visão piagetiana do desenvolvimento, assinalando um processo endógeno da criança com o seu trato vocal. Aqui não há lugar para um processo dialógico-interativo, pois a relação é de uma maturação construtiva dos mecanismos que envolvem a produção sonora. De fato, não há como (nem porque) negar as modificações estruturais do trato vocal, que permitem novas produções sonoras, próximas à fala, mas centrar-se só nelas para explicar a emergência dos sons da fala e da própria linguagem é limitar a fala a uma produção mecânica ou monológica. Sem postular a alteridade nas vocalizações infantis em interação com o adulto (no caso, a mãe), não há como explicar o surgimento do lingüístico e simbólico, a não ser pela postulação de um forte mecanismo inato, que é, desde o início, hipótese rejeitada pelos autores.

O balbucio: entre o fisiológico e o interativo

Do ponto de vista fisiológico, o surgimento do período do balbucio, em torno dos três meses de vida do bebê, caracteriza-se por um avanço rápido no controle do aparato articulatório pelo bebê (Cruttenden, 1979), permitindo o surgimento de sons consonantais, feitos com a ponta, a coroa e o dorso da língua, como também, sons semelhantes a vogais. Este controle se estabelece quando o ar vindo dos pulmões é interrompido por uma articulação entre a língua e palato.

A cavidade vocal dos bebês difere da dos adultos e a epiglote do bebê não está em contato com o palato, o que ajuda a prevenir sufocação e aspiração de partículas de comida (ver figura 1). A partir do quarto mês de vida, a cavidade oral do trato vocal aumenta e alonga; a epiglote, então, começa a distanciar-se do palato. Estas modificações no trato vocal propiciam a produção de novos tipos de sons pelo bebê. Isto torna-se possível com o auxílio da respiração oral.

Em torno de seis meses, a exploração sonora se expande de tal forma que, como coloca Zlatin (1974), o bebê habilmente varia a direção da saída de ar, a altura do som e

seu volume, através de golpes de glote abruptos. Esta descoberta do prazer de produzir e brincar com os sons é característica do período de balbúcio.

As modificações do trato vocal, evidenciadas a partir do terceiro/quarto mês de vida do bebê, possibilitam a emergência desses sons com características mais vocálicas e/ou consonantais. Tal constatação levaria a supor que apenas com a maturação fisiológica se propiciaria o aparecimento da fala. De fato, não há dúvida de que as modificações e o controle do aparato vocal sejam fundamentais para a emergência desses sons mais “lingüísticos”, mas este não é o único fator determinante para que a criança fale. A realização da fala envolve mecanismos físicos, mas a emergência da linguagem vai além do controle desses mecanismos. Tomar essas produções sonoras isoladamente, enquanto realizações auto-construtivas de um trato vocal mais amadurecido e controlado, para nós, não é suficiente para justificar o momento seguinte que é o surgimento da fala no infante.

Pois, como já discutimos no capítulo anterior, compreendemos linguagem como atividade, processo, e assim sendo, torna-se fundamental estudá-la inserida num contexto dialógico-discursivo.

As realizações vocais e/ou comportamentais do bebê, desde o seu nascimento, evidenciadas nos contextos interativos com o parceiro adulto (a mãe), são concebidas dentro de um processo de constituição subjetiva, no qual o parceiro interativo tem um papel de suma importância: o de alçar como lingüístico (como linguagem) qualquer comportamento gestual ou vocal do infante. Desta forma, a inserção do infante na língua através da interpretação materna atribuindo sentido a qualquer esboço de produção vocal e/ou comportamental e de voz a esse bebê, como vimos na fala atribuída (discutida no capítulo anterior), marcando um lugar locutório para um bebê até então sem voz, permite destacar a interação (o discurso) como lugar de estudo do processo inicial da linguagem na criança.

Ao lidarmos com uma perspectiva interativo-discursiva, concepções que tratam apenas da produção vocal do infante tornam-se ineficientes. Daí a necessidade de não só

tomar a produção, mas também a recepção, correlacionando-as de modo a compreender este processo aquisicional da linguagem.

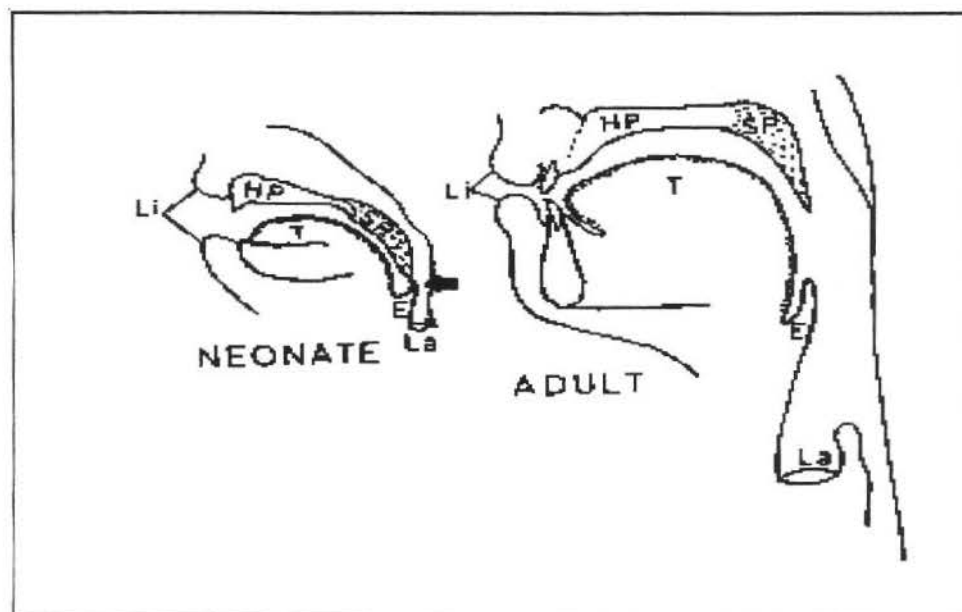


Figura 1: Comparação entre o trato vocal do adulto e do bebê

Extraído de Kent & Read, 1992

Li: lábios	T: língua
HP: palato duro	E: epiglote
SP: palato mole	La: laringe

3.2. Percepção/Produção: percorrendo caminhos prosódicos

Segundo Lier (1983), a relação entre percepção e produção na visão maturacionista da linguagem é tomada como algo paralelo, como dois mecanismos independentes que se integram num momento posterior (Menyuk, 1972). Assim, a

percepção é concebida como um mecanismo mais precoce constituindo-se como pré-requisito para a maturação de outro mecanismo, a produção.

“É um paralelismo apenas formal que permite uma relação quase de exclusão temporal entre um e outro mecanismo: uma relação de hierarquia obrigatória” (Lier, 1983 p.).

Para a autora, os mecanismos de percepção e produção caminham paralelamente, mas são mecanismos interdependentes cuja integração se garante por emergirem dentro de uma estrutura comunicativa única.

Vários são os estudos que assinalam a precocidade perceptiva em bebês (Lewis, 1936; Fernald, 1984; entre outros). Através de experimentos laboratoriais demonstram a capacidade do recém-nascido em discriminar padrões prosódicos de fala, mostrando a suscetibilidade deles às características prosódicas do manês (ver capítulo 1). Resultados desta natureza servem de respaldo para teorias neodarwinistas como a de Fernald (1993) já discutida (capítulo 1) que considera o “input” prosódico-afetivo materno como modulador das aquisições linguísticas do infante.

Mas, como coloca Lindblom (1985), a percepção não está no percepto, pois as pistas acústicas são portadoras de várias informações fonéticas, sendo, portanto, ambíguas. Também não está no sujeito/organismo, uma vez que também a recepção auditiva não é inequívoca: não há, na verdade, correspondência perfeita entre o físico e o auditivo. O lingüístico, estruturado, é que guia a percepção; no nosso caso, o lingüístico alçado pela interpretação materna (Scarpa, 1995).

Ao acompanhar dados de caráter longitudinal e dialógico, compreendemos a estruturação prosódica da fala materna, nos primeiros meses de vida, como demarcadora do lugar locutório deste bebê. Tomando a constituição vocal do infante como estruturada numa relação de simetria-assimetria com o parceiro dialógico, Lier (op.cit.) ressalta que as produções sonoras do bebê são compatíveis com a evolução qualitativa do som humano no seu universo perceptual; desta forma, em torno dos sete meses as produções

sonoras da criança estão mais ligadas a atividades de exploração de objetos, gritos esporádicos e choro em situações de desprazer, irritação etc.; nas atividades interativas elas não emergem ainda.

De fato, como destacado no capítulo anterior, neste momento, o lugar da criança no diálogo é marcado pela fala atribuída materna. A criança ainda não ocupa o seu turno enquanto falante, mas já é “falada” e marcada no discurso materno através da atribuição de voz a ela. É só em torno dos nove meses que a criança passa a esporadicamente assumir seus turnos, momento em que a fala atribuída vai deixando de emergir na interação. A partir de então a configuração prosódica desta fala materna começa a mudar estruturalmente.

3.3. Assumindo uma posição

A partir dos nove meses, a estrutura dialógica começa a se modificar, os comportamentos vocais e/ou corporais do bebê deixam de funcionar como únicos tópicos interativos e os trabalhos rítmicos começam a fazer parte da interação. Neste momento, a criança já assume esporadicamente os seus turnos e o som da fala passa a ser um objeto de atenção e manipulação, constituindo-se como um veículo signifiante para a criança. Segundo Lier (op. cit.), as produções maternas centram-se no recorte especular das vocalizações do infante, com ênfase nos trabalhos rítmicos (através das cantigas infantis) os quais a criança passa a demonstrar bastante interesse. É a partir desse momento que surge o contexto de afeto negativo, com um uso frequente da mãe da negação, também através de trabalhos rítmicos. Como vemos nos dados a seguir:

Situação 5

Mãe e bebê (9 meses e 10 dias) estão no quarto brincando no chão. Vitória engatinha ao redor da mãe enquanto quando esta tira sua chupeta.

1 'nãw 'nãw// mi 'de mi 'de//

não, não// me dê, me dê

2

bebê vai para junto da
mãe querendo de
volta a chupeta
adj 'aa: 'ah:

(choramingando)

(falsetto)

3 ã(inc.) 'ɛla 'ta kũ 'sõnu//

Hum (inc.) ela tá com sono.

A mãe dá a chupeta

ao bebê, que a pega e
afasta-se da mãe

(inc.)// 'ʃo pɛ 'ga sua 'frawda //

(inc.)deixa eu pegar sua fralda.

4

Balança a chupeta e
balbucia ritmado,
enquanto mãe sai do
quarto (3s)

- 5 (volta ao quarto e chama Vitória de babona
limpando sua boca)

(falsetto)

baba 'ba:

bababa:

6

baba 'ba: (começa
a gritar e olha para
câmera)

(enfático)

- 7 is'kesa mari 'ãni//εla 'ta i'vi 'zivεw//

Esqueça Mariane, ela está invisível.

8

a 'aa a 'aa (com a
chupeta na mão e
olhando para câmera)

(baixo)

ũ// 'εla dεvi 'ta kõ/ũa 'fõmi

Hum, ela deve está com uma fome

ahε 'tada//ki 'εla māmow era

arretada, que ela mamou era

sεti 'mea da 'nojti (2s)

sete e meia da noite. (2s)

(enfático-baixo falsetto)

9 e 'dadʒa://

âdadjá:

10

Bebê estende a
chupeta para câmara
e balbucia e d 'ʒi
(sussurando) e olha
para mãe

11 ã

Ã

12

e d 'ʒi:: (balançando
a chupeta)

(falsetto)

13 di:: (fazendo cócegas no bebê)

di::

ei 'tʒa: (ls)

Eitá:

15

bebê balbucia e:

(baixo)

ũ//ũ//

Hum, hum

- mi 'de://de pra mã 'mãĩ (estende a mão)
Me dê:, dê pra mamãe (estende a mão)
- 18 ee (baixo)
- 19 nãw 'nãw// nãw //nãw nãw //(gesticulando
com o indicador)
Não não, não, não-não. (gesticulando
com o indicador)
- 20 mi 'de: (extende a mão e toca na chupeta)
Me dê:
- 21 Bebê balança a
chupeta
- 22 ã://
Hum: ?
- 23 eh (bebê continua
balançando sem
entregar a chupeta)
(4s)
- 24 d'ʒa d'ʒa d'ʒa:

- (veloc. fala rápida - falsetto)
- 25 de 'gu de 'ga dʒe 'ga//
degu degá djegá
- 26 vẽña pa mã 'mãĩ// 'vẽña
Venha pra mamãe, venha (estende braços)
ainda balança a chupeta, quando estende o braço para a mesa, tocando nela)
'dʒeu
- 27
balança a cabeça negativamente e fica de costas pra mãe
- 28 'nãw
Não.
- 29 'vẽña pa mãmãĩ (estende os braços)
Venha pra mamãe.
- 30
Abaixa e encosta o rosto no tapete em frente à mãe vocalizando nagu

Nesta situação é possível observar as modificações da fala materna diante das produções da criança. Aqui a mãe age sempre de forma especular, realçando através da ênfase e do falsetto a produção vocal da criança. A mãe inicia o turno com a negação ritmada solicitando a chupeta à criança ('nãw'nãw// mi'de mi'de//), o bebê de imediato vocaliza choramingando (adj'aa: 'ah:), indo de encontro à mãe. A mãe então modaliza a voz falseteando-a e comenta sobre o estado de sonolência do bebê (ũ (inc.)'ela 'ta kũ 'sõnu//), devolvendo a chupeta ao bebê. Na continuidade da interação, a mãe sai do quarto anunciando que vai pegar uma fralda e, no retorno, inicia a interação com uma produção especular da criança, turno 5, (baba'ba:) enfático e em falsetto, o bebê recorta de imediato, turno 6, (baba'ba:) aos gritos, mas olhando para câmera. No turno seguinte (turno 7), a mãe faz um comentário sobre os insistentes olhares do bebê para a câmera (is'kesa mari'ãni//ela 'ta ãvi'zivew//). A criança, imediatamente após o comentário da mãe, vocaliza um trecho da cantiga de ninar, turno 8, (a'aa a'aa) olhando ainda para a câmera. A mãe, então, faz um comentário dirigindo-se à observadora, turno 9, e, após uma pausa de dois segundos, retorna ao bebê, no turno 10, recortando uma vocalização do bebê do início do diálogo, turno 2, também com ênfase em falsetto e sem os alongamentos da produção original da criança (e'dadza). O bebê produz uma vocalização semelhante à materna, turno 11, (ed'gi) mas estendendo a chupeta para a câmera. A mãe indaga, no turno 12, (a) com uma qualidade de voz sussurrada, a criança responde imediatamente, turno 13, (ed'gi::) desta vez com um alongamento final. É feito o recorte final da produção do bebê pela mãe, turno 14, (di::), desta vez em falsetto, acompanhado de cócegas no bebê. A mãe retoma da atividade de solicitar a chupeta ao bebê, turno 17, (mi'de://de pra mã'mãĩ (estende a mão)//); o bebê responde vocalizando baixo, turno 18, (ee). A mãe retoma a negação, de forma ritmada, acoplando gesto e voz, no turno 19, (nãw

'nãw// nãw //nãw nãw // (gesticulando com o indicador); o bebê apenas observa. Ela retoma a atividade de solicitação, turno 20, (mi 'de:), mas desta vez tocando no objeto solicitado, a chupeta; o bebê balança a chupeta olhando para mãe. A mãe indaga ao bebê, numa qualidade de voz baixa, turno 21, (u:) sendo respondida pelo bebê no turno 23, (eh) que continua balançando a chupeta sem entregá-la; após uma pausa de quatro segundos, o bebê reinicia o turno, turno 24, (d'ʒa d'ʒa d'ʒa:) e é espelhado pela mãe, turno 25, (de 'gu de 'ga dʒe 'ga//) numa velocidade de fala rápida. Após uma pausa rápida (um segundo), a mãe retoma o turno, turno 26, (vẽɲa pa mã'mãĩ// 'vẽa//) chamando o bebê para seus braços; ela faz isso estendendo os braços para o bebê. Quase ao mesmo tempo, o bebê recorta o gesto da mãe, mas em direção à mesa próxima dele, vocalizando ('dʒeu) e em seguida, turno 27, balança a cabeça negativamente, virando-se de costas para mãe. A mãe indaga no turno 28 ('nãw) estendendo os braços na direção do bebê; novamente convida o bebê, turno 29, ('vẽa pa mã'mãĩ//), a criança não dá atenção, encostando a cabeça no tapete e vocalizando (na 'gu), no turno 30, e cochilando em seguida.

Nossos dados corroboram os achados de Lier (1983). A descrição desta situação evidencia modificações na qualidade interacional da díade. Neste momento, a mãe passa a **privilegiar atividades rítmicas** nos quais gesto e voz são articulados em conjunto. As produções do bebê começam a se estruturar de maneira ritmada. Os turnos maternos, quando não se iniciam num trabalho ritmado de voz e gesto (turnos 1 e 19), recortam produções do infante, como forma de chamar a atenção do bebê para interagir (turnos 9, 13 e 25). Cabe destacar que sempre que a mãe recorta uma produção do bebê ela modifica a qualidade de voz, através do falsetto e da ênfase dada na produção das vocalizações. Um dado interessante refere-se ao trabalho melódico no uso da negação

pela mãe. Para introduzir a negação²² em seu discurso, ela faz uso de uma atividade rítmica na qual gesto e produção vocal formam um todo; isto é, aliado ao enunciado negativo, apresenta-se a gesticulação negativa (movimentação do dedo indicador e/ou balançar da cabeça). Aqui a negação aparece como uma espécie de brincadeira, sem o caráter proibitivo, próprio destes enunciados; não há uma ênfase vocal em seu uso (turnos 1e 19).

Com relação ao bebê, nesta interação ele se apresenta bem mais ativo, participante da dialogia, assumindo seus turnos que não necessitam mais ser ocupados por seu parceiro (como no capítulo anterior). Da mesma forma que há um recorte materno da fala do bebê, o bebê também recorta produções maternas vocais e/ou gestuais, podendo evidenciá-las ao mesmo tempo ou privilegiar apenas um traço vocal ou gestual (turnos 5, 10 e 27). Em todos os momentos, a interpretação materna está presente, dando continuidade ao trabalho dialógico/discursivo. E, agora, diante de um parceiro bem mais ativo vocalmente, o objeto de atenção e tópico discursivo da diáde passa a ser o próprio som e suas ritmicalidades possíveis.

Situação 6

A mãe e o bebê (10 meses e 19 dias) estão sentados no chão do quarto. O bebê está embaixo de uma mesa e a mãe lhe oferece uma boneca.

(coloca a boneca na posição de ninar e canta a cantiga)

(baixo)

1 'aa 'aa 'aa 'a://tõmi nẽ//

Áa áa áa áá. Tome nê (entrega a boneca)

2

'aa 'a: (estende a

²² Vale salientar que estamos tratando da negação produzida pela mãe no seu papel de locutor, não da

boneca para a mãe e
para a câmera)
permanece olhando
para câmera e
sorrindo

3 'aa 'aa 'aa 'aa: (1s)

Ááááá (1s)

nũ ε nẽnẽ (põe a boneca junto de si)

num é nenê

'aa 'aa 'aa 'a

Áa áa áa á

4

'aa 'a: (nina a
caixa da fita)

5 (a mãe ri e mexe na boneca e estende a boneca pro bebê)

'aa 'aa 'a: // 'bota nẽnẽnẽ pa duh 'mi//

Ááááá. Bota nenê pra durmir.

6

Vira para a câmera
e bate na caixa

7 'εsa kai 'ʃĩja 'εũa is'toria (inc.)

Essa caixinha é uma história.

- 8 'aa 'aa 'aa 'a://
 Áa áa áa á
 (a mãe aproxima a boneca de si e volta a
 niná-la)
 Olha a mãe ninar a
 boneca
- 9 'aa 'aa 'aa 'a://
 Áa áa áa á
- 10 'aa 'a:// (ninando
 a caixa)
 (baixo)
- 11 'prõ:tu (dá a boneca ao bebê)
 Pronto
 olhando para a
 câmera
 'tõmi nẽ'nẽ// 'tõmi nẽ'nẽ//
 Tome nenê, tome nenê.
- 12 pega a boneca e
 vocaliza ha: tirando
 o chapéu da
 boneca
 (falsetto - velocid. fala rápida)
- 13 'a// ei:ta://vãmu bu'ta u ʃa'pɛw da nẽ'nẽ//
 Ah!Eitá! Vamos botar o chapéu da nenê?
 toca no chapéu que
 está na sua cabeça e
 o tira sorrindo

(falsetto)

(baixo)

u vi 'toría//hehehei: 'ta// ei: 'ta://ka 'iw//

Hum vitória? Rerereita, eita caiu!

14 'aa 'aa 'aa 'a: (segura a boneca nos braços)

Áááááá

15

bate na caixa no
ritmo da melodia
olhando para mãe
vocaliza 'a:

16 'aa 'aa 'aa 'aa 'a:

Áa áa áa áa á

17 'vãmu bu 'ta u ʃa 'pɛw//a: tu kɛ bu 'ta na

pega o chapéu

Vamos botar o chapéu, hã ? Tu quer botar na

tua ka 'besa 'ɛ:// 'ʃo bu 'ta//u hihihí 'ɛ://

ri também

tua cabeça é? Deixa eu botar. Hum, ririri é (rindo)

ka 'de sua kare 'tĩʃa e://hĩ-hĩ-hĩ //

Cadê sua caretinha hein ? Rim-rim-rim

18

faz a careta junto
com a mãe

Na situação 6, há uma continuidade da atividade rítmica entre mãe e bebê; a mãe privilegia os recortes melódicos, destacando-os para o bebê, que os recorta no turno

subsequente. A mãe retoma o falsetto e a velocidade de fala rápida para destacar ações satisfatórias da criança, aprovando-as. A criança por sua vez sempre vocaliza e participa da interação. O início da sessão se dá com a produção materna, turno 1, ('aa 'aa 'aa 'a://tõmi nẽ//) convidando a criança a participar da brincadeira; a criança responde especularmente, turno 2, ('aa 'a:) num recorte que envolveu gesto e voz. A mãe produz novamente a cantiga ninando o boneco recebido da criança, turno 3, ('aa 'aa 'aa:) dando uma pausa de um segundo, volta a cantar a cantiga, turno 5, ('aa 'aa 'aa 'a:) e é recortada novamente pelo bebê, turno 6, ('aa 'a:) ninando a caixa da fita. A mãe sorri e retoma o turno ('aa 'aa 'a://bota nẽ'nẽ pa duh'mi//); o bebê olha para caixa que tem nas mãos e bate nela. Após comentar sobre a caixa, a mãe novamente vocaliza a cantiga de ninar, turnos 10 e 11, ('aa 'aa 'aa 'aa:), o bebê recorta novamente, turno 12, ('aa 'a:) ninando a caixa e olhando para mãe. A mãe entrega a boneca ao bebê (turno 13). A mãe passa a destacar as ações da criança chamando a atenção para elas, turno 15, ('a//ei:ta://vãmu bu'ta u ʃa'pew da nẽ'nẽ// u vi'toria//hehehei:'ta//ei:'ta://ka'iw//), com voz falseteada e velocidade de fala rápida. A criança sorri enquanto desempenha as ações, narradas pela mãe, sem, no entanto, olhar para mãe. A mãe volta a insistir na cantiga de ninar, turno 16, ('aa 'aa 'aa 'a:) com a boneca nos braços e é novamente recortada pela criança que bate na caixa, acompanhando o ritmo da melodia e vocaliza a curva terminal da melodia cantada pela mãe, turno 17, ('a:), em face a face com a mãe. No turno seguinte, a mãe recorta a música novamente ('aa 'aa 'aa 'aa 'a://), mas rapidamente muda de tópico, chamando a atenção para o chapéu da boneca, turno 19, o bebê pega o chapéu e após sorrir, a mãe indaga sobre sua caretinha, e ele faz a careta junto com a mãe, turno 20.

Como pudemos observar na descrição da interação, esta se estrutura em torno do trabalho rítmico gestual e vocal; as atividades rítmicas sempre foram propostas pela mãe (turnos 1, 2, 7, 10, 16 e 20), o bebê as aceitava e recortava gesto e voz maternos. Um ponto que merece atenção está na modulação vocal materna ao destacar ações satisfatórias do bebê, que claramente demonstrava sua satisfação através do sorriso. Ao que parece, o centro da atenção da díade, neste momento, está na **ritualização da brincadeira, tendo como ponto de apoio o recorte sonoro pelos parceiros**.

Este momento se diferencia do anterior pelo intenso trabalho rítmico estabelecido entre os parceiros, através da cantiga de ninar. Se, na situação 5, o ritmo estava na produção materna, principalmente no uso da negação, sem muita participação do infante, agora, nesta situação, os turnos se alternam **envolvendo ambos os parceiros no trabalho ritmado**.

Situação 7

Mãe e bebê (10 meses e 19 dias) estão no quarto brincando.

1

aproxima-se da
cadeira de balanço
com a boneca e
ergue-se com a ajuda
da mãe

(falsetto+riso) (veloc.fala rápida) falsetto+riso)

2

ei: 'ta//vai vai vai vai//ei: 'ta::

Eita! Vai vai vai vai. Eita !

- 3 ahah (som de
esforço,
acompanhado de
riso)
- (falsetto+riso) (baixo)
- 4 ei 'ta://ei 'ta://
Eita! Eita!
- 5 ε 'ta
- 6 ε 'ta: (ri olhando para câmera e para o bebê)
Eta!
- 7 ei/u 'pa//
Ei, upa!
- cai sentada em frente
à cadeira
- 8 vocaliza 'aa 'aa 'a
balançando a cadeira

Nesta situação, temos uma ênfase na modulação vocal materna, quando dirige sua fala ao bebê, principalmente ao responder às ações do bebê. Com o falsetto como qualidade de voz associado a uma velocidade de fala rápida e a curvas do tipo ascendente/descendente, a mãe destaca as ações desenvolvidas pelo bebê, proporcionando uma situação de interação positiva. Assim, temos o turno 1 preenchido pela ação desempenhada pelo bebê (ficar erguido com a boneca nos braços), que é

salientada pela mãe, turno 2 (ei: 'ta//vai vai vai vai//ei: 'ta:://) através de uma modalização vocal envolvendo o falsetto e a velocidade de fala rápida em meio a risos. O bebê assume o turno seguinte, turno 3, vocalizando (ahah) em meio a sorrisos; a mãe torna a salientar o esforço do bebê em ficar de pé, turno 4 (ei 'ta://ei 'ta://), novamente com falsetto e velocidade de fala rápida acompanhado de risos. A resposta do bebê é imediata, turno 5 (ɛ 'ta:) e é recortada pela mãe no turno seguinte (ɛ 'ta:), o bebê cai sentado no chão e tem sua queda salientada pela produção materna, turno 7 (ei/u 'pa//). A criança vocaliza em seguida, enquanto balança a cadeira, turno 8 ('aa 'aa 'a).

A estrutura dialógica neste momento salienta a relação **ação/vocalização**, pois toda ação produzida pela criança é salientada através das produções maternas nas mudanças de registro, no uso do falsetto e da velocidade de fala rápida e na presença de curvas ascendentes/descendentes (turnos 2, 4, 6 e 7). Este ambiente vocal favorece o recorte do acento nuclear ou frasal materno pelo bebê (turno 5), tal como salientado na literatura (Lewis, 1936; Nakazima, 1972; Boysson-Bardieu, Sagan & Durand, 1984). Devem ser notadas, igualmente, a precocidade e certa estabilidade do acento entonacional, nuclear, apontado por Scarpa (1997, 1998a e b), hipótese evidenciada por dados de sons preenchedores de posições prosódicas e de sândi vocálico externo na fala de crianças brasileiras entre 1; 6 e 2; 6. Os dados de Vitória mostram a gênese deste fenômeno: a dialogia destacando o alçamento do acento frasal no contínuo sonoro da fala da mãe.

Situação 8

Mãe e o bebê (11 meses e dias) estão sentados no tapete da sala brincando com um cinzeiro de chão.

1

Vocaliza ã ã ã e

mexe no cinzeiro,
quando mãe coloca
os pés

2

(coloca os pés no cinzeiro)

(velocidade de fala rápida)

ũ:// ka 'de//ew 'vo bu 'ta u 'pe//ew 'vo bu 'ta//

Hum, cadê? Eu vou botar o pé. Eu vou botar

(ritmado)

(enfático)

mew 'pe//mew 'pe//mew 'pe//u 'pe di mã 'mãĩ//

meu pé, meu pé, meu pé. O pé de mamãe.

(velocid. fala rápida - enfático)

'pe di mã 'mãĩ // 'pe// 'pe//

Pé de mamãe, pé, pé.

3

Carrega cinzeiro para
junto de si e vocaliza
'pe (enfático)

- (+alto)
- 4 'pɛ (rindo e aproximando o pé novamente
pé do cinzeiro)
- 5 'pɛ: 'pɛ:
pé
(colocando o pé no cinzeiro)
- 6 'pɛh
- 7 'pɛ:
pé
- 8 'pah::
(velocidade fala rápida)
- 9 'ta si hɛʒis 'trãdu 'mũĩta koiza
Está se registrando muita coisa
sua// 'vi//vi 'toria//(rindo) 'todas ah
sua, viu Vitória. Todas as

novi 'dadi//di pri 'mera 'mãu//
novidades de primeira mão.
- 10 'pɛ// 'pɛ// (coloca pé no cinzeiro) (ls)
pé, pé
coloca o pé no
cinzeiro quando mãe

dá a pausa

(alto + enfático)

'pɛ (2s) 'pɛ (2s) 'pɛ (2s)

pé, pé, pé.

11 'pɛ//

pé

'pɛ (2s)pa 'pɛ

(balança os pés no
cinzeiro e bate
palmas)

12 'pɛ

pé

13

balbucia baixinho e
caminha para mãe,
agarrando-se nela

14 'u://(2s)ki 'ɛ ki tu 'kɛɾis//

Hum ? Que é que tu queres ?

15

escala a mãe, pedindo
braço

Esta situação demonstra algumas modificações na produção de fala materna. O trabalho de modalização vocal envolve agora **a vocalização/ação materna**, enquanto

que, no momento anterior, o trabalho era sobre a ação da criança. A mãe faz um uso enfático das palavras relacionadas à sua própria ação, aumentando o volume e produzindo-as de forma ritmada, concomitante com a produção gestual. Assim, no turno 1 o bebê mexe no cinzeiro de chão vocalizando (ũ ã ã), a mãe então coloca o pé dentro do cinzeiro e assume o turno 2 (ũ:// ka'de//ew 'vo bu'ta u 'pɛ//ew 'vo bu'ta//mew 'pɛ//mew 'pɛ//mew 'pɛ//u 'pɛ di mã'mãĩ// 'pɛ di mã'mãĩ // 'pɛ// 'pɛ// (2s)), utilizando ênfase na palavra pé, além de acompanhar na fala o ritmo de tirar e colocar o pé do cinzeiro. O bebê recorta a produção final materna no turno 3 ('pɛ) e a mãe faz o mesmo em seguida, turno 4 ('pɛ), enquanto tira e põe o pé no cinzeiro; ambos assumem o turno seguinte, produzindo o mesmo segmento e a mesma ação - colocar o pé dentro do cinzeiro. A criança vocaliza novamente, turno 6 ('pɛh), a mãe recorta substituindo a aspiração do infante por um alongamento final, turno 7 ('pɛ:). O bebê assume o turno seguinte, acrescentando um alongamento final na sua produção ('pah:). A mãe retoma a brincadeira no turno 10 ('pɛ// 'pɛ// (1s) 'pɛ (2s) 'pɛ (2s) 'pɛ (2s)) e nas pausas o bebê coloca o pé dentro do cinzeiro; assumindo o turno seguinte, a criança faz um recorte da mãe, turno 11 ('pɛ (2s) pa 'pɛ:) balançando o pé dentro do cinzeiro e acompanhando o movimento com palmas. A mãe insiste na brincadeira turno 12 ('pɛ) e novamente coloca o pé no cinzeiro.

A centralização da interação neste contexto encontra-se na relação **voz/ação materna**, que possibilita à criança um recorte do bloco rítmico materno (turnos 3, 5, 6, 8 e 11). Como Lier (1983) destaca em sua dissertação, o som encontra-se associado ao gesto, compreendido até então como uma entidade única.

Situação 9

A mãe e o bebê (13 meses e 12 dias) estão no quarto brincando com fantoches.

- | | | |
|---|-------------------------------------|---|
| 1 | | balbuciando baixinho |
| | (alto) (baixo) | |
| 2 | u'ke //(2s)ki' foi//ũ:ũ:// | |
| | O que ? Que foi ?Hum, hum. | |
| 3 | | ata'tʒa (olhando
para mãe) |
| 4 | o::i// | |
| | Oi ?. | |
| 5 | | a:: |
| 6 | ũ: | abrindo e fechando a |
| | Hum? | boca sem emitir som |
| | (falsetto) | |
| 7 | ajʒj'da: | (olhando para mãe e
fazendo bico com os
lábios) |
| 8 | uki' foi// | |
| | O que foi ? | |

- 9 (devido ao barulho da sala ao lado a mãe
pede silêncio) pss
- 10 olha para mãe e põe
o indicador na boca
'taa
- 11 pss:
Psiu!
- 12 'na (balança a
cabeça
negativamente)
i 'aiaiaia

(baixo)
- 13 ki 'foi//
O que foi ?

Esta situação demonstra uma mudança no diálogo entre mãe e bebê; aqui não temos o uso de trabalhos rítmicos na produção materna, apenas a ação especular vocal. Já na criança, o uso da negação parece ter finalmente se estabilizado. A mãe atribui como significativa as produções da criança, especulando sem acrescentar nenhum trabalho rítmico ou mudança qualitativa na voz, somente quando recorta a produção da criança. Desta forma, o início da interação é marcado pelo balbucio da criança, seguida de uma indagação materna, turno 2 (u'ke //(2s)ki 'foi//u:u://) que inicia o turno com um volume mais alto que a produção subsequente. A criança responde em seguida (ata 'tza: (olhando para mãe) e a mãe faz novamente uma indagação ao bebê no turno

4 (o::i//), que responde vocalmente (e::). A mãe assume o turno seguinte (ũ:), ao mesmo tempo o bebê movimenta os lábios sem emitir som, olhando para mãe no turno seguinte, a mãe produz um som em falsetto semelhante ao que o bebê produziu alguns turnos antes (ajɜj 'da:), o bebê em posição face a face com a mãe, na produção materna, modifica a posição labial efetuando uma protusão. A mãe indaga novamente ao bebê no turno 8 (uki 'foi//) produzindo uma pausa de dois segundos. Em seguida, diante de um barulho externo, solicita silêncio, turno 9 (pss), o bebê assume o turno seguinte aliando som e gesto (olha para mãe e põe o indicador na boca 'taa). A mãe repete sua produção, desta vez em posição face a face com a criança (pss). A criança responde com uma negativa, utilizando gesto e voz e acrescentando vocalização num tom de reclamação ('na - balança a cabeça negativamente - i 'aiaiaia). A mãe responde com uma indagação (ki 'foi//).

O deslocamento da fala materna

A estrutura prosódica da fala materna, delineada ao longo das situações descritas acima, demonstra uma mudança qualitativa em relação ao momento anterior (a fala atribuída), pois, se num primeiro momento o papel da fala materna era de marcar o lugar do infante no diálogo, através do uso do falsetto, agora, diante de um bebê que já assume os seus turnos, o falsetto passa a enfatizar a fala recortada deste bebê e/ou descrever suas ações, tomadas pela mãe como positivas. Há, portanto, uma mudança qualitativa no uso dessa modalização vocal, **de delimitadora de um lugar discursivo para demarcadora da fala do bebê no discurso materno**. Se antes o foco era o lugar ocupado pelo bebê no discurso, agora o foco é a fala produzida por este bebê na interação.

Diante de um bebê vocalmente mais ativo, a fala materna passa a ser desenvolvida com uma riqueza prosódica maior, principalmente com a inserção do ritmo na interação.

Através de cantigas infantis, a mãe une gesto e voz como uma entidade única, estimulando o bebê a recortar estas situações, através de situações envolvendo interação positiva. Estes momentos nos quais o ritmo é privilegiado e realçado através de modalizações prosódicas são denominados de '*fala ritmada*' (ver quadro 5). Destacamos exemplos desta fala nas seguintes situações:

Situação 5, turno 1: 'nãũ 'nãũ//mi 'de mi 'de//

turno 19: 'nãũ 'nãũ// 'nãũ // 'nãũ nãũ//

Situação 6, turno 1: 'aa 'aa 'aa 'a:// 'tõmi nẽ

Situação 7, turno 2: ei: 'ta//vai vaivai 'vai//ei: 'ta:://

Situação 8, turno 2: 'mew 'pɛ// 'mew 'pɛ// 'mew 'pɛ//u 'pɛ di mã 'mãĩ

turno 10: 'pɛ//(2s) 'pɛ//(2s) 'pɛ//(2s)

Nestes exemplos, a produção vocal é concomitante ao gesto produzido: no caso do uso da negação (situação 5), esta é aliada à gesticulação característica do dedo indicador; na cantiga de ninar (situação 6), acompanha o movimento de braços esboçando a ação de ninar o bebê; nas situações 7 e 8, a repetição ritmada das palavras acompanha ações da criança, como erguer-se, na situação 7 e colocar o pé no cinzeiro, na situação 8 (turno 10).

O outro tipo de fala materna salienta o recorte da produção vocal da criança pela mãe, denominamos esta como '*fala recortada*' (quadro 5). Os exemplos a seguir salientam este tipo de fala:

Situação 5, turno 9: ɛ 'dadʒa, para a produção do turno 2 (adʒ 'aa: 'ah)

turno 13: di::, para a produção do turno 12 (ed 'ʒi::)

turno 25: de 'gu de 'ga dʒe 'ga, para a produção do turno 24

(dʒa dʒa dʒa:)

Situação 5, turno 6: ɛ 'ta: , para a produção do turno 5 (ɛ 'ta:)

Situação 9, turno 7: a.jʒj 'da:, para a produção do turno 3 (ata 'tja:)

Nestes exemplos, as produções maternas sempre vêm em falsetto com a mesma curva entonacional da produção infantil. Cabe destacar que, por vezes, este recorte da fala do bebê não é imediato pode emergir alguns turnos posteriores à produção do infante, como nas situações 5 e 9 acima.

Há também um outro tipo de fala recortada, aquela na qual, a partir do gesto, há um acréscimo da sua contraparte vocal, como nos exemplos a seguir:

Situação 5, turno 28: 'naʊ -com movimento de cabeça -, para a produção do turno

27 - balança a cabeça negativamente e fica de costas para mãe.

Situação 9, turno 11: pss - dedo indicador levado aos lábios -, para a produção

do turno 10 - olha para mãe e põe o dedo indicador na boca
'taa.

Neste tipo de recorte não há utilização de falsetto, mas de uma ênfase caracterizada por uma mudança de registro no que se refere ao volume (mais alto) na produção vocal materna aliado à contraparte gestual. Aqui a mãe complementa o gesto do infante com a produção vocal típica a ele vinculada.

Como se observa, diante dos exemplos colocados e das falas caracterizadas, pode-se perceber o trabalho suprasegmental desenvolvido pela mãe neste momento da interação que vai dos nove aos treze meses de vida do bebê. Através do desenvolvimento

de trabalhos rítmicos, envolvendo gesto e voz, na '*fala ritmada*' e ao mesmo tempo, salientado prosodicamente a fala do infante por meio de recortes das produções deste infante por ela espelhados, na '*fala recortada*'.

Tipos de Fala	Fala Ritmada	Fala Recortada
Curvas	descendente e/ou ascendente/ descendente	ascendente e/ou ascendente/ descendente
Qualidade de Voz	postura neutra volume alto - ênfase	falsetto volume alto - ênfase
Duração	ausência de alongamentos	presença de alongamentos
Ritmo	concomitante ao gesto	não ritmada
Velocidade de Fala	postura neutra	rápida
Pausa	presença de pausas	ausência de pausas
Contexto	positivo	positivo

Quadro 5: Caracterização da fala recortada/ritmada.

Estas situações vocais/gestuais possibilitam momentos de troca únicos, pois, diante de uma variedade prosódica como esta, o bebê encontra-se estimulado a interagir, também utilizando-se da fala ritmada, no espelhamento de atividades rítmicos como a cantiga de ninar, na situação 6, no uso da gestualidade da negação, na situação 5 e na brincadeira dos pés no cinzeiro, situação 8. Quer dizer, a mãe parece estruturar o

compasso da melodia e a criança vai, aos poucos, entrando no ritmo e posteriormente, proporcionando o seu próprio ritmo.

As pausas têm neste momento um caráter fundamental, pois se desde o momento anterior (fala atribuída), já marcavam o lugar do bebê se pronunciar, agora podem funcionar como marcadores do ritmo, como as utilizadas no trabalho melódico com os pés, na situação 8 (turno 10) mostrada a seguir.

- | | | | |
|----|---|--|---|
| 10 | <p>'pɛ// 'pɛ// (coloca pé no cinzeiro) (1s)</p> <p>pé, pé</p> <p>(alto+enfático)</p> <p>'pɛ (2s) 'pɛ (2s) 'pɛ (2s)</p> <p>pé, pé, pé.</p> | | <p>coloca o pé no</p> <p>cinzeiro quando mãe</p> <p>dá a pausa</p> |
| 11 | <p>'pɛ//</p> <p>pé</p> | | <p>'pɛ (2s)pa 'pɛ</p> <p>(balança os pés no</p> <p>cinzeiro e bate</p> <p>palmas)</p> |
| 12 | <p>'pɛ</p> <p>pé</p> | | |
| 13 | | | <p>balbucia baixinho e</p> <p>caminha para mãe,</p> <p>agarrando-se nela</p> |

Assim, diante da pausa prolongada (em torno de dois segundos), o bebê colocava os pés dentro do cinzeiro. No turno seguinte, mãe e bebê produzem o segmento 'pɛ, e o bebê tenta recortar a atividade ritmada estabelecida pela mãe, produzindo ações vocais e gestuais ao mesmo tempo acrescentando palmas. A mãe insiste na atividade, mas o bebê se desinteressa.

O ritmo, então, atravessa todo este segundo momento da história dialógica-discursiva, estabelecendo não apenas o momento do infante pronunciar-se na interação, mas também, inserindo novos contextos de interação como o uso da negação.

Ritmo e negação

Conforme discutido no capítulo anterior, o uso da “afetividade” negativa, contrariando as expectativas de Fernald (1993), até os nove meses não se apresenta na fala materna, a não ser na fala atribuída. A partir dos nove meses começamos a perceber o processo de inserção da negação no discurso materno, mas de uma forma inesperada: através da ‘fala ritmada’ em ambientes de interação positiva. A estrutura na qual o contexto de negação se apresenta contraria o modelo teórico de Fernald (op. cit.) discutido no capítulo 1 deste trabalho; em seu modelo o papel dos contextos negativos é o de modular, através da oposição prosódica aos contextos de atenção e aprovação, a emoção para o infante. No entanto, o que se apresenta em nossos dados (situação 5) é a inserção deste contexto negativo na interação de uma forma positiva, como uma atividade, uma brincadeira ritmada, cujo interesse é relacionar gesto e voz como um só elemento.

De fato, são preservadas as curvas entonacionais características do contexto de negação, produções abruptas e com curvas descendentes, mas o contexto de inserção na relação dialógica é o de interação positiva, contrariando os princípios estabelecidos no modelo de Fernald. Isto é condizente com a literatura do campo (Trevvarthen, 1979;

Bullowa, 1979, entre outros), que destacam os momentos de interação positiva, como os mais produtivos no que se referem às trocas entre mãe e bebê.

Entre a atribuição e o recorte

O deslocamento evidenciado na mudança estrutural da fala materna após os nove meses caracteriza a ocupação de um outro lugar discursivo da fala materna; pois se na fala atribuída o lugar ocupado pela mãe era o do bebê, agora, nesta fala recortada e ritmada, o seu lugar discursivo está circunscrito pelas vocalizações da criança. É justamente deste lugar e por causa dele, que a mãe tem a flexibilidade de interpretar.

A caracterização deste novo lugar de ocupação se mostra através da própria estruturação sintática/sintagmática desta fala; pois enquanto que na fala atribuída os turnos maternos são compostos de longos enunciados, na fala recortada/ritmada os turnos maternos são compostos de enunciados mais curtos, bem direcionados. Quer dizer, na fala atribuída havia toda uma complexidade estrutural na fala materna, já que ela falava por um outro - o bebê. Agora nesta fala, a produção materna é pontuada, marcada, pela produção do infante, restringindo o lugar de ocupação materno - o de mãe.

Neste capítulo, pudemos acompanhar as modificações da fala materna na interação com seu bebê, se num primeiro momento, a mãe era um sujeito dividido entre assumir o seu lugar de mãe e estruturar o lugar do bebê, na fala atribuída; agora, diante de um infante que já começa a assumir o seu lugar na dialogia, a mãe, através de sua fala, promove um outro deslocamento, desta vez, para o seu próprio lugar - o de mãe. Desta forma, a fala materna estrutura-se de formar a pontuar as produções do bebê, através da *fala ritmada* e da *fala recortada*. Na *fala ritmada*, a mãe faz uso da marcação rítmica para correlacionar gesto e voz, possibilitando à criança “inserir-se no compasso da língua”; já na *fala recortada*, a atividade especular materna possibilita à criança reconhecer/ver refletida sua própria voz inserida no contínuo de fala materno. Desta forma, o papel da mãe parece ser o de organização do contínuo experiencial da criança

seja do ponto de vista melódico/ritmado - *fala ritmada* -, seja do ponto de vista
lingüístico-discursivo - *fala recortada*.

4. O fim do falsetto e a fala enfática:

Do infante ao falante

A partir das primeiras vocalizações do infante, o papel discursivo materno começa a modificar-se ao longo da história interativa. Como vimos no capítulo anterior, a estrutura dialógica entre mãe e bebê torna-se mais ágil com a tomada de turno pelo infante. Ele passa a assumir o seu turno com vocalizações especulares do discurso materno e/ou recortes gestuais ritmados. Esta estrutura interativa possibilita um novo formato nas intervenções da mãe, pois ela passa a pontuar a fala do infante, a marcar o seu diálogo. Suas intervenções normalmente estão relacionadas à produção anterior da criança, de forma a caracterizar a fala materna neste momento como uma fala recortada, isto é, a mãe incorpora as vocalizações do infante atribuindo-lhes sentido.

Novamente a mãe assume o papel de intérprete. Primeiro foi na fala atribuída, quando assumia o papel do próprio bebê no diálogo; na fala recortada, incorpora salientando a 'fala do infante' e propõe novos contextos lingüísticos quando introduz o ritmo gestual/vocal na interação – na fala ritmada. Agora, nesta fala enfática, que analisaremos ao longo deste capítulo, os recortes diminuem e o que se torna saliente é o discurso do outro – do infante (falante?).

O deslocamento da posição de interpretado para interpretante do infante redimensiona o seu papel na relação dialógica, e, por conseguinte, no discurso materno. Pois o discurso materno só pode ser compreendido longitudinalmente na dialogia, uma vez que as modificações características dessa fala, conforme temos visto, não são cristalizadas, elas resultam do funcionamento lingüístico da relação mãe-bebê. Assim sendo, características pontuais do discurso materno, como o uso do falsetto na fala atribuída e em seguida na fala recortada, delimitaram primeiro um lugar discursivo – do infante, e depois salientou uma fala – também do infante. Agora, neste novo momento da diade, o falsetto deixa de ser freqüente no discurso materno, pois este discurso não

precisa salientar a presença do infante ou de sua fala, uma vez que o próprio infante começa a ocupar o lugar de um falante.

4.1 O interacionismo e o papel do infante

Na perspectiva interacionista de Lemos, 1986; 1992; 1995, etc. - discutida no capítulo 2, a relação da criança com o mundo é da ordem simbólica. A criança não possui a priori uma representação mental do mundo. É, ao contrário, a linguagem que determina sua relação com o mundo, consigo mesmo e com o outro (de Lemos, 1992).

Para de Lemos (1995) o sujeito da aquisição é o sujeito efeito da língua, aquele que não possui um domínio total sobre a língua, mas é atravessado por ela, isto é, tem a língua funcionando nele, é instância de funcionamento lingüístico, e, num certo sentido, a ela é submetido. No caso do infante, é o diálogo adulto-criança que é tomado como matriz de significação, pois segundo de Lemos (1986), a atividade interpretativa do interlocutor como efeito de inserção do enunciado ou fragmento de enunciado da criança numa cadeia de significantes, é capaz, por um momento, de deter sua indeterminação, de controlar seu significado em deriva. Ou seja, a atividade interpretativa insere o fragmento da criança no seu discurso e, assim, dá um sentido a essa falta, essa indeterminação. A fala da criança então não é uma língua constituída, mas uma incorporação de fragmentos do discurso do adulto. A emergência destes fragmentos ao longo da atividade dialógica se dá de forma imprevisível, pois as associações da criança não são previsíveis. O diálogo dá lugar ao outro, mas um outro diferente do apresentador do objeto ou demonstrador de sua utilidade; é concebido enquanto **alteridade** (de Lemos, 1986). O outro não fornece a língua. A mãe não ensina a criança a falar, antes fala com/por ela, porque é interrogada por esta fala que, longe de excluí-la, como faz uma língua estrangeira, convoca-a por ser “ estranhamente familiar ” (Guimarães de Lemos, 1994). Ao repetir a criança, a mãe interpreta-a, isto é, coloca sua fala em um texto, tirando-a da

indeterminação inicial ao dar-lhe sustentação gramatical, semântica e textual. Ao encontrar uma matriz de significação – o adulto – para a fala fragmentada da criança, de Lemos (1986) contrapõe-se a idéia de a fala originar-se na criança a partir de uma intenção comunicativa primeira. Pois, segundo a autora, é no espelhamento da fala infantil no discurso do adulto, que as produções infantis tornam-se de fato 'fala'.

Ao lidarmos com a relação mãe-bebê desde o seu início, primeiro mês de vida, encontramos esta relação pontuada justamente pela carência de intenção da parte do infante e assumida pela mãe na sua atividade interpretativa – fala atribuída; num outro momento, na fala recortada – ritmada, a atividade interpretativa materna marca as produções vocais e/ou gestuais infantis, caracterizadas neste momento por recortes sobretudo de acentos frasais do bloco prosódico do parceiro – a mãe. Agora neste novo momento interativo – a fala enfática, presenciamos o deslocamento de um outro sujeito – o infante, assumindo o seu lugar de falante. Mesmo que em seu discurso o que se vê muitas vezes refletido seja o discurso de um outro – a mãe, isso não minimiza o seu ímpeto de procurar se colocar na/pela língua.

4.2 Do ritmo à ênfase – o desaparecimento do falsetto

A partir dos quatorze/quinze meses de vida, o ritmo deixa de funcionar como veículo demarcador da melodia para o infante, como o era na fala ritmada, no capítulo anterior. Conforme vimos na situação 9 (capítulo 3), retomada a seguir:

A mãe e o bebê (13 meses e 12 dias) estão no quarto brincando com fantoches.

- (alto) (baixo)
- 2 u 'ke //(2s)ki 'foi//ũ:ũ://
O que ? Que foi ?Hum, hum.
- 3 ata 'tʒa (olhando
para mãe)
- 4 o::i//
Oi ?.
- 5 e::
- 6 ã:
Hum?
(falsetto)
- 7 ajʒj 'da:
(olhando para mãe e
fazendo bico com os
lábios)
- 8 uki 'foi//
O que foi ?
- 9 (devido ao barulho da sala ao lado a mãe
pede silêncio) pss
- 10 olha para mãe e põe

o indicador na boca

'taa

(ênfase)

11 pss:

Psiu!

12

'na (balança a

cabeça

negativamente)

i'aiaiaia

(baixo)

13 ki'foi//

O que foi ?

Diante de um contexto interativo típico de uma utilização ritmada, no uso da negação e do seu acompanhamento gestual característico, não houve necessidade de explorar a fala ritmada, uma vez que, este contexto já se encontra ritualizado (Lier, 1983) na fala da criança (turno 12). Como podemos observar, o uso feito da negação pela criança é o uso esperado, produção vocal acompanhada de produção gestual, num contexto prosódico especificamente negativo, acompanhado de um bloco prosódico, (i'aiaiaia), marcado pela entonação descendente. Alguns turnos antes, tivemos também a demonstração da mudança da fala do bebê em relação à produção materna: no turno 9 a mãe pede silêncio, produzindo o som característico sem o acompanhamento gestual típico; o bebê assume o turno seguinte produzindo o gesto completo, produção

vocal ('taa) e gestual. A mãe assume o turno posterior, repetindo a produção vocal mais enfática, salientando a produção vocal que deveria ser associada ao gesto.

Como se observa, o contínuo sonoro é o significante trabalhado na relação dialógica; o interlocutor materno destaca esse contínuo, desvinculando-o do acompanhamento gestual – no caso do turno 9, e reforça esse contínuo no turno 11. O destaque é dado na produção enfática do turno 11. A mãe salienta uma produção já ritualizada, mas diante de uma resposta do infante cuja contraparte vocal não corresponde à contraparte lingüística esperada, há uma retomada da emissão anterior mais enfática, salientando a resposta considerada satisfatória (turno 11). É justamente neste novo contexto discursivo que situamos a **fala enfática**. Esta fala salienta para o bebê a elocução considerada satisfatória pela mãe; como não se trata da fala do infante ou de fragmentos de sua produção, não temos o uso do falsetto. O intuito parece ser o de destacar do contínuo de fala a produção vocal satisfatória²³, para que possa ser trabalhada com o infante.

4.3 Um outro interlocutor – o pai

A mudança estrutural na(s) fala(s) materna(s), ao longo do tempo, demonstra como há um inter-relacionamento entre o discurso materno e a mudança participativa do infante ao longo da história interativa; se o que permeia a relação dialógica entre mãe e bebê é a atividade interpretativa materna, o funcionamento lingüístico-discursivo desta ação interpretativa, realçado nas falas emergentes ao longo do tempo, refletirá a mudança constitutiva dos sujeitos na relação interativa e toda a sua singularidade. Um outro sujeito talvez não tenha a mesma receptividade lingüístico-discursiva e interativa do que o parceiro interativo diário, o que não significa dizer que, por conta desta não frequência interativa, a interação não ocorra nem seja qualitativamente importante para o infante.

Conforme veremos num contexto envolvendo a presença do pai da criança, as modificações vocais utilizadas no seu "manhês" sofrem um descompasso em relação ao momento vivido entre a díade mãe-bebê. Como podemos observar a seguir:

Situação 10

O pai está com o bebê (15 meses e 5 dias) brincando na sala da casa da avó. O bebê levanta-se da cadeira e põe a sandália do pai nos seus pés.

(falsetto)

1 'bota sã 'daña di pa 'pai//

Bota a sandália de papai!

2

Vitória coloca a
sandália

(falsetto)

(veloc. fala rápida)

3 ei 'ta//bu 'to de 'dĩũ//bu 'to de 'dĩũ//bu 'to de 'dĩũ//

Eita! Botou o dedinho, botou o dedinho, botou o dedinho!

(falsetto) (sussurro)

bu 'to:// 'eta:// 'botu de 'dĩũ// 'botu de 'dĩũ//

Botou. Eita! Bote o dedinho, bote o dedinho,

(falsetto)

'botu de 'dĩũ//bu 'to://

bote o dedinho. Botou!

²³ Toma-se por satisfatória a palavra (significante) representante na língua do referente em questão.

4

'o:: - coloca a

sandália do pai e sorri
olhando para câmera
e sai caminhando

(falsetto)

5

a'gora 'ãda://

Agora anda!

6

Vitória se
desequilibra

(ênfase)

7

'e//kwi 'dadu//kwi 'dadu pa nũ ka 'i:://

É, cuidado. Cuidado para não cair.

8

torna a caminhar e se
desequilibra
novamente

9

kwi 'dadu pa nũ ka 'i::// 'e// 'e://

Cuidado para não cair. Ê, ê.

10

'a?

11

'e//

Ê!

12

'a?

13 vo 'se 'ta ã 'dãdu 'ta://

Você está andando, está?

14

'ah - enquanto

caminha agarrada à
mesa de jantar

(falsetto)

15 vo 'se 'ta ã 'dãdu 'ta://

Você está andando, está?

16

'ah

17 vo 'se 'ε ipo 'po 'ε://

Você é hipopó é?

18

volta-se para o pai
em face a face

(voz rangida-baixo)

19 vo 'se 'ε ipo 'po //

Você é hipopó?

- 20 'a - olhando para o
pai
- (falsetto)
- 21 'e//ipo 'po//(canta a música do hipopocaré)
Hein? Hipopó! caminha de costas
para o pai
- 22 tira a sandália dos
pés
- (falsetto)
- 23 ti 'ro: // Tirou!
- 24 ti 'ro: - aproxima-
se do pai e pega a
sandália que está
junto dele
- 25 'vai bu 'ta 'sua// 'vai//
Vai botar a sua, vai?
- 26 'aj

27 'vai nũ'ε//sẽta'ki pa pa'pai bu'ta://

Vai não é? Senta aqui para papai botar.

(coloca Vitória no colo)

(ênfase)

'mũĩtu 'bẽĩj//ka'de u 'pε//

Muito bem. Cadê o pé?

senta no colo do pai

e observa

ele pegar a sandália

28

oferece o pé errado

ao pai

29 'esi 'nãw//u 'otru//u 'otru//u 'otru 'pε// observa o pai

Esse não! O outro, o outro, o outro pé!

(aponta para o pé) u 'otru 'pε// 'esi//

O outro pé. Esse!

(pega no pé certo)ka'de 'peu bu'ta//

Cadê pra eu botar?

(baixo)

'e:si// 'mũĩtu bẽĩj//

Esse. Muito bem.

sorri e observa o pai

colocar a sandália em
seu pé

A estruturação do discurso paterno nesta situação se apresenta de forma diferenciada em relação ao discurso materno nesta idade do infante. Como podemos observar, a interação dialógica estrutura-se pontuada pelo falsetto:

Turno 1: (falsetto)

'bota sã 'daŋa di pa 'pai//

turno 3: (falsetto)

(veloc. fala rápida)

ei 'ta//bu 'to de 'dĩũ//bu 'to de 'dĩũ//bu 'to de 'dĩũ//

(falsetto) (sussurro)

bu 'to:// 'eta:// 'botu de 'dĩũ// 'botu de 'dĩũ//

(falsetto)

'botu de 'dĩũ//bu 'to://

turno 5: (falsetto)

a 'gora 'ãda://

turno 15: (falsetto)

vo 'se 'ta ã 'dãdu 'ta://

turno 21: (falsetto)

'e//ipo 'po//(canta a música do hipopocaré)

turno 23: (falsetto)

ti 'ro::://

Esta qualidade de voz, característica da fala atribuída e da fala recortada, é reintroduzida pelo pai na relação dialógica, uma vez que já havia deixado de ser frequente no discurso materno (ver exemplo anterior). O fato de pontuar todo o desenrolar da

situação transcrita para análise demonstra a estratégia paterna em tornar saliente sua fala para o bebê.

Situação 11

(continuação da sessão anterior)

(falsetto – alto)

1 ka 'de u kava 'lĩĩũ//

Cadê o cavalinho?

2

olha para o pai

3 tu 'sabifa 'ze kavalĩĩũ kũ a va 'sora//

Tu sabe fazer cavalinho com a vassoura?

(falsetto-sussurrado)

'sabi 'nãũ//fa 'ze kavalĩĩũ kũ a va 'sora//

Sabe não? Fazer cavalinho com a vassoura?

4 (abre os braços)

abre os braços e sai
procurando uma
vassoura

(falsetto- baixo – veloc. fala rápida)

5 a 'ki 'o// 'pega va 'sora// 'pega va 'sora//

Aqui olha. Pega a vassoura, pega a vassoura!

(veloc.fala rápida)

ka 'de a va 'sora//a va 'sora://a 'ki://

Cadê a vassoura? A vassoura? Aqui.

6

a? olhando para o
pai

(falsetto)

7

a 'sĩ 'o// (anda de cavalo com a vassoura)

Assim, olha.

8

estende o braço
tentando pegar a
vassoura

9

kava 'lĩjũ di va 'sora//

Cavalinho de vassoura.

(falsetto)

'fais//kõ 'mε ki 'fais// 'pasa 'pɛhna//

pega a vassoura e
olha para o pai

Faz. Como é que faz? Passa a perna...

kõ 'mε//a 'nãw//nũ saba: 'i//tu 'ε 'feitũ

Como é? Ah não! Não sabe, olha aí. Tu és feito

começa a varrer o
chão

tua 'mãi// 'so 'pēsa na va 'sora//

tua mãe, só pensa na vassoura,

pa 'la//pa 'la//pa va 'he 'ε//

pra lá, pra lá. Pra varrer é?

10

olhando para o cabo
da vassoura vocaliza
u 'a

11 'ēīj //

Hein?

12

suspende a vassoura
e vocaliza 'ua

13 ε 'ε://(aponta para cima)

Éé.

14

olha para cima e usa
a vassoura como
indicador,apontando
para cima

15 i 'kõmu 'ε ki 'fais ũ kava 'lījũ//

E como é que faz o cavalinho

(veloc. fala rápida)

kũ a va 'ora// 'mostra pa pa 'pai//

com a vassoura ? Mostra pra papai.

u 'a: - olhando para

cima

(segura o cabo da vassoura)

a 'sĩ 'o 'o// 'e// 'e// (segura Vitória)

Assim olha, olha. Ê,ê.

kwi 'dadu//

Cuidado.

16

a? - olhando para

cima

17

a 'sĩ 'o 'o// (anda com a vassoura)

observa o pai

Assim, olha, olha.

18

monta na vassoura

junto com o pai e

saem cavalgando

Nesta situação também temos o uso do falsetto para destacar a elocução para o infante. Tem-se um interlocutor – o pai – interessado na participação da criança na brincadeira proposta. A estratégia utilizada para conseguir a atenção da criança é a mudança na qualidade e velocidade da produção de fala e o uso de gestos – no caso, mostrando como funciona a brincadeira do cavalinho. O diálogo inicia-se com um convite

à participação na brincadeira, turno 1 (ka 'de u kava 'lĩjũ/- em falsetto e com o volume alto), seguida de indagações sobre o conhecimento do infante acerca da brincadeira, turno 3 (tu 'sabifa 'ze kavalĩjũ kũ a va 'sora// 'sabi 'nãu//fa 'ze kavalĩjũ kũ a va 'sora// - em falsetto-sussurrado); seguido da demonstração da brincadeira ao infante, turno 5 (a 'ki 'o// 'pega va 'sora// 'pega va 'sora//ka 'de a va 'sora//a va 'sora//a 'ki:// - em falsetto e velocidade de fala rápida); até a demonstração de interesse expressa vocalmente pela criança, turno 6, (a?- olhando para o pai). A partir de então a demonstração é mais intensa, turno 7 (a 'sĩ 'o// - em falsetto (anda de cavalo com a vassoura)), turno 9 (kava 'lĩjũ di va 'sora// 'fais//kõ'mε ki 'fais// 'pasa 'pehna// kõ'mε//a 'nãw//nũ saba:'i//tu 'ε 'feitutua 'mãĩ// 'so 'pēsa na va 'sora//pa 'la//pa 'la//pa va 'he 'ε//); com respostas imediatas do infante, turno 8 (estende o braço tentando pegar a vassoura, pega a vassoura e começa a varrer), turno 10 (vocaliza u 'a - olhando para o cabo da vassoura). O pai não compreende a produção da criança, turno 11 ('ẽĩj //) e a criança responde imediatamente, turno 12 ('ua - apontando para cima com a vassoura), o pai recorta o gesto, turno (ε 'ε://) e a criança torna a apontar para cima, desta vez com o dedo indicador (turno 14). Há uma tentativa de retomar o tópico anterior da interação, a brincadeira do cavalinho pelo pai, turno 15 (i 'kõmu 'ε ki 'fais u kava 'lĩjũ//kũ a va 'ora// 'mostra pa pa 'pai//a 'sĩ 'o 'o// 'e// 'e//kwi 'dadu// - com velocidade de fala rápida), intercalado pela produção concomitante da criança (u 'a: - olhando para cima), seguida de uma tomada de turno pelo infante, turno 16 (a?- olhando para cima); o pai insiste no tópico, turno 17 (a 'sĩ

'o 'o// (anda com a vassoura)), até que a criança monta na vassoura e sai andando nela junto com o pai (turno 18).

Como se observa, o interlocutor paterno se utiliza de modificações vocais em sua fala como o falsetto e a velocidade de fala rápida (típicos da fala atribuída materna), num momento (15 meses) no qual a díade mãe-bebê, não mais utiliza tal estrutura. Enquanto no discurso materno, essa caracterização vocal é demarcadora de um lugar discursivo e de um outro discurso – o do infante; no discurso paterno, tal fala, além de atribuída, com o uso do falsetto, é estimuladora da interação, isto é, chama a atenção do bebê para o tópico trabalhado pelo pai. As incorporações das produções infantis no discurso paterno são reduzidas:

Situação 10: turno 11('e), para a produção do bebê turno 10('a?)

Situação 11: turno 13(ε'ε:), para a produção do bebê turno 12('ua)

O tipo de incorporação nestas situações não é do ponto de vista segmental, mas sim prosódico, pois recorta tons ascendentes do infante. É o pai recolocando - ressignificando - o falsetto. O uso do falsetto parece uma mímica da fala da criança cuja F^0 é muito mais alta, por razões fisiológicas.

Não há uma preocupação em enfatizar o uso correto de determinadas palavras, nem de marcar as produções do infante, torná-las salientes. A atenção paterna nas duas situações centra-se no contexto lúdico em si, na brincadeira, não na produção linguística da criança. Não é percebido um trabalho segmental como no discurso materno; o destaque é inteiramente suprasegmental, sobretudo através das modificações na qualidade de voz, tal como na fala atribuída (discutida no segundo capítulo).

O descompasso na comparação entre os discursos é evidente e esperado, uma vez que se tratam de dois interlocutores diferentes: a mãe - o interlocutor diário e o pai - o interlocutor esporádico que não faz parte do microcosmo da díade. Esta diferenciação estrutural entre os discursos não impede que a interação pai-bebê aconteça de forma

satisfatória, como pudemos observar ao longo das duas situações expostas. Mas a relação dialógica pai-bebê certamente tem uma história própria.

4.4 O infante é o falante

O deslocamento discursivo do infante para a posição de falante caracteriza uma nova estruturação na relação diádica, pois os recortes da criança não mais se limitam ao recorte terminal das produções maternas; agora emergem na interação blocos prosódicos inteiros,

"fragmentos dos textos com que a mãe interpreta a criança retornam na fala desta, retorno esse que tem como efeito reinstaurar situações similares àquelas configuradas pelos textos do adulto" (Lemos, 1997b p. 3).

Conforme veremos nas situações a seguir, a estrutura da relação dialógica vai tomando uma nova configuração, o que provocará mudanças tanto na fala do infante como na fala materna.

Situação 12

Mãe e bebê (16 meses e 10 dias) estão sentados na cama, Vitória está folheando o livro de histórias, quando a mãe começa a cantar a música do hipopocaré- peça infantil.

(ênfase)

- 1 ipo'po//ipo'po//ipopoka're:// (olhando para
Hipopó, hipopó, hipopocaré Vitória)

2

(baixo)

ipopo'pa:

começa a folhear a
revista

3 ipo'po// ipo'po// ipopoka're://

Hipopó, hipopó, hipopocaré

kũ'mε a 'muzika//kãta pa mã'mãĩ//

Como é a música ? Canta para mamãe.

(ênfase)

ipo'po//ipo'po//ipopoka're://(ls)

Hipopó, hipopó, hipopocaré

a'pop - para de

folhear

quando vocaliza e em

seguida volta a

folheá-lo

(sem voz)

ipo'po://ipo'po:/

ipo'po://

ipo'po:// -quando

produz a vocalização

olha para frente,em

seguida torna a olhar

para o livro

4

5 i 'kõmu 'ε a 'kɛla 'otra//au-au-'au//

E como é aquela outra ? Au-au-au,

(ênfase)

iɔ -i 'ɔ//miaw-miaw-'miaw//kɔkɔɔ 'kɔ//(2s)

ió-ió, miau-miau-miau, cocorocó!

(veloc.fala rápida)

6 kũ 'mɛ vi 'vi://

Como é Vivi ?

(baixo)

7

aw-aw-

aw//ɔ:ow 'ɔ://

enquanto levanta-se

agarrada ao

trocador, vira-se para

câmera e mexe os

lábios, rindo em

seguida

8 nũ 'kɛru vo 'se 'ai 'nãw// (segura a perna

de Vitória)

tenta subir no

trocador 'ɔ:

Não quero você aí não.

9 vãmu kã 'ta kũ 'maĩ// aw-aw-'aw//(bate palmas)

Vamos cantar com mamãe? Au-au-au,

bate no trocador com

as mãos

- iɔ-i 'ɔ//miaw e tenta subir
ió-ió, miau novamente
- 10 (segura a perna de Vitória)
'nã:w//
Não!
- 11 mĩa 'kɛ
- (veloc.fala rápida –ritmado)
- 12 nãw - nãw - 'nãw //(balançando o dedo)
Não, não, não!
- (veloc.fala rápida – ritmado)
- nãw - nãw// olha para mãe e tenta
Não, não. subir novamente
- 13 (segura a perna de Vitória)
//nã:w//
Não.
- 14 'ũa
- (veloc. fala rápida - ênfase)
- 15 nãw
Não.

- 16 'ãw (veloc. fala
rápida -ênfase)
(veloc. fala rápida - ênfase)
- 17 nãw
Não.
- 18 'ãw (veloc. fala
rápida - ênfase)

Nesta situação, temos uma estruturação dialógica marcada pela fala enfática - quando a mãe destaca a palavra ou segmento através da intensidade. Este tipo de fala emerge tanto nos recortes maternos feitos a partir das produções do infante, de forma a torna-se saliente para o infante uma produção de palavra ou segmento no manhês, quanto na inserção de novas palavras pela mãe.

Este contexto situacional inicia-se com a ênfase marcada no turno 1 (ipɔ'pɔ//ipɔ'pɔ//ipɔpɔka'rɛ: - ênfase na palavra final), seguida do recorte pelo bebê da palavra enfatizada, turno 2 (ipɔpɔ'pa:), o turno seguinte repete o primeiro turno (ipɔ'pɔ//ipɔ'pɔ//ipɔpɔka'rɛ: - ênfase na palavra final kũ'mɛ a 'muzika//kãta pa mã'mãĩ//), há uma vocalização concomitante do bebê neste turno (a'pɔp) e a retomada do turno 4 pelo infante (ipɔ'pɔ://ipɔ'pɔ://ipɔ'pɔ://). No turno 5 (i 'kõmu 'ɛ a'kɛla 'otra//au-au-'au//io -i'ɔ//miaw-miaw-miaw//kɔkɔrɔ'kɔ// - ênfase final), a mãe tenta fazer a criança participar mostrando o seu repertório musical, mas após uma pausa de dois segundo ela própria retoma o turno seguinte, turno 6 (kũ'mɛ vi'vi://- velocidade de fala rápida), fazendo uma indagação

ao infante; a criança interage, turno 7 (aw-aw-aw//o:ow'o://) produzindo a música solicitada pela mãe. O tópico da interação muda quando a mãe utiliza-se da negação para impedir que a criança suba no trocador, turno 8 (nũ 'keru vo'se 'ai 'nãw//), a criança vocaliza concomitante à produção materna ('o:); a mãe tenta retomar o tópico anterior – repertório musical -, turno 9 (vãmu kã'ta kũ 'mãĩ// aw-aw-'aw// i'o-i'o//miaw - bate palmas), utilizando as palmas como marcadoras do ritmo (estratégia típica da fala ritmada), mas não consegue a atenção desejada do infante, que tenta subir novamente no trocador. Ela torna a utilizar a negação, turno 10 ('nã:w//), até que o bebê responde, turno 11(mĩa 'kε); há uma utilização da fala ritmada, turno 12 (nãw - nãw - 'nãw // nãw - nãw// - balançando o dedo e com velocidade de fala rápida), mas a criança não dá atenção. Novamente a mãe reinicia o turno seguinte (nã:w - segurando a perna da criança) tentando impedir que a criança suba no trocador, a criança então responde, turno 14 ('ũa), recortando a produção anterior materna, caracterizada prosodicamente por entonação descendente e abrupta. Há um recorte materno no turno seguinte (nãw - com velocidade de fala rápida e ênfase), seguido da tomada de turno pelo infante('ãw - velocidade de fala rápida - ênfase), com a mesma configuração da produção materna anterior; novamente há o recorte materno, turno 17 (nãw - com velocidade de fala rápida e ênfase) e o recorte do bebê, turno 18 (// 'ãw// - velocidade de fala rápida - ênfase), finalizando a interação.

Esta situação mostra uma modificação estrutural na relação dialógica, uma vez que as produções maternas começam a desvincular-se do papel especular em relação às produções do infante. Isto é, quando ocorrem os recortes e/ou incorporações da fala infantil pela mãe, estes não apresentam a mesma configuração segmental e prosódica da fala recortada. Nesta nova configuração, **a fala enfática**, a mãe torna a sua produção saliente através da ênfase, principalmente na sílaba acentuada da palavra, pois os recortes

agora são mais pontuais, centram-se na palavra. Além da ênfase há a utilização de alongamentos na sílaba em destaque, de forma a salientar a entonação característica da produção da palavra. Como podemos observar nos trechos a seguir:

turno 1: ipo'po//ipo'po//ipopoka're: - ênfase final

turno 3: ipo'po// ipo'po//ipopoka're:// - ênfase final

turno 5: i'kõmu'εa'kela'otra//au-au-'au//io-i'õ//miaw-miaw-miaw//

kokoro'ko:// - ênfase final

turno 10: 'nã:w// - ênfase final

turno 13: 'nã:w// - - ênfase final

Diante da fala enfática, o infante recorta a produção materna marcando a sílaba acentuada com a mesma acentuação materna e, conseqüentemente, a mesma curva entonacional. Como vemos a seguir:

turno 2: ipopo'pa: - baixo, para turno 1: ipo'po//ipo'po//ipopoka're: - ênfase

final, entonação ascendente

turno 4: ipo'po://ipo'po://ipo'po:// - baixo, para turno 3: ipo'po// ipo'po// ipopo'ka're:// - ênfase final, entonação ascendente

turno 7: aw-aw-aw//õ:ow'õ:// - baixo, para turno 5: 'au//io-i'õ//miaw-miaw-

miaw//kokoro'ko:// - ênfase final, entonação ascendente

turno 14: 'ũa, para turno 13: 'nã:w// - - ênfase final, entonação descendente

turno 16: 'ãw, para turno 15: nãw - ênfase final, velocidade de fala rápida, entonação descendente

turno 18: 'ãw, para turno 17: nãw - ênfase final, velocidade de fala rápida, entonação descendente

O recorte feito pelo infante como mostramos acima reflete a produção materna anterior salientada através da fala enfática. Nota-se também que não há mais a necessidade de reforçar a produção do infante na fala materna, quando se percebe que suas produções são bem próximas à produção materna. O trabalho executado neste momento parece ser o de **salientar o significativo para ser reconhecido pela criança**, conforme podemos observar ao longo da interação nas respostas vocais do infante em relação às produções maternas.

Situação 13

Continuação da sessão anterior-

Mãe e criança (16 meses e 10 dias)

- | | | |
|---|---|--|
| 1 | aw-aw-'aw//io'io//miaw-miaw-'miaw//
Au-au-au, ió-ió, miau-miau-miau, | rì agarrada ao
trocador, abaixa-se e
toca na colcha da
cama |
|---|---|--|

kɔkɔɔ'kɔ//(bate palmas nas pernas)

cocorocó.

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 2 | ki'ɛvi'vi//kãta'muzika du kaʃo'hĩu// |
|---|--------------------------------------|

O que é Vivi? Canta a música do cachorrinho.

3

aw-aw-aw- 'aw -

olhando para a mãe

(ênfase)

4

kokoro 'ko// (rindo) (3s)

cocorocó!

rì também e olha para

câmera

5

'kõmu 'ε// 'kãta//aw-aw- 'aw//io- 'io://

Como é ? Canta! Au-au-au, ió-íó,

rì olhando para a

câmera dança rindo,

seguindo o

ritmo da música

olhando para câmera

miau- miau- 'miau//(bate mãos nas pernas)

miau-miau-miau

6

levanta a tampa do

cesto de brinquedos

7

kõ 'mε ki 'abri//

Como é que abre?

olha para mãe

segurando a tampa

kõmu 'ε//

Como é?

- 8 empurra a tampa para cima
- 9 vo 'se 'sabi 'kõmu 'ε//
Você sabe como é.
- 10 ahia 'pali -
olhando para câmera
- (baixo)
- 11 'nãw//nũ 'vai aʒu 'da//nĩ 'gwẽj 'vai
Não. Não vai ajudar. Ninguém vai
- (ênfase)
- Λi aʒu 'da 'nãw// 'va a 'bri://
lhe ajudar não. Vá abrir!
- (veloc. fala rápida)
- 'va pu kã 'tĩjũ// 'pa a 'bri nu lu 'gah//
Vá para o cantinho, para abrir no lugar.
- 12 mudando a posição
de segurar a tampa
- 13 nũ 'ε a 'i//
Não é aí.

14

caminha para a ponta
do cesto, segurando a
tampa

15 'ε // 'va: // (2s)

É, vá.

(ênfase)

'va vi 'vi // 'mai pa 'la // pa 'põ:ta // (2s)

Vá Vivi! Mais para lá, para a ponta.

16

tenta caminhar
segurando a tampa, e
reclama 'ai -
olhando para a mãe

17 'feʃi // 'va pu lu 'ga //

Feche. Vá para o lugar.

18

tenta empurrar a
tampa, mas ela cai,
quase fechando o
cesto, olha para mãe
e vocaliza a:::

(ênfase)

19 'va 'la na põ 'tĩã // 'va a 'bri //

Vá lá na pontinha, vá abrir!

'va vi 'vi//

Vá Vivi!

20

volta-se para mãe e
produz som de
esforço, tentando
manter a
tampa pra cima, até
que consegue

21 a'go:ra// 'sɛ:htu// 'ɛ::/(bate palmas)

Agora, certo. Ééé.

Nesta situação, a mãe tenta retomar o tópico da interação anterior - as músicas cantadas por ela e espelhadas parcialmente pela criança - reiniciando o diálogo através de uma das músicas. O turno 1 é iniciado com a interpretação musical materna (aw-aw-'aw//io'io//miaw-miaw-'miaw//kɔkɔɔ'kɔ// - ênfase final - batendo palmas nas pernas), seguida do sorriso do infante enquanto sai de junto do trocador; a mãe busca a interação novamente, turno 2 (ki'ɛ vi'vi//kãta 'muzika du kaʃo'hĩũ//), a criança assume o turno seguinte cantando a música solicitada (aw-aw-aw-'aw - olhando para a mãe); a mãe complementa a música (kɔkɔɔ'kɔ// - em meio a risos e ênfase final), seguida de uma pausa de três segundos. Novamente a mãe convoca a participação da criança, turno 5, ('kõmu 'ɛ//'kãta//aw-aw-'aw//io-'io//miaw- miaw-'miaw// - batendo as mãos nas pernas), a criança então começa a dançar ao som da música cantada pela mãe, mas logo se desinteressa e caminha para junto do cesto de brinquedos, assumindo o turno seguinte (levantando a tampa do cesto). A mãe indaga no

turno 7 (kõ'mɛ ki 'abri//kõmu'ɛ//), a criança está olhando para a mãe e produz a ação solicitada pela mãe (empurra a tampa para cima); a mãe volta a insistir na ação, turno 9 (vo'se 'sabi'kõmu'ɛ//), a criança então olhando para a câmera solicita a ajuda da observadora (ahia 'pali²⁴); a mãe então se coloca, turno 11 ('nãw//nũ 'vai agu'da//nĩ'gwẽj 'vaiɸi agu'da 'nãw//'va a'bri: //- ênfase final - 'va pu kã'tĩjũ// 'pa a'bri nu lu'gah// - velocidade de fala rápida), a criança observa a mãe e muda a posição de segurar a tampa. A mãe assume o turno 13 (nũ'ɛ a'i//) e a criança muda a posição de segurar a tampa; a mãe então, turno 15 ('ɛ // 'va:// - pausa de 2 segundos - 'va vi'vi// 'mai pa 'la// - ênfase final - pa 'põ:ta// - pausa de 2 segundos) guia a atividade comportamental da criança, que após caminhar em direção à extremidade do cesto de roupa, reclama ('ai). A mãe então responde, turno 17 ('feʃi// 'va pu lu'ga//) a criança caminha e a tampa cai, ela então vocaliza (a:) olhando para mãe; a mãe tenta guiá-la novamente, turno 19 ('va 'la na põ'tĩja// - ênfase final - // 'va a'bri// 'va vi'vi//; a criança após muito esforço consegue manter a tampa do cesto levantada, a mãe então complementa a 'go:ra// 'se:htu// 'ɛ::// - batendo palmas).

É interessante destacar nesta situação a estratégia utilizada pela mãe para conseguir a atenção da criança logo no primeiro turno, quando ela recorre à gestualidade ritmada - palmas - para atrair a atenção da criança. Este é um contexto típico da fala ritmada, no qual gesto e voz formam um conjunto marcador do ritmo. No entanto, como pudemos observar na situação acima, este uso ritmado de palmas não introduz nenhuma palavra nova na relação dialógica - como acontecia na fala ritmada. Aqui, o seu uso é para salientar uma música já conhecida. Após este recurso, a criança começa a cantar trechos da música e é completada no turno seguinte pela mãe. Vale destacar que, ao

²⁴ “pali” é a forma com a qual Vitória chama a observadora cujo apelido é “Mari”.

complementar a música, a mãe se utiliza da ênfase final e alongamento da sílaba final acentuada.

Logo há uma mudança de tópico e o foco de atenção infantil passa a ser a tampa do cesto de brinquedos. A fala materna então assume um papel de guiar as ações infantis, ressaltando o que deve ser feito - através da fala enfática - para se conseguir manter levantada a tampa do cesto. Num determinado momento, turno 10, a criança solicita a ajuda da observadora, apenas através de produção vocal, utilizando-se de nomeação, com uma entonação típica de solicitação de ajuda, ascendente/descendente. Numa produção bastante inusitada, uma vez que diante da não atuação materna ela solicita a ajuda de outro - a observadora. Há um veto materno impedindo a ajuda e a criança tem que concluir sua ação, apenas com a ajuda vocal da mãe.

Situação 14

(Continuação da situação anterior)

22

olha para mãe, pega
um fantoche de
cavalo e sorrindo
enquanto manipula o
fantoche
vocaliza eba 'pe:
'a: 'pe -
modalizando a voz
como se
fosse a voz do
cavalo, em falsetto

(falsetto-infantilizado)

23 o'la vi'toria// 'visi ki 'ela

Olá Vitória! “Visse” que ela

mu'do di 'vois//(fala olhando para a observadora)

mudou de voz!

(falsetto)

24

a 'a: - manipulando

o fantoche

(falsetto-infantilizado)

25 o'la vi'toria//

Olá vitória!

(falsetto)

26

a 'a://a 'a:// rindo

paraa mãe e para a

câmera

27 ka'de a flo'zĩa vi'vi//aʃa ãa flo'zĩa'ki//

Acha uma florzinha Vivi! Acha uma florzinha aqui.

a'ʃei// 'o vi'vi// (põe a flor na mão de Vitória)

Achei, olha Vivi!

- 28 dirige-se observadora
entregando o cavalo
e vocaliza
'o a fo'zĩa 'o
a 'i -baixinho
- (falsetto – infantilizado)
- 29 (pega o fantoche de flor) (rangida)
o 'la vi 'vi//tudu 'bõ kũ vo 'se//
Olá Vivi! Tudo bom com você?
olha para
observadora
- (falsetto – infantilizado)
o 'la:://
Olááá!
- 'ei//ka 'de swa mãw 'zĩja//
Ei, cadê sua mãozinha?
- 30 toca na flor e vocaliza
'a - e vai mexer nos
brinquedos do cesto

Neste trecho da situação interativa, temos uma estruturação vocal completamente nova propiciada pelo **infante: o uso do falsetto numa fala atribuída**. Isto é, o bebê demonstra o seu deslocamento enquanto sujeito, assumindo um outro papel, o do

fantoche. A interação se inicia com a retirada do cesto pelo infante de um fantoche - o cavalo - e sua manipulação em meio a sorrisos e vocalização, turno 22 (ɐba 'pɐ: 'a: 'pɐ - falsetto). A mãe assume também o papel do cavalo e fala por ele (o'la vi'tɔria// - falsetto infantilizado - 'visi ki 'ɛla mu'do di 'vois// - falsetto) espantando-se com a produção do infante e comentando com a observadora. A criança assume o turno seguinte manipulando o fantoche (a 'a: - falsetto), a mãe entra no jogo, turno 25, (o'la vi'tɔria// - falsetto infantilizado) assumindo também o papel de cavalo. A criança assume o turno seguinte, manipulando o fantoche e sorrindo para a mãe e para a câmera (a 'a://a 'a:// - falsetto); a mãe então solicita um outro fantoche, turno 27 (ka'de a flo'zĩa vi'vi//aʃa ũa flo'zĩa'ki//), a criança então dirige-se à observadora lhe entregando o fantoche de cavalo e vocalizando ('o a fo'zĩa 'o a'i - baixo); a mãe então pega a flor e vocaliza para Vitória (o'la vi'vi//tudu 'bõ kũ vo'se// - voz rangida - // o'la:// - falsetto infantilizado - //'ei//ka'de swa mãw'zĩʃa//), a criança toca na flor e vocaliza ('a) e vai em direção ao cesto de brinquedos.

O deslocamento do sujeito criança assumindo um outro lugar locutório - o do fantoche - demonstra uma tomada de posição sua em relação à língua, quer dizer ele começa a se colocar como um falante, **subjativa-se enquanto falante**. É um falante que deixa emergir outras vozes em seu discurso, no caso a do fantoche (turnos 22, 24, 26). Este movimento discursivo efetuado pela criança traz à tona um bloco lingüístico-discursivo em suspensão - a fala materna. Sim, pois estamos tratando aqui de algo concebido por de Lemos (1992; 1995; 1997) como um *processo metafórico*, no qual há uma substituição do sujeito mãe, enquanto fantoche, para o sujeito criança neste lugar. Este deslocamento é tão marcado que há modificações prosódicas na fala da criança: o uso do falsetto. Quer dizer, a estruturação evidenciada nos primeiros nove meses - na

fala atribuída - vem à tona na fala do infante, marcando um novo lugar discursivo - o do infante enquanto fantoche.

Para a mãe, este movimento discursivo provocado pelo infante também é algo inusitado, provocando deslocamentos também nela. Assim, a mãe também assume o lugar do fantoche (turnos 23 e 25) reintroduzindo a fala atribuída em seu discurso, pois ao mesmo tempo que também toma o lugar do fantoche, está na verdade tomando o lugar do infante enquanto fantoche.

Situação 15

A criança (17 meses e 4 dias) está no quarto com a observadora mexendo na cômoda, após algum tempo a mãe chega.

Legenda: **O** - Observadora

M- Mãe

1

pega um papel em
cima da
cômoda, põe no
rosto e
vocaliza (inc.), olha
para a observadora e
vocaliza
pokai 'ε:// 'fo:i//
kai 'ε://ũ//
kai 'ε://
- olhando para
observadora

2 (O) ã//

Hum?

3

ũ//kai 'ε:// - ênfase

final olhando para
observadora

(falsetto)

4 (O) kēĩ 'ε:

Quem é?

5 (M) ipopoka 'rε://(grita de fora do quarto)

Hipopocaré!

6 (O) 'a://ipopoka 'rε://

Ah! Hipopocaré!

7

fica olhando
para cima e
fazendo
careta

8 (M) ka 'de u 'livru du ipopoka 'rε//

Cadê o livro do hipopocaré?

(ênfase)

mos'tra: mari'ãni//vi'toria//

Mostra a Marianne, Vitória!

9

sai de junto da
observadora e
caminha para o cesto
de brinquedos,
olhando para
dentro dele vocaliza
ipɔpɔkai'ɛ://
// 'tah:// 'ta//

10(O) 'ta//

Está.

ka'de//

Cadê?

11

tɛ'tũna (inc.)// -
pega o papel no cesto
- kai'ɛ// 'kɛ
'nãw//

12(O) a'ʃo'nãw//

Achou não.

13

'fe:i //- baixinho -

mostrando papel

14 (O) ka'de// 'mostra pra 'mĩ://

Cadê, mostra pra mim!

15

estende o papel para

observadora -

apokai'ε//

(falsetto)

16 (O) e:i'ta poka'rε://

Eita, pocaré!

17

entrega papel à

observadora

18 (O) 'kōta pa mĩ a is'toria// 'kõmu'ε

Conta pra mim a estória. Como é

a is'toria du ipopoka'rε//

a estória do hipopocaré?

19

pega de volta o papel

e volta-se para mãe

A interação é iniciada pela criança que faz uma indagação à observadora (pɔkai'ɛ:// 'fo:i//kai'ɛ://u // kai'ɛ://) com um papel no rosto que estava em cima da cômoda, a observadora não compreende (u//); a criança tenta se explicar, turno 3 (u//kai'ɛ:// - ênfase final) e a observadora recorta prosodicamente - curva ascendente - a produção da criança, turno 5 (kẽĩ'ɛ: - ênfase final). A mãe então que está fora do quarto, mas ouvindo a conversa, intervém, turno 6 (ipɔpɔka're:// - ênfase final - gritando de fora do quarto), a observadora então complementa, turno 7 ('a://ipɔpɔka're://). A criança distrai-se olhando para cima - para a câmera - e fazendo careta, a mãe então assume o turno, indagando pelo livro do Hípopocaré, turno 8 (ka'de u 'livru du ipɔpɔka're// mos'tra: mari'ãĩ//vi'toria//), Vitória responde, turno 9 (ipɔpɔkai'ɛ:// - ênfase final - //'tah://'ta//) saindo a procura do livro no cesto de brinquedos. A observadora intervém, turno 10 ('ta//ka'de//) e a criança responde para ela, turno 11 (tɛ'tũna - pegando um papel do cesto e estendendo para a observadora - kai'ɛ//'kɛ'nãw//); a observadora recorta a entonação final da criança - descendente - e completa, turno 12 (a'ʃo'nãw//), Vitória então responde, turno 13 ('fɛ:i //- baixinho), com entonação descendente, mostrando que achou o livro. A observadora então se coloca, turno 14 (ka'de//'mostra pra 'mĩ://), a criança responde mostrando o papel, turno 15 (apɔkai'ɛ//); a observadora demonstra surpresa, turno 16 (ɛ:i'ta pɔka're:// - falsetto) e a criança, turno 17, entrega papel à observadora. A observadora pede a participação da criança, turno 18 ('kõta pa mĩ a is'toria//'kõmu'ɛ//a is'toria du ipɔpɔka're//). A criança vai para junto da mãe entregando o papel a ela.

Aqui podemos observar a criança como iniciadora da interação utilizando apenas a voz para interagir com o parceiro - a observadora. A dificuldade de compreensão inicial vai se diluindo ora com a ajuda da mãe (turno 6), familiarizada com as produções do infante, ora com as incorporações feitas pela observadora das produções da criança (turnos 4, 10, 12 e 16) dando-lhes sustentação lingüística. Note-se que o recorte do parceiro é feito a nível suprasegmental - com o recorte das curvas entonacionais -, quanto ao segmental, ela aproxima a produção do infante da produção lingüística mais coerente para ela. Este tipo de processo provoca algumas ambigüidades como no caso do turno 5, em relação ao turno 4, que é “ traduzido ” pela mãe (turno 6), para a observadora. Quanto às intervenções maternas, estas privilegiam a fala enfática, como podemos observar nos turnos 6 e 8 e que é respondida imediatamente pela criança.

Situação 16

(continuação da sessão anterior)

- | | | |
|---|--|---------------------------|
| 1 | (começa a folhear o livro e apontar para as figuras) | sentada ao lado da
mãe |
| 2 | u 'kɛ 'su// 'u//

O que é isso? Hum? | |
| 3 | | pai 'ɛ - ênfase |
| | (sussurro) | |
| 4 | 'ɛ://ipɔ 'pɔtãmu i u ʒaka 'rɛ//

É, hipopótamo e jacaré. | |

(ênfase)

'ita// 'kɛ 'isu//

Eita! O que é isso?

5

'ɛ (aponta) 'tɛw -

sussurro - ênfase

(sussurro-ênfase)

6 'sɔw//ɛ u 'sɔw//

Sol. É o sol!

7

'paw - sussurro -

ênfase

8 i 'esi a 'ki//

E esse aqui?

9

'pu: - ênfase

(veloc. fala rápida)

(ênfase)

10 ɛ pu u 'ke //ɛ ipɔpɔka 'rɛ// 'o u ma 'kaku//

É pum o que? É hipopocaré. Olha o macaco!

(faz o som do macaco)

sorri

a 'ki//

Aqui.

11

'pow - velocidade

rápida - ênfase

12 uki 'ε//

O que é ?

13

e 'tĩjũ - ênfase

14 'a//

Hã?

15

'biʃi - ênfase

17 'ε u ipopoka 'rε//

É o hipopocaré!

isa 'ki

E isso aqui?

18

'bo: - ênfase

(ênfase)

19 ho 'bo: (rindo)

Robô.

A interação se estabelece numa atividade de nomeação iniciado pela mãe, envolvendo o gesto de apontar. A mãe inicia o seu turno folheando um livro e fazendo uma indagação (u'kɛ 'isʊ// 'u//), a criança nomeia, turno 3 (pai 'ɛ- ênfase), a mãe complementa, turno 4 ('ɛ://ipɔ'pɔtãmu i u ʒaka'rɛ// - sussurro - 'ita//'kɛ 'isʊ// - ênfase final), a resposta da criança, turno 5 ('ɐ - aponta - 'tɐw - sussurro - ênfase); a mãe sobre outra figura, turno 6 ('sɔw// - sussurro - //ɛ u 'sɔw// - ênfase final), no turno seguinte a criança se coloca, turno 7 ('paw - sussurro - ênfase). A mãe assume o turno seguinte, turno 8 (i 'esi a 'ki//), a criança nomeia ('pu:- ênfase); há um comentário sobre a produção vocal do infante, turno 10 (ɛ pu u 'ke // - velocidade de fala rápida - //ɛ ipɔpɔka'rɛ// 'o u ma 'kaku// - ênfase - //a 'ki// - produz som do macaco), a criança complementa ('pɔw - velocidade rápida - ênfase); a mãe então indaga, turno 12 (uki 'ɛ//), a criança responde, turno 13 (e 'tĩjũ - ênfase); a mãe não compreende ('a//) e a criança assume o turno seguinte ('biʒi- ênfase); a mãe então nomeia e faz nova indagação ('ɛ u ipɔpɔka'rɛ//isa 'ki//), a criança responde ('bo:- ênfase), a mãe nomeia (ho 'bo:- ênfase final - rindo).

Esta situação já possui uma outra configuração em relação à anterior anterior, pois toda a atenção materna está voltada para a nomeação da criança, não só a identificação referencial, como também o uso do significante próprio do léxico do português, isto é, o item lexical da fala adulta. Daí a ênfase nas palavras renomeadas pela mãe e/ou nomeadas pela mãe para o infante (turnos 6, 10 e 18). A ênfase encontrada nas palavras nomeadas pela mãe também é encontrada nas produções infantis, numa ação especular; quando indagada a identificar/nomear um referente qualquer, a criança se utiliza também da fala enfática para isso (turnos 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15 e 17). Entre estas produções do infante tem-se o uso da voz sussurrada (turnos 5 e 7), logo após a

produção sussurrada da mãe. Quer dizer, temos aqui também um espelhamento suprasegmental - o recorte da qualidade de voz materna.

Situação 17

Mãe e bebê (18 meses e quatro dias) estão no quarto na cadeira de balanço cantando a música do pintinho amarelinho, Vitória dança e completa a melodia com os tons finais.

1 u pĩ 'tĩũ sa 'iw 'hoku// 'foi//

O pintinho saiu rouco, foi?

2

aε 'ε: - ênfase

3 'a//

Hã?

4

'a// 'pai: (rindo)

5 pa 'pai 'ta traba 'kãdu//

Papai está trabalhando.

6

mã 'mãi: - ênfase

7 'o:i//

Oi ?

- 8 'ε:
- 9 ε'ε//
Éé.
- 10 ʒεσε'ε: - ênfase
(ênfase)
- 11 ʒε'sε//ʒε'sε'ta na is'koliʒa//
Jessé! Jessé está na escolinha.

'ke'εki'ta na is'koliʒa'oʒi//'ke'ε
Quem é que está na escolinha hoje? Quem é

ki vo'se'vai've na isko'liʒa'oʒi//
que você vai ver na escolinha hoje?
- 12 'εδε'dε: - ênfase
alto
(ênfase)
- 13 δε'dε://'kei j'mais//
Dedé. Quem mais?
- 14 'ka:da - ênfase
(ênfase)
- 15 'kadida//'kei j'mais//
Cândida. Quem mais?

16

me 'ẽna - ênfase

(ênfase)

17 mari 'lẽ:na// 'kẽĩ ỹ 'mais//

Marilena. Quem mais?

18

'tẽ::u - ênfase

19 'tẽ:u//

Teo,

20

'a::hfa - ênfase

21 'ha:fa//

Rafa,

22

'ka:: - ênfase

(veloc. fala rápida)

21 'kãdida tu 'ʒa 'disi//ho 'drigu//

gu

Cândida tu já disse. Rodrigo,

23

tɛ'tɛ: - ênfase

24 dɛ'dɛ vo'se'ʒa'disi ta'beij//

Dedé você já disse também.

25

au'a:

26 fi'li:pi//

Filipe.

27

ʔapi'ipi - ênfase

(ênfase)

28 pi'ipi//la'la//

Piípe, Lalá,

29

aa:'i - pisa no seu

próprio pé

Esta situação se apresenta de uma forma diferenciada da anterior, pois **quem inicia o processo de nomeação é a própria criança**. Assim temos, no turno 1, a mãe fazendo um comentário sobre uma produção anterior do infante (u pi'tiu sa'iw

'hoku// 'foi//), a criança então se coloca (aε'ε:- ênfase); a mãe não compreende e indaga, turno 3 ('a//), a criança assume o turno seguinte ('a// 'pai: - rindo) recortando a produção anterior da mãe; a mãe complementa a informação, turno 5 (pa'pai 'ta traba'kadu//), a criança indaga, turno 6 (ma'mai: - ênfase) e a mãe responde, turno 7 ('o:i//). A criança complementa, turno 8 ('ε:) e a mãe confirma, turno 9 (ε'ε//). A criança então traz outro referente, turno 10 (ʒεεε'ε:- ênfase) e a mãe completa, turno 11 (ʒε'sε// - ênfase - // ʒε'sε 'ta na is'koliʒa// 'ke 'ε ki 'ta na is'koliʒa 'oʒi// 'ke 'ε ki vo'se 'vai 've na isko'liʒa 'oʒi//); a criança responde à indagação, turno 12 ('ε dε'dε: - ênfase), a mãe confirma e faz nova indagação, turno 13 (dε'dε:// - ênfase - // 'kei j 'mais//); a criança responde, turno 14 ('ka:da- ênfase). A mãe confirma e faz nova indagação, turno 15 ('kadida// - ênfase - // 'kei j 'mais//), e Vitória responde, turno 16 (me'ena- ênfase), que é confirmada pela mãe seguida de nova indagação, turno 17 (mari'le:na// - ênfase - 'kei j 'mais//); a criança responde, turno 18 ('tε::u- ênfase), a mãe confirma, turno 19 ('tε:u// - ênfase). A criança continua a nomeação, turno 20 ('a::hfa- ênfase) e a mãe confirma, turno 21 ('ha:fa// - ênfase); a criança continua, turno 22 ('ka:- ênfase) e a mãe questiona, turno 23 ('kadida tu 'ʒa 'disi// - velocidade de fala rápida - ho'driɣu//), a criança produz a sílaba final em conjunto com a mãe (ɣu) e assume o turno seguinte, turno 24 (tε'tε:- ênfase). A mãe questiona novamente a nomeação do infante, turno 25 (dε'dε vo'se'ʒa 'disi ta'beij//), a criança continua a nomear, turno 26 (au'a:); a mãe faz uma nomeação, turno 27 (fi'li:pi// - ênfase), e a criança recorta, turno 28 (ʔapi'ipi- ênfase); a mãe também recorta a produção da

criança e complementa, turno 29 (pi 'ipi//la 'la// - ênfase), a criança reclama do pé machucado, turno 30 (aa: 'i).

Conforme dissemos acima, a interação se estrutura de forma inversa da anterior, pois aqui quem estabelece a nomeação é a criança (turnos 4, 6, 10, 12, 14, 16, 18, 20 e 22 e 24), utilizando para isso a caracterização vocal da fala enfática. O discurso materno então estrutura-se para confirmar e/ou questionar esta nomeação (turnos 5, 7, 11, 13, 15, 17, 19 e 21), realçando esta nomeação através do recorte expandido da nomeação da criança. Num determinado momento da interação, diante da repetição de nomeações já ditas pelo infante, a mãe assume o lugar de nomear (turnos 23, 27 e 29) e a criança passa a confirmar esta nomeação (turno 28). Quer dizer temos num determinado momento da interação a inversão dos papéis dialógicos entre mãe e criança. Esta possibilidade de reversibilidade de papéis demonstra a constituição da criança enquanto sujeito, através da possibilidade de assumir o lugar discursivo do outro - a mãe.

A troca de lugares - o infante é o sujeito falante

A utilização da fala enfática destaca uma mudança na estruturação do discurso materno na interação com o fim do uso da fala ritmada e da fala recortada com falsetto, para dar lugar à nomeação enfática. Este movimento lingüístico-discursivo de uma fala demarcadora da produção vocal do infante no discurso - a fala recortada -, e do uso do ritmo para a inserção de novas palavras na dialogia - a fala ritmada -, para uma fala ainda com características de recorte, mas com ênfase não na produção da criança e sim, na produção de nomeações corretas. Isto é, a ênfase está na **relação entre palavra e objeto**, ou melhor entre significante e referente. O interesse reside no reconhecimento do referente pela criança e no uso do significante a ele associado - seu nome.

No momento anterior (capítulo 3) a preocupação materna era com a produção do infante, não importando muito a configuração deste significante produzido, mas sim a

necessidade de produzir vocalmente, num universo cada vez mais abrangente. O intuito agora, neste momento, é o de afunilar esta gama de significantes produzidos pelo infante para aquelas produções mais lingüísticas, isto é, restringir os significantes possíveis, para aqueles mais próximos da língua.

O afunilamento na produção materna encontra-se refletido na própria estrutura do seu discurso, pois com a crescente emergência da fala da criança (desde a fala recortada/ritmada), a mãe diminui a quantidade de frases, dispensa as pausas, ela quase “se cala”, assumindo um outro lugar discursivo - o de mãe. Numa clara oposição à estrutura da fala atribuída, na qual tínhamos longos textos orais, com frases longas e complexidade sintática, pois ela ocupava um outro lugar - o do infante.

Essas modificações estruturais do discurso materno refletem a ocupação discursiva de um outro sujeito - o infante; cuja subjetivação se evidencia não só na tomada de seus turnos, como também e sobretudo, na reversibilidade de papéis. Isto é, quando ele ocupa não só o seu lugar na dialogia, mas também qualquer outro que se apresente na interação, como presenciamos na situação 14 (ver trecho a seguir).

22

olha para mãe, pega
um fantoche de
cavalo e sorrindo
enquanto manipula o
fantoche
vocaliza eba 'pə:
'a: 'pə -
modalizando a voz
como se fosse a voz
do cavalo, em
falsetto

- (falsetto-infantilizado)
- 23 o'la vi'toria// 'visi ki 'ela
Olá Vitória! “Visse” que ela
- mu'do di 'vois//(fala olhando para a observadora)
mudou de voz!
- (falsetto)
- 24 a 'a: - manipulando
o fantoche
- (falsetto-infantilizado)
- 25 o'la vi'toria//
Olá vitória!
- (falsetto)
- 26 a 'a://a 'a:// rindo
para a mãe e para a
câmera

Nesta situação a criança assume o lugar do fantoche no discurso (turnos 22, 24 e 26), utilizando-se para isso do tipo de fala materna característico do deslocamento subjetivo - a fala atribuída. Ao falar “como se” fosse o fantoche, a criança põe à mostra o seu próprio deslocamento subjetivo, de infante à sujeito. Diante desta apropriação subjetiva de um lugar discursivo - o fantoche, a mãe reinstala a fala atribuída concorrendo com a criança pelo lugar do fantoche (turnos 23 e 25).

Num outro momento (situação 17) encontramos também este deslocamento discursivo no diálogo:

1 u pĩ 'tĩu sa 'iw 'hoku// 'foi//

O pintinho saiu rouco, foi?

2

aɛ 'ɛ: - ênfase

3 'a//

Hã?

4

'a// 'pai: (rindo)

5 pa 'pai 'ta traba 'kãdu//

Papai está trabalhando.

6

mã 'mãĩ: - ênfase

7 'o:i//

Oi?

8

'ɛ:

9 ɛ 'ɛ//

Éé.

10

ʒɛɛɛ 'ɛ: - ênfase

(ênfase)

11 ʒɛ 'sɛ//ʒɛ 'sɛ 'ta na is 'kolĩʒa//

Jessé! Jessé está na escolinha.

'kẽ 'ɛ ki 'ta na is 'kolĩʒa 'oʒi// 'kẽ 'ɛ

Quem é que está na escolinha hoje? Quem é

ki vo 'se 'vai 've na isko 'lĩʒa 'oʒi//

que você vai ver na escolinha hoje?

12

'ɛ dɛ 'dɛ: - ênfase

alto

(ênfase)

13 dɛ 'dɛ:/'kẽĩ ʒ 'mais//

Dedé. Quem mais?

14

'kã:da - ênfase

(ênfase)

15 'kãdida/'kẽĩ ʒ 'mais//

Cândida. Quem mais?

16

me 'ẽna - ênfase

(ênfase)

17 mari 'lẽ:na// 'kẽĩ j̃ 'mais//

Marilena. Quem mais?

18

'tɐ::u - ênfase

19 'tɛ:u//

Teo,

20

'a::hfa - ênfase

21 'ha:fa//

Rafa,

22

'kã:: - ênfase

(veloc. fala rápida)

23 'kãdida tu 'ʒa 'disi//ho 'drigu//

gu

Cândida tu já disse. Rodrigo,

24

tɛ 'tɛ: - ênfase

25 dɛ 'dɛ vo 'se 'ʒa 'disi ta 'bẽĩj̃//

Dedé você já disse também.

26

au 'a:

27 fi 'li:pi//

Filipe.

28

ʔapi 'ipi - ênfase

(ênfase)

29 pi 'ipi//la 'la//

Piípe, Lalá,

30

aa: 'i - pisa no seu

próprio pé

A criança assume o lugar materno na atividade de nomeação (turnos 4, 6 e 10); a mãe, por sua vez, além de deslocar-se para o papel da criança, de espelhar a nomeação (turnos 5, 7, 9), faz isso enfatizando sua produção. Num determinado momento da dialogia, uma nova estruturação se faz presente, ao espelhar a produção do infante e inquirir-lhe novas nomeações a mãe está na verdade ocupando dois lugares - o de mãe e o da criança (turnos 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25 e 27). A criança também, enquanto inicia a nomeação - assume o lugar materno, mas quando é inquirida pela mãe - põe-se no seu lugar - o de criança.

Esta reversibilidade de papéis evidenciada na fala da criança demonstra a inserção do infante como um sujeito na dialogia. É esta alteridade destacada na assunção de outro ou outros lugares discursivos pela criança, que o constitui como um sujeito.

A trajetória da constituição subjetiva dos parceiros dialógicos mãe e bebê assumiu neste capítulo um novo deslocamento: **a assunção da criança no seu lugar de sujeito falante**. A partir de um deslocamento materno, no qual a mãe restringe-se ao seu próprio lugar discursivo - o de mãe, a criança começa a se posicionar diante da língua assumindo o seu próprio lugar e, também, deslocando-se para outros lugares: como o da mãe. Com

o uso da *fala enfática*, na qual a mãe destaca itens lexicais do seu contínuo sonoro através da ênfase na sílaba final acentuada seguida de alongamento final, a atividade materna está centrada na relação referente/significante correto. Assim, diante de uma nomeação feita pela criança, a mãe espelha esta nomeação mas com o referente correto, isto é, a mãe alça o fragmento produzido pela criança e o insere na língua, enfatizando sua produção correta. A criança, por sua vez, também se posiciona em relação à mãe e também assume a posição de espelho, quando se desloca para outros lugares discursivos, assumindo uma outra “voz”, a da mãe.

5. Considerações Finais

Este trabalho buscou eleger a fala materna dirigida ao bebê ao longo dos seus dezoito meses, como lugar de subjetivação da criança na língua. Através da dialogia, acompanhamos a trajetória lingüístico-discursiva entre mãe e bebê e o deslocamento subjetivo evidenciado nesta fala, propiciando a constituição do bebê: de infante a falante.

Numa retomada crítica da literatura do chamado “manhês”, desde a década de 70 (Snow & Ferguson, 1977, entre outros), cuja preocupação era atribuir um lugar facilitativo para este tipo de fala e suas peculiaridades, questionamos a concepção de uma percepção inata do bebê (Scarpa & Lier, 1991), pronta a reconhecer as saliências, sobretudo as prosódicas, da fala materna a ele dirigida. Na sua mais recente perspectiva, o “manhês” assume uma roupagem universalista “neodarwinista” (Fernald, 1993) sendo atribuído a esta fala um caráter pré-adaptativo, no qual as saliências prosódicas da fala materna modulariam atenção e afeto para o bebê facilitando sua aquisição lingüística, a partir de um aparato perceptual inato pronto a reconhecer determinados padrões acústicos da fala materna. Ao replicarmos o experimento de Fernald, com díades brasileiras, vimos que os padrões prosódico-afetivos tomados como universais, pela autora, se diluem na fala das mães estudadas. A não-congruência com os resultados de Fernald nos possibilitou a assunção de uma perspectiva prosódico-afetiva para uma lingüístico-discursiva, na qual a estrutura dialógica mãe-bebê é concebida como espaço privilegiado para a inserção da criança na língua (de Lemos, 1986, 1992, 1995).

Esta mudança de orientação teórica possibilitou conceber a fala materna enquanto movimento interpretativo (Castro, 1995, 1997a e b), que atribui significação aos comportamentos do bebê, elegendo a relação mãe-bebê como uma atividade dialógica, desde os primeiros meses. Assim, desde o nascimento, a mãe toma o bebê como um interlocutor, fazendo uso da *fala atribuída*: quando a mãe dá “voz” ao bebê, falando “*como se*” fosse ele. Para isso, ela modaliza a sua voz, através do falsetto e da fala infantilizada, marcando prosodicamente o lugar discursivo de um outro sujeito: o bebê.

As modificações da fala materna na interação com seu bebê, trazem à tona um sujeito dividido entre assumir o seu lugar de mãe e estruturar o lugar do bebê, na fala atribuída.

O deslocamento subjetivo materno evidenciado na fala atribuída começa a se estruturar de maneira diferente ao final dos nove primeiros meses. Diante de um infante mais ativo vocalmente, a mãe, através de sua fala, promove um outro deslocamento, desta vez, para o seu próprio lugar - o de mãe. Neste momento, a fala materna passa a pontuar as produções do bebê, através da *fala ritmada* e da *fala recortada*. Na *fala ritmada*, a mãe faz uso da marcação rítmica para correlacionar gesto e voz, possibilitando à criança “inserir-se no compasso da língua”; já na *fala recortada*, a atividade especular materna, marcada pela voz em falsetto, possibilita à criança reconhecer/ver refletida sua própria voz inserida no contínuo de fala materno. Assim, o papel da mãe parece ser o de organização do contínuo fônico-experiencial da criança seja do ponto de vista melódico/ritmado - *fala ritmada* -, seja do ponto de vista lingüístico-discursivo - *fala recortada*.

Um novo deslocamento se faz presente a partir da restrição da mãe ao seu lugar discursivo: a assunção da criança no seu lugar de sujeito. A criança, a partir dos quinze meses, começa a se posicionar na língua assumindo o seu próprio lugar e, também, deslocando-se para outros lugares, como faz a mãe. A *fala enfática*, então, se estrutura destacando itens lexicais do contínuo sonoro materno através da ênfase na sílaba final acentuada seguida de alongamento final. Diante de uma nomeação feita pela criança, a mãe espelha esta nomeação mas com um item lexical paralelo, pertencente ao sistema lexical adulto, isto é, a mãe recorta o fragmento produzido pela criança e o insere na língua, enfatizando um signo “maduro” paralelo, inserindo a criança num sistema de signos distintivos próprio da língua de sua comunidade. A criança, por sua vez, também assume a posição especular, ao se deslocar para outros lugares discursivos, assumindo uma outra “voz”, a da mãe.

É o fim da qualidade de voz em falsetto que sempre marcou o lugar discursivo do infante na dialogia. Como pudemos acompanhar na trajetória da relação mãe-bebê, ao longo de dezoito meses, o falsetto determinou o lugar do bebê no discurso materno; esta

qualidade de voz sempre surge, no discurso materno, quando a mãe fala pela criança ou recorta alguma produção vocal desta. O seu desaparecimento reflete o aparecimento do infante enquanto sujeito falante. Deste novo lugar, fazendo circular vozes e discursos, a criança começa a se posicionar na dialogia, marcando a sua ocupação discursiva também com essa qualidade de voz. Como pudemos presenciar no final do capítulo 4 quando a criança começa a ocupar outros lugares no discurso - falando “*como se*” fosse outro - no caso, falando com o fantoche em falsetto.

A própria estruturação da fala materna enquanto significante reflete os lugares discursivos por ela ocupados na trajetória dialógica entre mãe e bebê. Como pudemos observar ao longo dos capítulos desta tese, no início da atividade dialógica, na *fala atribuída*, esta se apresenta com uma estruturação sintática/sintagmática bastante complexa, com a presença de longos enunciados - frases longas, textos grandes, presença de subordinadas. Tal estruturação não é condizente com o apontado pela literatura do “manhês”, cuja caracterização envolve simplicidade, clareza e brevidade nos enunciados. Na *fala atribuída* encontramos uma fala complexa, com longos discursos, que dificilmente “facilitariam a aprendizagem” do infante de sua língua materna, mesmo que este fosse um organismo pré-programado para adquiri-la. Mas se não serve para facilitar a aquisição, qual o sentido desta fala?

Para fazer sentido enquanto mãe, esta necessita criar um processo especular de forma a subjetivar o bebê. Neste processo, o sujeito busca se ver, aproximando-se do discurso do outro ou das ações desse outro. Isto é, significando o bebê, a mãe está significando a si mesmo. E é através da linguagem verbal, da língua, que se propicia tal constituição subjetiva. Na posição de um outro sujeito - um bebê-mãe ou uma mãe-bebê - instaura-se um funcionamento lingüístico-dicursivo, para preencher uma falta - a do bebê enquanto falante. Assim, desde o nascimento a criança se encontra imersa num funcionamento simbólico, mesmo sem, de fato, assumir uma posição, ocupar um lugar.

A partir das primeiras produções do bebê, quando este começa a ocupar o seu lugar, mesmo sem se dar conta de fazê-lo, através das incorporações de fragmentos do contínuo sonoro materno, principalmente a entonação final dos enunciados, começa a

ocorrer um movimento inverso: a restrição do lugar materno. Diante de uma criança que começa “ a falar ”, a mãe restringe o seu lugar de ocupação, e isto se reflete na qualidade de sua fala, esta passa a assumir uma estrutura pontual. Isto é, os enunciados maternos tornam-se mais curtos, bem formados, a mãe quase “ se cala ” cedendo lugar ao bebê. Assim, a mãe não mais ocupa um lugar discursivo, ela agora organiza este lugar discursivo do infante, passando a “ estruturar o compasso da melodia ” para o infante - como na *fala recortada e ritmada*.

É neste trabalho melódico que a criança vai modificando a sua posição discursiva e também se constituindo na/pela língua, pois vendo sua fala refletida no compasso melódico materno, começa também a atuar nesta língua, ainda que tendo sua estruturação significativa dependente da interpretação materna - na *fala enfática*. A criança também passa a instalar o processo especular, assumindo o lugar da mãe no discurso, e, por conseguinte, assumindo o seu próprio lugar enquanto falante.

Esta tese mostra também, embora não de maneira extensiva, que a história da relação dialógica entre pai e bebê segue uma trajetória própria, diferente da díade mãe-bebê. Em outras palavras, o “ outro ”, o “ interlocutor ”, o “ adulto ” de modo algum são conceitos generalizáveis nem são entidades únicas e pré-estabelecidas com relação à língua (gem).

6. Referências Bibliográficas

- Abaurre, M. B., Galves, C. & Scarpa, E. M.** (no prelo) “ A interface fonologia/sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem ”. In: Scarpa, E. M. (org.) Estudos de Prosódia. Editora da UNICAMP, Campinas.
- Ainsworth, M. D. S., Bell, S. M. & Stayton, D. J.** (1971) "Individual Differences in Strange Situation Behavior of One-Years-Olds". In: H. R. Schaffer (ed.) The Origins of Social Relations. Academic Press. London.
- Albano, E. C.** (1990) Da fala à linguagem: tocando de ouvido. Martins Fontes, SP.
- Bates, E. Camaioni & Volterra** (1976) “ The Acquisition of Performatives Prior to Speech ”. In: Language and Context. New York: Academic Press.
- Bullock, M.** (1979) Introduction: Prelinguistic communication a field for scientific research. In: M. Bullock, Before Speech. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bruner, J. S.** (1975) “ The ontogenesis of speech acts. ” Journal Child Language, 2
 _____ (1983) Childs Talk. Oxford University Press.
- Carvalho, G. M. M. de** (1995) “ Levantamento de questões sobre o erro em aquisição da linguagem ”. Letras de Hoje, vol. 30. Porto Alegre, RS.
- Cazden, C.** (1983) “ Adult assistance to language development: Scaffolds, models and direct instruction ”. In: Parker, R. P. & Davis, F. A. (eds.) Developing literacy: Young children's use of language. Newark, Delaware: International Reading Association.
- Castro, M. F. P. de** (1995) “ Ainda a negação: questões sobre a interpretação ”. Cadernos de Estudos Linguísticos, 29. Campinas, SP.
 _____ (1997a) “ Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança ”. Letras de Hoje, vol. 33. Porto Alegre, RS.

- _____(1997b) “ A fala do outro e a heterogeneidade da fala da criança ”. Revista Letras no. 14. Santa Maria, RS.
- Cross, T.** (1977) “ Mothers’ speech adjustment: The contribution of selected child listener variables ”. In: Waterson, N. & Snow, C. (eds.) The development of communication. Chichester: Wiley.
- Crystal, D.** (1969) Prosodic systems and intonation in english. Cambridge University Press.
- Cruttenden, A.** (1979) Language in infancy and childhood. Manchester: Manchester University Press.
- _____(1986) Intonation. Cambridge University Press.
- _____(1994) “ Phonetic and prosodic aspects of Baby Talk ”. In: C. Gallaway & B. J. Richards, Input and Interaction in Language Acquisition. Cambridge University Press USA.
- Dalet, V.** (1995) “ A entonação no dialogismo bakhtiniano ”. In: Brait, B. (org.) Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido. Editora da UNICAMP. Campinas SP.
- Decasper, A, & Fifer, W.P.** (1980) On human bonding: newborns prefer their mothers’ voices. Science, 208.
- De Lemos, C. T. G.** (1982) Interactional processes and the child’s construction of language. In W. Deutsch (org) The child’s construction of language. London: Academic Press.
- _____(1986) “ Interacionismo e Aquisição da Linguagem ” DELTA, vol.2 no.2.
- _____(1992) “ Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio ” Substratum, vol. 1, no. 1.
- _____(1995) “ Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem ”. Letras de hoje, no. 4
- _____(1997a) “ Native speaker’s intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? ” Cadernos de Estudos Linguísticos, 33. Campinas.

- _____. (1997b) " Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna ". The Trento Lectures and Workshop on Metaphor and Analogy. Trento, Italy.
- Dore, J.** (1975) " Holophrases, speech acts and language universals " J. Child Lang. 2 (1)
- Eimas, J. L., Siqueland, E. R., Jusczyk, P. W., & Vigorito, J.** (1971). " Speech perception in early infancy ". Science, 171.
- Ferguson, C.** (1964) " Baby talk in six languages ". In : American Anthropologist, 1966.
- _____. (1977). " Baby talk as a simplified register ". In Snow & Ferguson (org.). Talking to children. Language, input and acquisition. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fernald, A** (1984) The perceptual and affective salience of mother's speech to infants. In L. Feagans C. Garvey, R. Golinkoff, M. T. Greenberg, C. Harding & J. N. Bohannon (eds) The origins and growth of communication. Norwood NJ: Ablex.
- _____. & **Simon**, (1984) " Expanded Intonation Contours in Mothers' Speech to Newborn " Developmental Psychology vol. 20 No. 1.
- _____. & **Kuhl, P.** (1987) " Acoustic determinants of infant perception for motherese speech ". Infant Behavior and Development, 10.
- _____. , **Taeschner, T., Dunn, J., Papusek, M., Boysson-Bardies, B. , And Fukui, I.** (1989) . " A cross-language study of prosodic modifications in mothers' and fathers' speech to preverbal infants ". J. Child Lang. 16.
- _____. (1993) Human Maternal Vocalizations to Infants as Biologically Relevant Signals: An evolutionary perspective. In P. Bloom (ed) Language Acquisition. Core Readings. The MIT Press, Cambridge University Press.
- Ferreira, S. S.** (1989) A interação mãe-bebê: os primeiros passos. Dissertação de Mestrado, UFPE.
- Figueiredo, R. M.** (1994) Identificação de Falantes: Aspectos Teóricos e Metodológicos. Tese de Doutorado, IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- Fogel, A.** (1997). Infant, family and society. West Publishing Company. Minneapolis

/St. Paul..

- Gama, A.** (1989). Fala e ação no cuidado materno ao bebê. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- Garnica, O.** (1977) "Some prosodic and paralinguistic features of speech to young children". In C.E. Snow & Ferguson (orgs) Talking to children. Language input and acquisition. Cambridge: Cambridge University Press.
- Garton, A. F.** (1992) Social Interaction and the Development of Language and Cognition. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale: USA.
- Gebara, E. M. S.** (1984) The development of intonation and dialogue processes in two Brazilian children. Tese de Doutorado, The School of Oriental and African Studies, University of London.
- Gleitman, L. R., Newport, E. L. & Gleitman, H.** (1984) "The current status of the motherese hypothesis". Journal Child Language, 11.
- Gonçalves, M. J.** (1989) A construção da fala por uma criança. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- Griesel & Kuhl** (1988) "Maternal speech to infants in a tonal language: support for universal prosodic features in motherese." Developmental Psychology vol. 24 no. 1.
- Guimarães de Lemos, M. T.** (1989) "O que significa aprender a falar? Uma discussão entre a psicolinguística e a psicanálise". Texto Inédito, Campinas.
- _____ (1994) A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem. Tese de Doutorado, IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- Halliday, M. K.** (1975) Learning how to mean. Londres: Edward Arnold.
- Hollien, H. & Michel, J.** (1968) "Vocal fry as a phonational register". Journal of Speech and Hearing Research, no. 11.
- Ingram, D.** (1995) "The cultural basis of prosodic modifications to infants and children: a response to Fernald's universalist theory" Journal Child Language, 22.
- Kent, R. D. & Murray, A D.** (1982) "Acoustic features of infant vocalic utterances at 3, 6 and 9 months" Journal Acoustic Society American (72) 2.

- _____**& Read, C.** (1992) The Acoustic Analysis of Speech. San Diego: Singular Publishing Group.
- _____**& Miolo, G.** (1995) Phonetic Abilities in the First Year of Life. In: Fletcher & MacWhinney (1995) The Handbook of child language. Basil Blackwell Ltda. Oxford UK.
- Kemler Nelson, D. G., Hirsh-Pasek, K., Jusczyk, P. W. & Wright Cassidy, K.** (1989) "How the prosodic cues in motherese might assist language learning". Journal Child Language, 16.
- Laver, J.** (1980) The Phonetic Description of Voice Quality. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1994) Principles of Phonetics. Cambridge: Cambridge University Press
- Lewis, M.** (1936) Infant speech. A study of the beginning of language. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd.
- Lecanuet, J.-P., & Granier-Deferre, C.** (1993) "Speech stimuli in the fetal environment". In: KENT, R. D. & MIOLO, G. (1995) Phonetic Abilities in the First Year of Life.
- Lier, M. F.** (1983) A constituição do Interlocutor Vocal. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- Lier De-Vitto, M. F.** (1994) Os Monólogos da Criança: "Delírios da Língua". Tese de Doutorado, IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- Lindblom, B.** (1985) "Phonetic universals in vowel systems". In: Ohala, J. & J. J. Jaeger. Experimental phonology. Academic Press.
- Lock, A.** (1980) The guided reinvention of language. London: Academic Press.
- Locke, J. L.** (1995) "Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada". In: P. Fletcher & B. MacWhinney (eds.) Compêndio da Linguagem da Criança. Trad. M. A. G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre.
- Lyra, M. C. & Rossetti-Ferreira, M. C.** (1989) "Processos dialógicos e a construção da partilha na díade mãe-bebê". Cadernos de Estudos Linguísticos, 16, Campinas.

- _____; Pantoja, A P. F.; Cabral, E. P.; Souza, M. de & Moutinho, A K. (1995) "A produção vocal do bebê: Construção partilhada pela diáde" Psicologia: Teoria e Debate, vol. 11 no.1
- Marcuschi, L. A. (1988) Análise da Conversação. Ática.
- Masakata, N. (1992) "Pitch characteristics of japanese maternal speech to infants" Journal Child Language, 19.
- Mehler, J., Bertoncini, J., Barriere, M. & Jassik-Gerschenfeld, D. (1978) "Infant recognition of mother's voice". Perception no. 7.
- _____, Jusczyk, P., Lambertz, G., Halsted, N., Bertoncini, J. & Amiel-Tison, C. (1988) "A precursor of language acquisition in young infants". Cognition, 29.
- Newport, E. L., Gleitman, L. R. & Gleitman, H. (1977) "Mother, I'd rather do it myself: some effects and non-effects of maternal speech style". In: Snow, C. & Ferguson, C. A. (eds.) Talking to children: Language, input and acquisition. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ochs, E. & Schieffelin, B. B. (1995) "O impacto da socialização da linguagem no desenvolvimento gramatical". In: P. Fletcher & B. MacWhinney (eds.) Compêndio da Linguagem da Criança. Trad. M. A. G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre.
- Penman, Cross, Milgrom-Findman & Mears (1983) "Mother's speech to prelingual infants: a pragmatics analysis", Journal Child Language, 10.
- Reilly & Bellugi (1996) "Competition on the face: affect and language in ASL motherese" Journal Child Language, 23.
- Rocha Filho, Z. A. B. (1989) A narração de futebol no Brasil: um estudo fonostilístico. Dissertação de Mestrado, IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- Rubino, R. (1989) Representando o interlocutor no período pré-lingüístico. Dissertação de Mestrado. Pontífice Universidade Católica - São Paulo
- Scarpa, E. M. (1988) "Desenvolvimento da Intonação e a Organização da Fala Inicial" Cadernos de Estudos Lingüísticos, 14, Campinas.

- _____ (1990) "The development of intonation and dialogue processes". In: Snow, C. & G. Conti-Ramsden (org.) Children's language, vol. VII. Hildale, Lawrence Erlbaum Ltd.
- _____ (1992) "Sobre a aquisição da prosódia". Anais do II Encontro de Aquisição da Linguagem. Porto Alegre, PUC-RS.
- _____ (1995) "Sobre o sujeito fluente". Cadernos de Estudos Linguísticos, 29. Campinas.
- _____ (1997) "Learning External Sandhi: Evidence for a Top-Down Hypothesis of Prosodic Acquisition. In: Proceedings of the GALA '97 Conference on Language Acquisition. Universidade de Edinburgo.
- _____ (no prelo) a. "Relação entre Fatos Prosódicos e Fatos Sintáticos: O Caso dos Sons Preenchedores". Campinas. In: Scarpa, E. M. Estudos de Prosódia. Editora da UNICAMP, Campinas.
- _____ (no prelo) b. Interfaces entre Componentes e Representação na Aquisição da Prosódia. Conferência apresentada no IV Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem. PUC-RS, novembro de 1997.
- _____ & Lier, M. F. (1991) Remarks on language perception. Texto inédito. Campinas.
- Snow, C. E. (1972) "Mothers' speech to children learning language". Child Development, no. 43.
- _____ (1986) "Conversations with children". In: P. Fletcher & M. Garman (eds.) Language Acquisition. New York: Cambridge University Press.
- _____ (1995) "Questões no estudo do INPUT: sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas, e causas necessárias". In: P. Fletcher & B. MacWhinney (eds.) Compêndio da Linguagem da Criança. Trad. M. A. G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre.
- _____ & Ferguson, C. (orgs) (1977) Talking to children. Language input and acquisition. Cambridge: Cambridge University Press.

- Stark, R. E.** (1979) "Prespeech segmental feature development". In: Fletcher, P. & Garman, M. (eds.) Language Acquisition. New York: Cambridge University Press.
- Stern, Spieker & Mackain** (1982) "Intonation contours as signals in maternal speech to prelinguistic infants" Developmental Psychology, vol. 18 no. 5.
- Stern, Spieker, Barnett & Mackain** (1983) "The prosody of maternal speech: Infant age and context relates changes" Journal Child Language 10.
- Trevarthen, C.** (1979) "Communication and co-operation in early infancy: a description of primary intersubjectivity". In: Bullowa, M. (ed.) Before Speech. Cambridge: Cambridge University Press.
- Werker, J. F., & Pegg, J. E.** (1992) Infant speech and phonological acquisition. In: KENT, R. D. & MIOLO, G. (1995) Phonetic Abilities in the First Year of Life.
- _____ & Tess, R. C. (1984) Cross language speech perception: evidence for the perceptual reorganization during first year of life". Infant Behavior and Development, no. 7.
- Winnicott, D. M.** (1960) "The relationship of mother to her baby at the beginning". In D. M. Winnicott (ed.) The family and individual development. Londres: Tavistock Publications.
- Wolff, P. H.** (1969) "The natural history of crying and other vocalization in early infancy". In: Foss, B. M. (ed.) Determinants of infant behaviour, vol. 4. London: Methuen.
- Zlatin, M.** (1974) "Voicing contrast: perceptual and productive voice onset time characteristic of adults". Journal of the Acoustical Society of America, no. 56.

Anexo**Ficha de transcrição**

[illegible]